

Sonhos Realizados

(Sicilian Husband, Unexpected Baby)

Sharon Kendrick



32º Livro da Série Italian Husbands

Quando o marido de Emma, um bilionário siciliano, soube que ela não podia ter filhos, seu casamento terminou. Porém, ao retornar à Inglaterra, Emma descobriu que um milagre havia acontecido: ela estava grávida!

Incapaz de pagar suas contas, Emma se vê forçada a pedir ajuda a Vincenzo. Agora que sabe que será pai, ele reivindicará seu herdeiro! E se a mãe de seu filho quiser permanecer com a criança, terá de voltar para ele...



Altos, morenos, sensuais... E prontos para o casamento!

Digitalização: Simone R.

Revisão: Symone Nit

Projeto Revisoras



Querida leitora,

Emma não se acreditava capaz de ter filhos, e isso acabou com seu casamento. Algum tempo depois de partir, no entanto, ela descobre que um milagre aconteceu. É necessário contar a Vincenzo, que precisa saber que tem um filho, um herdeiro para sua fortuna. Mesmo que ele possa querê-la de volta, Emma não se entregará facilmente. Se Vincenzo realmente a deseja, terá de usar todo o seu poder de sedução...

Equipe Editorial Harlequin Books

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./SÀr.I.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamen-to ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: SICILIAN HUSBAND, UNEXPECTED BABY

Copyright © 2008 by Sharon Kendrick

Originalmente publicado em 2008 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABRELTS SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

EMMA FOI tomada por uma sensação súbita de um medo muito real que lhe arrepiou a pele. Olhou para o homem magro de pé à sua frente e compôs seu rosto cuidadosamente... porque a última coisa que queria demonstrar era pânico.

— Mas não tenho condições para um aumento de aluguel, Andrew — disse ela calmamente. — Você sabe disso.

O homem deu de ombros como que se desculpan-do, mas sua expressão não mudou.

— E não estou fazendo caridade. Desculpe, Emma... mas eu poderia ganhar quatro vezes o valor que estou lhe cobrando se procurasse um novo inquilino.

Como um robô, Emma assentiu. É claro que ele po-deria. Chalezinhos bonitos em pequenas cidades ingle-sas eram procurados com avidez o tempo todo. Parecia que todos hoje em dia almejavam uma vida rural.

O homem hesitou.

— Não há ninguém a quem você possa pedir aju-da? E quanto ao seu marido?

Rapidamente Emma se levantou, com uma fraca tentativa de um sorriso, imaginando se o meio sorriso enganava alguém. A simples menção ao homem com quem havia casado tinha o poder de deixá-la mais frágil do que já estava, mas a fraqueza não ocupava mais lugar em sua vida. Simplesmente não tinha condições de permitir isso.

— É muita gentileza sua se preocupar, mas o pro-blema é meu — disse ela friamente.

— Emma...

— Por favor, Andrew — interrompeu ela, tentan-do manter o tom de voz calmo... porque nunca falava com ninguém sobre Vincenzo. — Ou dou um jeito de pagar o aluguel, ou me mudo para algum lugar mais barato. São as duas únicas soluções que me restam.

Ela sabia que havia também uma terceira opção ve-lada... Andrew deixara isso muito claro... naquela sua doce e educada maneira britânica. Mas ela não iria co-meçar a sair com ele apenas para manter seu aluguel abaixo do preço de mercado. E, de qualquer modo, não queria um namorado. Não queria mais ninguém em sua vida. Não tinha tempo ou inclinação para um rela-cionamento com o sexo oposto. E o desejo morrera em seu interior no dia em que havia deixado Vincenzo.

Andrew se despediu, desaparecendo no entardecer de novembro. Então Emma ouviu um barulho e en-trou no pequeno quarto para ver seu filho sonolento.

Já com dez meses... Como era possível?

Ele estava crescendo assustadoramente a cada dia... desenvolvendo sua estatura pequena e vigorosa, jun-tamente com uma personalidade forte bem definida.

O menino havia chutado o edredom para longe e estava agarrando seu coelhinho de pelúcia como se sua vida dependesse disso. O coração de Emma se apertou de amor e preocupação.

Se tivesse de se preocupar apenas consigo mes-ma, tudo seria mais fácil. Havia um bom número de empregos disponíveis no mercado que ofereciam um quarto, e poderia alegremente ter aceitado um deles.

Mas não era somente ela. Havia seu filho para se pre-ocupar... e Emma lhe devia tudo de melhor que o mundo pudesse oferecer. Não era culpa dele que seu nascimen-to a tinha colocado numa situação impossível.

Emma mordeu o lábio. Sabia que a sugestão de An-drew fazia sentido, mas não era tão fácil assim... e Andrew não sabia dos detalhes, de qualquer forma. Ninguém sabia. Ela

poderia realmente engolir seu orgulho e suas crenças e ir até seu marido, pedindo-lhe assistência financeira? Uma ajuda que talvez lhe fosse devida por lei.

Vincenzo era um homem fabulosamente rico... mesmo que agora a desprezasse e tivesse lhe dito que nunca mais queria vê-la. Talvez pudesse ser honesto e justo, fazendo algum tipo de acordo financeiro, se Emma lhe pedisse o divórcio.

Cansada, ela esfregou os olhos. Que outra solução havia? Não tinha qualificações para altos salários, e a última vez que saíra de casa para trabalhar acabara pagando a maior parte de seu magro salário para uma babá que ficara tomando conta do filho.

E o pequeno Gino havia detestado aquilo.

Então a própria Emma assumira a função de babá do pequeno Gino, assim como de filhos de outras mães, no próprio chalé. Tinha parecido o ajuste perfeito... ela adorava crianças, e era um meio de ganhar dinheiro para pagar as contas sem ter de deixar seu filho tão amado nas mãos de outra pessoa.

Mas ultimamente mesmo essa solução fora por água abaixo.

Diversas mães haviam se queixado de que o chalé de Emma era muito frio para seus filhos, exigindo que ela aumentasse a temperatura do aquecedor, o que significava um gasto maior na conta de gás. Duas haviam retirado seus filhos imediatamente, e logo não restariam mais crianças para tomar conta nem haveria qualquer dinheiro entrando.

Como, pelo amor de Deus, iria se sustentar e ao seu filho? Pôr um teto sobre suas cabeças, se Andrew aumentasse o aluguel? Emma quis chorar, mas sabia que não tinha condições de ceder ao luxo de lágrimas... e lágrimas não resolveriam absolutamente nada. Não havia ninguém para secá-las, exceto ela mesma, e lágrimas eram para bebês... embora estivesse determinada a fazer seu garotinho chorar o mínimo possível. Precisava ser adulta agora.

Abrindo a gaveta da pequena mesa de telefone, re-tirou o velho cartão de visitas... sua mão começando a tremer quando olhou para o nome que saltava diante de seus olhos como um corvo negro no céu.

Vincenzo Cardini.

Sob o nome, havia os endereços dos escritórios de Roma, Nova York e Palermo... para os quais levaria uma infinidade de tempo para ligar... mas constava também o número dos escritórios de Vincenzo em Londres, onde presumia que ele ainda trabalhasse regularmente.

Todavia, doía pensar que ele ainda pudesse possuir um grande número de prédios na capital enquanto ela vivia naquela pobreza. Doía também perceber que Vincenzo pudesse ter passado esse tempo no mesmo país que ela e nem uma vez... *nem uma única vez...* se preocupado em procurá-la ou contatá-la, nem mesmo pelos velhos tempos.

Bem, é claro que não a procuraria. Ele não a ama mais, nem sequer gosta de você... deixou isso bem claro. Lembre-se das suas últimas palavras para você... ditas naquela sua fria e pachorrenta linguagem siciliana: "Vá embora daqui, Emma, e não volte... porque você não é mais a minha esposa."

Mas ela já não tentara lhe telefonar antes, não uma vez, mas duas vezes... e em ambas ele tinha se recusado, de modo humilhante, a falar com ela? Quem garantiria que desta vez seria diferente?

Contudo, Emma sabia que devia ao filho continuar tentando.

Devia a Gino o direito de conhecer o conforto básico que toda criança merecia, de usufruir do dinheiro que o pai pudesse proporcionar. Isso não era mais importante do que qualquer outra coisa? Tinha de fazer isso, pelo bem de Gino.

Emma tremeu de frio, colocando um suéter sobre seu corpo magro. Naqueles dias, suas roupas pareciam engoli-la. Geralmente usava diversas camadas de roupas naquele friozinho de outono para manter-se aquecida.

Mas logo seu filho acordaria, então teria de ligar o aquecedor a gás e suas parcas

economias seriam en-golidas pela energia despendida.

Não havia, conscientizou-se ela, outra escolha senão ligar para Vincenzo. Passando a língua pelos lábios repentinamente ressecados, pegou o telefone e discou o número com dedos trêmulos, o ritmo de seu coração acelerado, fazendo-a sentir-se tonta pela ex-pectativa.

— Alô? — A voz da mulher que atendeu era suave e com um leve sotaque.

Mas Vincenzo empregava apenas pessoas que falas-sem tanto italiano como inglês, lembrou-se Emma.

Ele preferia que seus empregados também falassem o muito especial dialeto siciliano... o que era um mis-tério para muitos. Porque sicilianos selecionam-se uns aos outros, Vincenzo lhe dissera uma vez. Eles eram membros de um único clube do qual tinham grande orgulho. Na verdade, quanto mais Emma pensava so-bre isso, mais surpresa ficava com o fato de ele a ter escolhido como esposa, afinal de contas... Emma não falava nada mais do que um italiano superficial.

Ele casou com você porque se sentiu obrigado, lem-brou. E Vincenzo não lhe disse isso diversas vezes? Assim como o casamento rompeu-se porque você não foi capaz de cumprir sua parte na barganha.

— Alô? — Veio a voz da mulher novamente.

— Eu gostaria de saber — Emma pigarreou — como poderia falar com o sr. Cardini, por favor?

Houve um curto silêncio... como se a telefonista estivesse chocada que uma desconhecida hesitante ousasse pedir para falar com o onipotente chefe.

— Posso saber quem está falando?

Emma deu um suspiro profundo. *Lá vamos nós!*

— Meu nome é... Emma Cardini. Uma outra pausa se seguiu.

Então não houve nenhum reconhecimento de seu nome ou de seu status. Nem respeito, também... e algo bem fundo dentro de Emma a fez sofrer pela rejeição.

— Sou esposa dele — disse ela simplesmente.

A mulher claramente perdeu o chão e Emma qua-se podia ouvi-la pensando: *Por Deus, o que eu disse a ela?*

— Por favor, aguarde na linha — disse a mulher finalmente.

Emma foi forçada a esperar por o que pareceu uma eternidade, enquanto gotas de suor escorriam de sua testa, apesar do ar frio no chalé. Estava em silêncio, praticando dizer "Alô, Vincenzo" repetidas vezes na cabeça para que soasse o mais casual possível, quando a voz da telefonista interrompeu-lhe os pensamentos.

— O sr. Cardini pediu que eu lhe dissesse que está numa reunião e não pode ser perturbado.

A humilhação a atingiu em cheio e Emma viu-se apertando o receptor do telefone como se quisesse es-traçalhá-lo na palma da mão. Estava prestes a desligar e voltar ao berço quando percebeu que a mulher ainda estava falando.

— Mas ele falou que se você não se importar de deixar um número de telefone, irá retornar a ligação quando o momento for oportuno.

Com o orgulho ferido, Emma quis lhe mandar um recado que ele fosse para o inferno, já que não podia sequer ser importunado para atender a mulher com a qual havia casado.

Mas, infelizmente, não podia se dar ao luxo de ter orgulho.

— Sim, então anote meu número — murmurou ela calmamente. — Você tem uma caneta?

— É claro que tenho... — Veio a resposta em tom de voz divertido.

Depois de desligar o telefone, Emma foi beber uma xícara de chá, segurando a caneca fumegante com seus dedos frios, enquanto olhava para fora da janela da cozinha e para o pequeno jardim que tinha planta-do com amor.

Brilhantes castanhas-da-índia, de um castanheiro da enorme propriedade de Andrew, haviam caído so-bre o muro de pedra e sobre seu pequeno gramado. Ela planejava plantar, num canto não utilizado do ter-reno, um pé de jasmim para perfumar as longas noites de verão... mas, aparentemente, nenhum daqueles so-nhos se realizaria agora.

Porque existia outro aspecto negativo que não ha-via sequer considerado até agora. Se fosse forçada a se mudar daquele paraíso rural... onde seu garotinho brincaria quando começasse a engatinhar e depois andar?

O som do telefone tocando interrompeu seus pen-samentos perturbadores e Emma apressou-se em aten-der a ligação antes que pudesse acordar o bebê.

— Alô?

— *Ciao*, Emma.

As palavras a atingiram como um balde de água fria. Ele pronunciava seu nome como ninguém mais... mas então, tudo que Vincenzo fizesse ou dissesse nunca se parecia remotamente com ninguém mais. Era único... como uma gema negra rara brilhando perigosamente.

Lembra-se da maneira que você esteve praticando dizer o nome dele, de modo que soasse neutra, casual e gentil? Bem, agora é a hora de pôr isso em prática.

— Vincenzo. — Ela engoliu em seco. — Foi genti-leza de sua parte retornar a minha ligação.

No outro lado do telefone, os lábios duros de Vin-zenzo se curvaram em uma paródia cruel de sorriso. Ela falava como se estivesse prestes a comprar um computador dele! Com aquele sotaque inglês suave que costumava deixá-lo louco... tanto na cama como fora dela... mesmo agora podia experimentar o come-ço daquela sensação gostosa no seu baixo ventre.

— Consegui um breve intervalo nos meus compro-missos — disse ele despreocupadamente, fixando o olhar na direção da agenda aberta na sua mesa. — O que você quer?

A despeito de ter lhe dito que não mais se importava com o que ele pensasse sobre ela, Emma era mulher suficiente para conhecer uma ponta dolorosa de arre-pendimento. Ele lhe falava com menos consideração e calor do que daria a alguém que estivesse removendo o lixo de sua casa.

Era impressionante quão rapidamente o fogo da paixão podia se transformar em brasa fria!

Portanto, responda-lhe da mesma maneira fria... Mantenha essa atitude despreocupada e formal, e tal-vez isso não a machuque tanto.

— Eu quero o divórcio.

Houve uma pausa. Uma longa pausa. Franzindo o cenho, Vincenzo recostou-se em sua cadeira, esten-dendo as longas pernas à frente enquanto considerava a declaração feita de maneira tão direta.

— Por quê? Você conheceu outra pessoa? — per-guntou ele secamente. — Talvez esteja planejando casar de novo?

A indiferença dele a feriu mais do que esperava. Poderia ser o mesmo Vincenzo que uma vez havia ameaçado estraçalhar os membros de um homem que a convidara para dançar, até que ela o acalmara, dizendo-lhe que não tinha nenhum desejo de dançar com outro homem senão com ele? Não, é claro que não era. Aquele Vincenzo a amara... ou, pelo menos, havia alardeado que a amava.

— Mesmo se eu tivesse conhecido alguém... posso lhe assegurar que eu não casaria de novo. Você me fez desistir da idéia de casamento por toda a eternidade, Vincenzo — disse ela, esperando feri-lo de volta, mas era perda de tempo, porque a risada dele em resposta estava plena de cinismo.

— O que não responde a minha pergunta, Emma — persistiu ele.

O coração de Emma bateu descompassado no peito.

— E... não tenho de responder isso.

— Acha que não? — Vincenzo girou na sua cadeira e olhou para a linha do horizonte de Londres... para o espetacular agrupamento de arranha-céus que domi-nava a área, dois dos quais lhe pertenciam.

— Bem, sendo assim, essa conversa não vai chegar a lugar algum, não é?

— Não precisamos ter uma *conversa*, Vincenzo, precisamos...

— Temos de estabelecer fatos. — As palavras gela-das a interromperam. — Você tem uma agenda?

— Minha agenda?

— Vamos agendar uma data para nos encontrar-mos, e aí conversamos sobre isso.

No pequeno chalé, os joelhos de Emma enfraque-ceram e ela agarrou a mesa para apoiar-se.

— Não!

— Não? — Seu tom não era divertido quando ou-viu o repentino pânico na voz de Emma. — Você acha realmente que eu pretendo discutir o fim do nosso ca-samento ao telefone?

— Não há necessidade de um contato pessoal... podemos fazer tudo através de advogados — disse Emma.

— Então vá em frente e faça isso — retaliou ele. Vincenzo a estava acusando de blefar porque, de algum modo, desconfiava que Emma estivesse numa posição fraca? Mas ele *não poderia* saber disso.

— Se você quer a minha cooperação, então sugiro que me encontre em algum lugar, Emma — conti-nuou Vincenzo suavemente —, caso contrário, pode ter uma batalha muito longa e muito dispendiosa nas mãos.

Emma fechou os olhos, controlando-se para não chorar... porque ele se aproveitaria de qualquer sinal de sua fraqueza. Como podia ter se esquecido daquela decisão firme de Vincenzo, daquela determinação tei-mosa de obter exatamente o que queria?

— Por que você lutaria contra mim, Vincenzo? — perguntou ela. — Quando ambos sabemos que esse casamento está morto e nenhum de nós quer que ele continue...

Talvez se ela tivesse deixado uma lágrima escapar, talvez se sua voz oscilasse apenas com um mínimo tremor de emoção... então talvez Vincenzo a houvesse tratado com indulgência. Mas sua maneira fria e racio-nal enfureceu o que tinha estado adormecido desde que o casamento deles terminara... e agora ele sentia isso brotar com toda força em seu interior. Naquele mo-mento, ele não sabia realmente o que queria... tudo que sabia era que queria frustrar os desejos de Emma.

— Pode ser na segunda-feira? — perguntou ele, como se ela não tivesse falado.

Contendo as lágrimas que insistiam em brotar nos olhos, Emma não precisou consultar sua agenda... sequer tinha uma. Por que teria? Sua vida social era inexistente naqueles dias, e esse era o modo que gostava.

— Segunda-feira parece ser um bom dia — disse Emma, como se também tivesse um raro horário em sua agenda. — A que horas?

— Onde você está morando? Podemos jantar? Ela pensou sobre aquilo... o último trem de volta para Boisdale vindo de Londres saía justamente de- pois das 11h, e se o perdesse? Sua amiga Joanna fi-caria feliz em cuidar de Gino durante o dia, mas ficar com ele à noite envolveria um pouco mais de malabarismo, e Emma detestava ser inconveniente. Além do mais, nunca se separara do seu garotinho por uma noite e não pretendia começar agora.

Ignorando a primeira parte da pergunta dele, Emma esforçou-se em parecer casual.

— Não, jantar não.

— Por quê? Você está ocupada à noite? — zombou ele.

— Não moro em Londres. É mais fácil se almoçar-mos juntos.

Vincenzo inclinou-se quando uma morena estonte-ante numa saia bem talhada e justa entrou para colocar uma xícara de café expresso na mesa à sua frente, e ele sorriu, fazendo uma pausa enquanto lhe admirava o traseiro arredondado no momento que ela saiu do escritório. Mas logo parou de sorrir.

— *Si*, então almoçaremos — disse ele suavemente. — Providenciarei para que alguém nos prepare algu-ma coisa aqui mesmo. Venha para meu escritório... ainda lembra como chegar aqui?

Mas Emma não gostou da idéia de ir para o escritó-rio dele em Londres... com sua brilhante magnificên-cia, escarnecendo-a sobre a enorme desigualdade de seus dois estilos de vida.

E o escritório não era um território neutro, era?

Vincenzo teria a vantagem estando em seu local, e não havia nada que ele gostasse mais.

— Você não preferiria se fôssemos para um... res-taurante?

Uma vez mais Vincenzo pensou ter detectado uma onda de esperança na voz de Emma, e ficou surpreso pelo prazer que lavou sua alma quando se encharcou naquela onda.

— Não, não quero ir a um restaurante — ele reafir-mou. E ser contido pela mesa entre os dois, o exército de garçons solícitos ao redor e as formalidades do am-biente? De modo algum. — Esteja aqui à 1h da tarde.

E então, para total espanto de Emma, ele desligou a conexão e deixou-a falando sozinha. Vagarosamen-te ela recolocou o telefone na base e, quando olhou para cima, viu-se num relance no pequeno espelho pendurado sobre a mesinha do telefone. Seus cabelos pareciam desalinhados, sua face branca como neve, e havia olheiras sob os olhos. E Vincenzo tinha sido sempre tão exigente no que dizia respeito à aparên-cia... Emma fora uma boneca para ele.

Embora fosse siciliano, ele felizmente adotara o ideal italiano de *La bella figura...* a importância da imagem.

Mordendo o lábio, ela imaginou o desprezo naque-les olhos pretos zombeteiros se ele pudesse vê-la ago-ra. E qualquer desdém certamente a poria em posição de desvantagem.

Entre agora e segunda-feira, iria ter de fazer algu-ma coisa drástica com sua aparência.

CAPÍTULO DOIS

COM o coração batendo descompassado contra o peito, Emma olhou para o suntuoso edifício Cardini, adqui-rindo coragem para entrar. O edifício tinha uma bonita estrutura... recoberta quase inteiramente por vidros. Seu *design* havia rendido muitos prêmios, e evidencia-va luxo e riqueza através de cada detalhe da fachada de vidro, a qual refletia e enfatizava ainda mais seu estado de pobreza naquela área rica de Londres.

O tempo que gastara tentando achar alguma coisa adequada para usar havia sido um pesadelo... todas as suas roupas eram práticas, não elegantes... e nenhuma tinha a qualidade dispendiosa que fora sua segunda natureza na época que era esposa de Vincenzo.

Finalmente, havia escolhido um vestido liso e sim-ples, que complementou com um colar brilhante e sa-patos de salto alto.

Somente seu casaco era de excelente qualidade, podia se dizer... bem modelado e de *cashmere* preto, com minúsculas violetas bordadas ao longo de toda a bainha do tecido caro, como se alguém tivesse atirado um punhado de flores ali. Vincenzo havia lhe com-prado o casaco em uma das lojas mais caras de Mi-lão, escapando do hotel deles numa tarde, deixando-a adormecida na cama da suíte, para retornar com uma enorme caixa embrulhada para presente.

Ela preferia não usá-lo hoje... era uma peça reple-ta de recordações de um passado não muito distante. Mas o casaco era quente e, o mais importante, elegan-te o suficiente para ser usado em qualquer situação.

E qual era a alternativa? Entrar nos escritórios Cardini usando seu casaco de pele falsa, bastante usado por pessoas como ela, quase sem dinheiro?

Passando pela porta giratória, Emma hesitou no imenso saguão arejado e dirigiu-se à recepção... uma caminhada que parecia nunca mais acabar.

A matrona atrás do balcão deu-lhe um sorriso brando.

— Posso ajudá-la?

— Tenho... tenho um encontro agendado com o sr. Cardini.

A mulher olhou numa lista.

— Emma Cardini?

— Sou eu mesma — concordou ela, pensando que a mulher quase não podia esconder seu olhar de sur-presa.

Uma unha perfeitamente pintada de cor-de-rosa foi apontada para o fim do saguão.

— Pegue o elevador para o último andar do edifício e alguém a estará esperando lá.

— Obrigada.

Quando o elevador subiu silenciosamente, Emma pensou quanto tempo fazia desde que tinha visitado Londres... e quanto tempo fazia desde que ficara sem seu filho. E nunca por um dia inteiro, como este. Ele estaria bem?, perguntou-se pela centésima vez desde que comprara seu bilhete na estação de trem de Boisdale. Ou choraria irritado quando percebesse que sua mãe sumira por algumas horas?

Tirando seu celular da bolsa, ela olhou para a tela escura. Sem mensagens.

Pedira que Joanna lhe telefonasse se houvesse qualquer problema... o que significava que tudo de-veria estar bem.

Então faça o que tem de fazer, pensou ela, dando um suspiro profundo quando o elevador parou e as portas se abriram para revelar uma morena elegante numa saia justa e curta e uma blusa que era obviamen-te de seda pura.

Os cabelos estavam artisticamente arrumados, havia dois diamantes refulgentes em suas orelhas, e de repen-te Emma sentiu-se como a prima pobre do interior que estava ali para uma visita. De quantas mulheres bonitas Vincenzo precisava para trabalhar ao seu lado?

— Sra. Cardini? — perguntou a mulher. — Pode-ria, por favor, me acompanhar? Vincenzo a está es-perando.

Bem, é claro que ele está me esperando!, Emma quis gritar quando olhou para a mulher oscilando seu traseiro em direção às portas duplas. E quem lhe deu o direito de chamar meu marido por seu primeiro nome dessa maneira um tanto patética?

Mas ele não iria ser seu marido por muito tempo, iria? E, na verdade, não tinha sido seu marido por muito tempo... Portanto, melhor perder o ciúme irra-cional agora mesmo, Emma.

As portas foram abertas com uma espécie de floreado, parecendo indicar que ela estava sendo intimada à presença de alguém terrivelmente importante, e Emma preparou-se para a visão de Vincenzo, como treinara durante a caminhada para lá. Mas

nada po-deria prepará-la para a realidade sufocante de ver seu marido novamente.

Ele estava de pé em frente a uma parede de vidro do escritório do tamanho de uma arena... e, portanto, ela viu primeiramente sua silhueta. Mas o contorno escu-recido serviu apenas para enfatizar um físico que era magnífico... a espécie de perfeição que os esculto-res costumavam usar como ideal masculino desde os primórdios do tempo.

As mãos estavam abertas um tanto arrogantemen-te sobre os quadris estreitos... mas arrogância sempre tinha sido o nome do meio de Vincenzo. Ele sempre obtinha o queria... e usualmente conseguia isso com um misto de poder, persuasão e puro carisma.

Emma engoliu em seco, a lembrança fazendo-a sentir-se mais protegida... porque possuía uma coisa muito preciosa que Vincenzo não podia tomar, por mais poderoso que fosse.

— Olá, Vincenzo — disse ela.

— Emma — respondeu ele, num tom de voz que ela nunca o ouvira usar antes.

A morena foi dispensada com uma breve ordem em italiano, e rapidamente deixou o escritório, fechando a porta. Vincenzo saiu da sombra para a luz da sala e, a despeito de tudo, Emma sentiu seu estômago comprimir-se quando o olhou.

Estava ainda mais maravilhoso do que ela se lem-brava quando tinha concordado em casar com ele.

Emma lembrou-se de quando fora tomada pela excitação selvagem e estonteante de estar apaixonada... tão extasiada que não parara para pensar que ele tinha uma aparência extraordinariamente notável. Então, quando o casamento havia começado a desmoronar, Vincenzo se tornara frio, gelado, indiferente... ela se retraía, e os dois haviam se afastado.

Mas desde então Emma sofrera muito, enfrentando diversas dificuldades. Ultimamente, não tinha nenhu-ma ilusão de que amara um sonho... e naquele mo-mento Vincenzo parecia como um homem do sonho de toda mulher.

Ele estava vestido de modo impecável, num da-queles ternos impressionantemente bem-cortados que conseguiam ser formais sem parecer que eram, e que somente podiam ter sido confeccionados na Itália.

Ele tirara o paletó, revelando uma camisa de seda branca que insinuava o corpo sólido que havia por baixo. E tinha também afrouxado a gravata e aberto os primeiros botões da camisa, de modo que ela po-dia vislumbrar, excitada, os pelos negros e sedosos do peito másculo.

Mas era o rosto que a hipnotizava mais, e Emma permitiu que seu olhar o alcançasse quase relutante-mente... como se temendo o impacto que aquilo lhe causaria.

E então sentiu um choque doloroso quando perce-beu que estava olhando para uma versão endurecida e cínica das pequenas feições suaves de Gino.

Vincenzo alguma vez já tinha parecido tão suave e acessível?, pensou Emma quando seus olhos o enca-raram com uma avidez que não podia reprimir.

Ele teria sido quase classicamente bonito se não fosse pelo fato de ter uma pequena cicatriz em forma de "V" no queixo. E seu rosto era duro, também, com olhos negros brilhando intensamente e um sorriso com ricto de crueldade.

Mesmo quando ele a tinha perseguido com ardor, o sorriso era quase sempre aquele. Uma qualidade que freqüentemente a deixara em estado de alerta. Porque ele sempre a tratara com uma espécie de autoridade autocrática. Emma havia sido somente outra posse a ser adquirida ao longo do caminho... a noiva virgem que nunca conseguira realizar as expectativas dele.

— Faz muito tempo — disse Vincenzo, e o tom de voz era amargo. — Deixe-me ajudá-la com seu casaco.

Ela quis dizer-lhe que não ficaria por muito tem-po, mas sabia que não poderia ir embora até que ele quisesse.

Além do mais, havia concordado em almoçar com ele e o aquecedor central no

escritório significava que o casaco que usava era impraticável. Mas a última coisa que queria era Vincenzo tirando-lhe o casaco dos ombros, as mãos grandes roçando contra sua pele vulnerável, o mero gesto fazendo-a recordar-se das muitas vezes que ele a despira.

— Eu mesma faço isso — murmurou ela, retirando o casaco e pendurando-o de modo desajeitado sobre o espaldar de uma cadeira.

Vincenzo a examinava com um ar de fascinação.

Ele reconheceu o casaco imediatamente, mas o vestido era novo... e bem feioso, aliás. Os lábios dele se curvaram.

— O que, em nome de *Dio*, você tem feito consigo mesma?

— O que quer dizer com isso? — Com esforço, ela manteve a voz firme, tentando disfarçar o medo de que, de alguma forma, ele tivesse descoberto sobre Gino. Mas não podia ter descoberto, ou não a estaria olhando com aquela expressão estranha e detestável no rosto. Nem mesmo era um bom ator.

— Você anda fazendo um desses regimes execráveis?

— Não.

— Mas está magra demais.

Aquilo era resultado de ter amamentado por muito tempo... Emma havia parado somente há dois meses. E se você adicionasse as funções de tomar conta de criança, cozinhar, fazer compras, limpeza, jardinagem e levar uma vida agitada sem ninguém mais para aju-dar, não era de admirar que realmente tivesse perdido peso.

— Você está pele e osso — continuou ele, ainda no mesmo tom crítico.

Talvez ela devesse se sentir insultada pelas palavras duras, porque aquele era o homem que costumava lhe dizer que ela era uma *Vênus*, que tinha o corpo mais perfeito que já vira numa mulher. Pelo menos, desta vez, a censura indisfarçável assegurava a Emma que o relacionamento estava realmente acabado... que não somente Vincenzo não gostava dela, mas parecia que também não a desejava mais.

E aquilo doía, doía muito, fazendo-a se sentir me-nos mulher em todos os sentidos. Uma mulher pobre e desesperada, com suas roupas baratas sobre o corpo esquelético... que tinha ido rastejando para seu marido arrogante e altivo, a fim de lhe pedir uma esmola.

Bem, você não é esse tipo de mulher. Está simplesmente lutando por algo que tem direito. Portanto, não deixe ele a colocar para baixo.

— Como escolho manter a minha aparência é pro-blema meu, mas posso ver que você não perdeu nada do seu charme e diplomacia, Vincenzo — ela murmurou.

Relutantemente, Vincenzo deu uma risada curta. Teria esquecido que ela não levava desaforo para casa? Isso não havia sido uma das coisas que mais o atraíram em Emma no começo? Uma estranha espécie de timidez misturada com a habilidade ocasional de dizer exatamente o que pensava... Assim como a etérea aparência loura, a qual o encantara completamen-te. Bem, se ele a tivesse conhecido *agora*, certamente não ficaria encantado.

— Você parece muito... diferente, só isso — obser-vou ele. Os cabelos estavam mais longos do que se recordava... Emma costumava mantê-los cortados à altura dos ombros, e ele aprovava, porque significava que nunca cobririam os seios magníficos quando ela estivesse nua. Mas agora caíam quase até a cintura fina e precisavam de um corte.

E os olhos azuis de Emma pareciam quase irreais, seus zigomas proeminentes sombreando o rosto. Mas era o corpo que o chocava mais do que tudo. Ela pos-suía ossos miúdos, mas sempre foram cobertos com carne firme, dando um aspecto deliciosamente sensual às curvas arredondadas, como um pequeno pêssego maduro.

Todavia, agora ela exibía uma magreza que podia estar na moda, principalmente entre as modelos, mas não era atraente, em absoluto.

Aquela avaliação completa fez com que Emma qui-sesse desesperadamente

tirar-lhe a atenção sobre si.

— Quanto a você, Vincenzo, aparenta exatamente o mesmo.

— Verdade?—Ele a observou, como um gato observa um rato antes de abatê-lo com suas garras letais.

Emma fixou o olhar nas têmporas dele.

— Bem, talvez haja um pouco mais de cabelos gri-salhos.

— Isso não me faz parecer distinto? — zombou ele. — Diga-me, exatamente quanto tempo faz que não nos encontramos, *cara*?

Ela desconfiava que ele soubesse quanto tempo fa-zia, mas instinto e experiência lhe disseram para con-tinuar o jogo com Vincenzo.

Não o deixe irado ou irritado. Mantenha-se branda, imparcial e pouco atraente, e provavelmente ele ficará feliz de vê-la pelas costas.

— Dezoito meses. O tempo voa, não acha?

— *Tempus volat* — ecoou ele em italiano... e indi-cou-lhe um par de sofás de couro elegantes, colocados um de frente para o outro nos fundos do imenso escri-tório. — Realmente, voa. Sente-se.

Sentar-se também implicava ficar mais tempo do que Emma desejava, mas seus joelhos agora estavam tão fracos com o turbilhão de emoções conflitantes que ela sentiu que despencaria no chão se não sentas-se. Afundou na maciez confortável do sofá e obser-vou-o acomodar-se ao seu lado.

A presença dele a enervava e a desestabilizava, como sempre acontecia... mas não pareceria fraca e patética se lhe pedisse que ele se sentasse em outro lugar? Como se não pudesse lidar com a realidade de tal proximidade. E não era esta outra razão por ter ido lá hoje... para demonstrar a Vincenzo e a si mesma que o relacionamento que houvera entre os dois um dia estava totalmente acabado?

É isso?, perguntou a si mesma. É isso? E claro que é, sua bobinha... nem mesmo ouse pensar diferente.

— Mandarei buscar a comida, tudo bem? — sugeriu ele.

— Não estou com fome.

Vincenzo a olhou. Ele também não estava... embora tivesse pulado da cama às 6h da manhã e comido ape-nas um pãozinho com café. Percebeu como a pele de Emma estava pálida... tão translúcida que era possível ver os finos traços azuis de suas veias em volta das têmporas. Ela não usava jóias, observou. Nem mesmo aquelas pequenas pérolas que costumava usar, e nem seu anel de casamento, também. É claro.

Ele fez uma careta.

— Então, vamos ao que interessa, Emma... E uma vez que a idéia desse encontro partiu de você, diga-me o que quer.

— Exatamente o que eu lhe disse ao telefone... ou tentei dizer. Quero o divórcio.

Os olhos negros a observaram, notando a maneira que ela cruzava e descruzava as pernas, como se esti-vesse nervosa.

Por que Emma estava nervosa? Por vê-lo nova-mente? Ainda o queria? Ou existia algo mais?

— E quais são as razões?

Distraidamente, Emma passou as mãos nos cabe-los... Então, virou-se para encará-lo, empertigando-se contra o impacto do rosto bonito.

— O fato de nós estarmos separados esse tempo todo não é razão suficiente?

— Na verdade, não. Usualmente há — começou Vincenzo suavemente — uma razão pela qual uma mulher desejaria perder o *statu quo de estar casada com um homem de posses*... mesmo se for um mau casamento, como no nosso caso.

Emma hesitou. Uma coisa era reconhecer isso, ou-tra, bem diferente, ouvi-lo declarar o fato com tanta frieza.

E havia subestimado a inteligência de Vincenzo, que era esperto bastante para perceber que ela não apareceria sem mais nem menos, pedindo divórcio, a não ser que houvesse um motivo forte por trás disso.

Portanto, dê-lhe a espécie de motivo que ele possa acreditar.

— Pensei — continuou ela — que você ficaria muito feliz por ter sua liberdade de volta...

— Liberdade para que precisamente, *cara?* — re-plicou ele com voz pachorrenta.

Fale, disse Emma para si mesma. Fale mesmo que isso a destrua por dentro. Confronte seus demônios e eles não a perturbarão mais. Vocês dois mudaram. Você teve de mudar. E o futuro obviamente envolverá parceiros diferentes... especialmente para Vincenzo.

— Liberdade para sair com outras mulheres, talvez. Uma expressão incrédula fez com que os olhos cor de ébano brilhassem, e Vincenzo deu uma risada suave.

— Acha que preciso de uma certidão oficial de rompimento do nosso casamento para isso? — zom-bou. — Acha que tenho vivido como um monge desde que você partiu?

A despeito da falta de lógica na sua reação, Emma entreabriu os lábios em desalento enquanto imagens visuais penetravam sua mente como uma faca afiada.

— Você tem dormido com outras mulheres? — per-guntou ela com tom de voz sofrido.

— O que acha? — provocou ele. — Embora você me lisonjeie presumindo que existe mais de uma mu-lher na minha vida.

— E você se sente lisonjeado com sua falsa mo-déstia, Vincenzo! — acusou Emma com voz baixa. — Uma vez que ambos sabemos que pode ter qual-quer mulher aos seus pés, num estalar de dedos.

— Como tive você, quer dizer? Emma mordeu o lábio.

Não destrua minhas recordações, implorou silen-ciosamente.

— Não mude a história. Foi você quem veio atrás de mim. Você me cortejou — protestou ela num sus-surro. — Sabe que cortejou.

— Ao contrário, você fez um jogo — objetou Vin-cenzo. — Era muito mais esperta do que eu imagina-va, Emma. Bancou a inocente quase com perfeição.

— Porque eu era inocente!

— E isso, é claro, era seu trunfo no jogo — mur-murou ele. Então, recostou-se no sofá, arrogan-temente deixando seu olhar cair sobre as pernas e coxas de Emma, sob o tecido barato do vestido que enrugava. — Você fez seu joguinho de virgindade como uma campeã, não fez? Viu-me, me quis e provocou-me de modo tão tentador que fui incapaz de resistir. Viu-me como um homem que tinha tudo... um siciliano que valeria sua pureza acima de qual-quer coisa, e então determinou-se a me conquistar.

— Eu... não me determinei — ofegou ela.

— Então por que não me disse que era virgem antes que fosse tarde demais? Eu nunca teria tocado você se soubesse!

Emma quis contar-lhe que o assunto não surgira por-que se apaixonara loucamente por ele. As coisas haviam saído de controle. Ela estava em um momento vulnerável de sua vida, e nem por um instante pensara que o caso progrediria até um casamento. Vincenzo não lhe dissera, com tanta veemência, que um dia se casaria com uma mulher de sua terra natal, que incutiria nos seus filhos os mesmos valores com os quais eles haviam crescido?

Todavia, num nível muito mais profundo, soubera que ele teria corrido quilômetros se soubesse que ela era virgem... Mas, é claro, na ocasião estava muito apaixonada para conter as exigências famintas de seu corpo e coração e arriscar contar-lhe.

— Eu quis que você fosse meu primeiro amante — declarou ela com firmeza. Porque sabia que nenhum outro homem que entrasse na sua vida jamais chegaria aos pés de

Vincenzo.

Os lábios de Vincenzo se torceram em escárnio.

— Você queria um marido rico! Estava sozinha no mundo, sem qualificações, sem dinheiro... e viu seu siciliano rico como um passaporte para tirá-la da pobreza.

— Isso não é verdade! — negou ela raivosa.

— Não é? — desafiou ele. Emma corou violentamente.

— Eu teria me casado com você mesmo que fosse pobre como um rato de igreja.

— Mas felizmente para você não foi nada perto disso, não é, *cara*? — retrucou Vincenzo com ironia. — Uma vez que você já sabia o quanto eu valia.

Emma recuou como se ele a tivesse esbofeteado... Mas, de alguma forma, aquelas palavras eram mais dolorosas do que se apanhasse fisicamente.

Pelo menos você agora sabe o que ele pensa de você, disse para si mesma. Mas jamais permitiria que Vincenzo a visse desmoronar na frente dele. Obteria o que fora buscar ali, e poderia partir com a cabeça erguida, altiva como uma rainha.

— Bem, em vista do que você acabou de dizer... pelo menos nenhum de nós pode duvidar que um divórcio é a única solução sensata — disse ela calmamente.

Vincenzo foi tomado por um profundo ressentimento.

Não gostava quando ela usava a lógica... isso a fa-zia parecer intocável outra vez, e estava acostumado às mulheres sempre apaixonadas ao seu redor. Então Emma era realmente imune a ele... uma vez que não se importava com a idéia de legalmente terminar o casamento deles, como parecia? Ou aquilo tudo era uma atuação magistral? Ela ainda se sentiria atraída por ele?

Sem avisar, Vincenzo inclinou-se sobre ela e ro-çou-lhe os lábios com os seus, então sorriu de triunfo quando sentiu o automático estremecimento de Emma em resposta ao breve toque.

Emma gelou, mesmo quando sentiu o sangue co-mear a aquecer sua pele e o repentino e louco disparo de seu coração.

— Vincenzo — murmurou ela. — O que você pen-sa que está fazendo?

CAPÍTULO TRÊS

— APENAS TESTANDO — murmurou Vincenzo e retor-nou sua boca para a de Emma, sentindo a respiração acelerada esquentando seus lábios, e viu-se querendo lambe-los dela... tocou-a inteira... como tinha feito tan-tas outras vezes.

— Não...

Mas ela não o estava empurrando, estava? Ele po-dia sentir o aroma do desejo de Emma... Mas então, sempre tinha sido capaz de lê-la como algum livro erótico e longo.

Pelo menos até que o relacionamento havia se rom-pido de tal maneira que eles quase não podiam supor-tar olhar um para o outro, muito menos se tocar.

Até aquela última vez. Antes de Emma ter saído pela porta para o escaldante calor romano... ele a pu-xara para si e começara a beijá-la, e ela havia corres-pondido ao beijo, zangada e com mais paixão do que mostrara por meses.

Vincenzo recordava-se de ter-lhe erguido a minis-saia e removido a calcinha, pressionando-a contra a parede, onde ela o recebera dentro de si. Lembrava-se do ofego resultante do orgasmo feminino soando em seus ouvidos. E então, ignorando o protesto de que Emma iria perder seu voo, ele a tinha carregado para o quarto deles. Para a cama

que não compartilhavam por semanas... e passado aquela longa e última noite sem dormir, amando-a por inteiro. Aplicando todas as habilidades e sutilezas sexuais que já aprendera, e usando-as, quase implacavelmente, no corpo que ado-rava, enquanto ela gemia com prazer e desgosto.

Dio mio, estava ficando excitado agora, só de pensar em tudo aquilo. Excitado demais.

— Emma — sussurrou e desta vez seus lábios não roçaram os dela. Ele tomou-lhe a boca num beijo ar-dente e possessivo, enquanto ela ofegava, os dedos delicados entrelaçando em seus cabelos quase com desespero, exatamente da maneira que eles costumava-vam fazer.

— Vincenzo... — gaguejou ela, mas a palavra foi bloqueada pelo beijo dele... na verdade, o beijo deles, porque Emma se tornou uma participante desejosa quando sentiu-se suspensa no infinito pelo poder dos toques.

Aquilo era porque estava carente em excesso. Quanto tempo fazia desde que tinha sido beijada? Não desde a última vez que Vincenzo a possuía, e nenhum outro homem a beijara assim antes. Nenhum homem podia. Ele usava seus lábios sensuais para provocar e atormentar, fazendo-a sentir-se mulher. Uma mulher de verdade.

Emma gemeu quando ele aprofundou o beijo de uma maneira que a fazia derreter-se. Vincenzo sabia exatamente que pontos tocar... uma vez lhe dissera que conhecia o corpo dela melhor do que conhecia o próprio... e ninguém podia negar isso. Mas com ele aquilo sempre fora mais do que técnica. Houvera amor, também. Pelo menos por um tempo.

Amor.

De maneira zombeteira a palavra surgiu em sua mente... O que a sedução engenhosa daquele momen-to tinha a ver com amor?

Ela torceu-se nos braços dele.

— Vincenzo...

Relutantemente, ele afastou o rosto, olhando-a di-retamente nos olhos azuis estupefatos. Os lábios de Emma estavam entreabertos, pedindo para serem bei-jados. Ela o queria, pensou com satisfação. Jamais deixara de querê-lo.

Ele moveu a mão para descansar sobre um dos jo-elhos dela e sentiu-o tremer. Deveria deslizar a mão vagarosamente por baixo do vestido, para tocar sua intimidade quente e fazê-la gemer outra vez?

— O que foi, Emma? — perguntou ele com sua-vidade.

— Eu... eu...

— Você quer que eu toque seu seio? Seus lindos seios?

Vincenzo levou a mão livre a um mamilo enrijecido e o toque pareceu queimar a pele de Emma... embo-ra estivesse coberta pelo tecido do vestido. Tudo que pôde fazer foi emitir um gemido de prazer. Sentia-se como se estivesse sobre areia movediça... um passo em falso e submergiria.

E então, empertigou-se. Teria imaginado o toque baixo de seu celular enterrado no fundo da bolsa? Ela o havia deixado no módulo de vibração... portanto, estava imaginando que podia ouvi-lo?

Seria sua amiga tentando desesperadamente lhe fa-lar para contar que Gino estava doente ou chorando, ou apenas querendo sua mãe?

O filho deles, Gino.

Emma tinha ido lá hoje, gastando dinheiro que mal poderia dispor numa passagem cara de trem, a fim de pedir ao seu "marido" o divórcio. Então, o que estava fazendo nos braços dele, deixando-o beijá-la, deixando seu corpo começar a desabrochar sob os toques mágicos? Aquele era um homem que a *desprezara*.

A despeito do protesto gritante de seus sentidos, ela saiu do sofá com brusquidão, e imediatamente sentiu-se tonta, mas pelo menos estava longe da intoxicação perigosa das

manipulações dele.

Escondendo sua expressão desesperada, caminhou para a imensa janela... quase não notando a impressionante vista do lado de fora quando inclinou-se contra o vidro para apoiar-se, e esforçou-se em fitar-lhe os olhos mais uma vez.

— Não faça mais isso, Vincenzo — disse ela de modo severo. — Jamais faça isso novamente.

— Oh, vamos lá, *cara* — escarneceu ele com sua-vidade. — Nunca é um tempo muito longo... e você gostou disso tanto quanto eu.

— Você... você *forçou-me* a isso! — acusou Emma, mas, para sua fúria, ele simplesmente riu.

— Se isso foi forçado, então adoraria vê-la capi-tulando — zombou ele. — E, por favor, não banque a inocente comigo, porque isso não funciona mais — avisou. — Conheço muito bem as mulheres para saber quando estão ansiando ser beijadas... e conheço você melhor do que ninguém.

Aquele era território dele, lembrou Emma... e Vincenzo estava parecendo predatório e perigosamente excitado. Ele tinha superioridade em diversos aspectos... mental, físico, emocional e financeiro... Então, o que adiantava arranjar um argumento que não a tornaria vencedora? E realmente importava se ela ha-via cedido ou se ele a manipulara? No final, tudo era questão de orgulho, e Emma já tinha decidido que orgulho era um luxo que não podia sustentar. Portanto, devia esquecer o que acabara de acontecer e chegar ao assunto importante.

Todavia, sabia que estava bloqueando o assunto mais importante de todos: Gino. Agora que pode ver por si mesma que ele é a imagem viva do pai... não vai dizer a Vincenzo que ele tem um filho?

Mas estava com medo... muito medo até mesmo de querer tentar. Se lhe contasse... quem sabia o que sur-giria disso? Talvez pudesse apenas dizer para o que tinha ido, e pensar no resto mais tarde?

— Você vai me dar o divórcio? — perguntou ela com firmeza.

Silenciosamente, Vincenzo se levantou e ela o olhou cuidadosamente. Mas, para sua surpresa, ele não se aproximou. Em vez disso, foi para trás da mesa e pareceu checar a tela de seu computador. Como se Emma tivesse sido um breve interlúdio... já esqueci-do... e ele estivesse se concentrando em coisas mais importantes?

— Você vai? — repetiu Emma.

— Não me decidi, porque ainda não estou certo dos seus motivos para querer isso. E você me conhece, Emma... gosto de ter todas as informações possíveis nas pontas dos meus dedos. — Ele estreitou os olhos negros e a fitou com mais intensidade. — Fa-lou que não é porque quer casar com outro homem, e acredito em você.

— Acredita? — perguntou ela espantada.

— Claro. A menos que esteja planejando casar com um eunuco — observou ele sardonicamente. — Por-que você me beijou como uma mulher que não tem sexo há muito tempo.

Emma corou.

— Você é repulsivo. Ele riu.

— Desde quando sexo é repulsivo? Estou sendo honesto, isso é tudo. Portanto, se não for um ho-mem, então deve ser dinheiro. — Vincenzo viu o corpo delicado retesar-se automaticamente e soube que tinha atingido o alvo. — Ah, sim. É claro que é. Meu palpite é que está quebrada — continuou ele. — Você se veste como uma mulher miserável e tem a aparência geral de alguém que não tem se cuidado. Portanto, o que aconteceu, Emma? Esqueceu que não é mais casada com um bilionário, e desaprendeu de controlar seus gastos?

O quanto risivelmente longe da verdade ele estava... se isso fosse caso de rir.

Todavia, Vincenzo estava na trilha certa, não estava? Julgara com acuidade que ela estava com problemas financeiros... e no mundo de Vincenzo, dinheiro importava mais do que tudo.

Ele podia lidar com dinheiro de um modo que ja-mais poderia lidar com a emoção.

Portanto, por que não deixá-lo pensar que era uma caçadora de fortunas, que sentia falta dos velhos tem-pos? Certamente, isso afastaria qualquer suspeita do motivo verdadeiro pelo qual queria dinheiro. E conhe-cia-o suficientemente bem para saber que ele a des-prezaria ainda mais se pensasse que ela era simples-mente inspirada por avidez.

— Algo como isso — concordou ela. Vincenzo torceu a boca. E ela negara que havia ca-sado com ele por dinheiro!

Emma fora seduzida por sua riqueza, como ele des-confiara o tempo todo. Mas, de uma maneira, isso fa-cilitava para que lidasse com ela.

— Algumas pessoas podem dizer que você não tem direito a nada — observou ele.

Uma ponta de medo a dominou.

— Do que você está falando? Vincenzo deu de ombros.

— Fomos casados apenas por dois anos e não hou-ve filhos. Você é ainda jovem, saudável, elegante... por que devo financiar o resto da sua vida simples-mente porque fiz um erro de julgamento?

Ela vacilou. Tinha pensado que alcançara o limiar da dor emocional, mas aparentemente estava enga-nada.

— Acho que um advogado pode ver as coisas di-ferentemente, considerando a disparidade em nossas circunstâncias — disse ela em voz baixa. — Assim como o fato de que você não me permitiria sair para trabalhar fora, portanto não sou exatamente a escolha número um no mercado de trabalho.

— Não. — Ele a examinou sob o súbito raio de sol de inverno que transformou os cabelos dela em ouro puro. — E quão longe você está preparada para ir a fim de obter um divórcio rápido? — perguntou suavemente.

Emma o olhou, atônita.

— Quão longe? — repetiu. — Não estou enten-dendo.

— Não? Então, deixe-me explicar para que não haja nenhum mal-entendido — disse Vincenzo. — Você quer um divórcio, enquanto eu não quero.

— Você não quer? —A despeito de tudo, o coração tolo de Emma deu um salto, e ela não pôde evitar sus-surrar as próximas palavras: — Posso saber por quê?

— Pense nisso, Emma — murmurou ele. — Meu status de homem casado torna-me inacessível... e isso faz com que as mulheres não me persigam tanto... — Seus olhos brilharam. Emma gelou enquanto as pala-vras insultuosas continuavam a desdobrar-se: — No momento que meu retorno ao mercado aberto for de conhecimento comum... então terei de lidar com mu-lheres ambiciosas, mulheres um pouco como você foi uma vez... que podem decidir que gostariam de ser a próxima *signora* Cardini. Quem não gostaria de um siciliano sexy com uma grande... — os olhos escuros eram zombeteiros; ele estava gostando de vê-la sentir-se constrangida — conta bancária — terminou numa provocação, enquanto estendia os braços preguiçosa-mente sobre a cabeça. — Portanto você entende, a fim de dar-lhe o divórcio... Bem, terá de fazer com que isso valha a pena para mim, estou certo?

Ela podia sentir todo o sangue drenar de seu rosto.

— Não sei se entendo bem o que você está falando.

— Oh, acho que entende — disse ele suavemente. — Você quer um divórcio e eu quero você. Uma úl-tima vez.

Os dedos de Emma apertaram sua garganta como se não pudesse acalmar a terrível tensão existente ali... pois quase não podia respirar. Meneou a cabeça, como se o tivesse

ouvido mal.

— Você não pode estar falando sério, Vincenzo.

— Nunca falei tão sério na minha vida. Uma noite com você, Emma. Uma noite de sexo puro e inequívoco. Para terminarmos uma coisa que sabemos estar ainda inacabada. Uma noite, isso é tudo. — O olhar escuro a focalizou, um sorriso brincando nos cantos da boca. — E então eu lhe darei o divórcio.

Houve um longo e inacreditável silêncio enquanto eles se entreolhavam através da vasta expansão do escritório.

— Você... você não passa de um *monstro!* — gritou Emma, ainda não acreditando que aquilo estava acontecendo.

Aquele homem com o qual havia casado estava lhe pedindo para comportar-se como uma mulher que venderia seu corpo ao mais alto lance.

Vincenzo sorriu, sentindo uma pontinha de prazer adicionando-se à sensação dolorosa de desejo, enquanto observava-lhe os olhos arregalados e o rosto pálido. Aquela era a mulher que o ferira... que o tomara para nada mais que uma aventura sexual, que havia escondido a verdade dele e por fim dando-lhe as costas. E jamais deveria esquecer isso, mesmo se ela tivesse os olhos mais azuis que já vira e lábios ainda implorando para serem beijados.

—Você casou comigo — observou ele ironicamente. — Devia saber que tenho um traço de crueldade. Então, o que tem a dizer? Não pode negar que ainda me quer.

Ela sacudiu a cabeça, negando.

— Não, não quero.

Os olhos negros endureceram.

— Mentirosa! — exclamou ele. — Mas... mentir foi sempre um de seus talentos.

Ela o encarou, estremecendo pela acusação.

— Isso não nos levará a lugar algum. A resposta é não. Você pode ir para o inferno — disse ela, agarrando seu casaco do espaldar da cadeira onde havia deixado. — E pensando bem, inferno seria um destino bom demais para você... eles provavelmente recusariam permissão para sua entrada.

Vincenzo estava rindo baixinho quando ela se dirigiu para a porta, observando quando Emma pendurou sua bolsa a tiracolo, os cabelos louros esvoaçando como uma flâmula.

— *Arrivederci, bella* — murmurou ele. — Aguar-darei notícias suas.

Ignorando os olhares atônitos da morena glamorosa do lado de fora do escritório e da mulher ainda sentada à recepção, Emma não parou de correr até que estivesse bem longe do edifício e certa de que ninguém a seguia. Dirigiu-se para o primeiro ponto de ônibus que viu e permitiu que lágrimas quentes que queimavam seus olhos, rolassem pelo rosto.

De todas as propostas humilhantes que Vincenzo lhe fizera... aquela estava no topo da lista. O homem era um monstro... *um monstro!*

Subindo no ônibus barulhento de dois andares, ela pegou seu celular, mas felizmente a tela permanecia branca. Pelo menos não havia chamadas de emergência de Joanna, o que significava que Gino devia estar bem. E eles não a estavam esperando de volta até muito mais tarde.

O imenso ônibus vermelho moveu-se vagarosamente ao longo da pista, e normalmente Emma teria admirado o círculo brilhante do London Eye, que parecia tão futurista comparado às antigas Houses of Westminster... mas não via nada nem sentia nada. Sua mente e seu corpo pareciam entorpecidos... como se o que acabara de acontecer tivesse sido um pesadelo horrível.

Estivera a ponto de jogar sua maior cartada e dizer ao prepotente siciliano que agora ele era pai. Mas uma espécie de medo a impediu... o verdadeiro medo que Vincenzo

assumisse o controle da situação e, talvez pior, tentasse lhe tomar Gino.

E, considerando o poder e riqueza dele... quando comparados com sua falta de habilidades e pobreza... não haveria uma chance de Vincenzo fazer justamen-te isso?

Emma balançou a cabeça quando recolocou na bolsa seu cartão de passagem. Não podia contar-lhe... como *poderia*?

E, mesmo se contasse, ele não acreditaria... pois não tinha sido sua suposta infertilidade o motivo que os afastara ainda mais, até que finalmente acabassem com aquele casamento infeliz?

Ela manteve os olhos fechados e mordeu o lábio para tentar afastar as lembranças tristes, mas aquilo não parecia funcionar.

Sua mente tinha idéias próprias, e levou-a de vol-ta... para um tempo antes de toda a amargura. Um tempo quando Vincenzo a amara.

CAPÍTULO QUATRO

EMMA HAVIA conhecido Vincenzo quando estava sain-do de um período vulnerável de sua vida... logo após a morte de sua mãe, Edie. A doença de Edie tinha sido repentina, e Emma abandonara a faculdade para to-mar conta da mulher que lhe dera à luz. Fizera isso por amor, e sim, por um senso de dever, porque não havia mais ninguém para fazer aquilo.

Edie lutara contra o prognóstico como uma guerreira, mas a doença seguiu seu curso e aqueles últimos meses tinham sido passados perseguindo uma cura impossível.

A mais leve indicação de algum tratamento novo era o bastante para a instantânea assinatura de che-ques. Edie havia ido a curandeiros e médicos espe-cializados. Alimentou-se de damascos e água morna por uma semana. Submeteu-se a uma terapia de gelo num "spa" suíço exclusivo, mas nada fazia qualquer diferença na melhora da doença.

Tinha sido um tempo de sofrimento culminando com a morte inevitável, e depois Emma sentira-se vazia, não querendo voltar à faculdade nem à vida normal. Quase como um antídoto à dor, assumira um emprego numa loja, enquanto as pendências de Edie eram resolvidas e os advogados calculavam quanto dinheiro havia restado.

Foi então que Emma descobriu que não tinha so-brado absolutamente nada. Empréstimos foram feitos para liquidar grandes dívidas e até a casa da família precisou ser vendida. Depois das contas pagas, não restava nada mais que poucas centenas de libras.

Diferentemente de seu caráter, Emma decidira es-banjar o dinheiro restante. Tinha visto tristeza demais para querer planejar um futuro que ninguém podia garantir. A vida repentinamente pareceu muito curta para que economizasse. Desejava sol, beleza, história e principalmente uma vida descomprometida, portan-to tinha ido para a Sicília, onde conheceu Vincenzo.

Era um daqueles dias que ficariam eternamente na sua mente, com cores vivas e brilhantes. Após um *tour* cultural pela ilha, de repente se viu numa praia deslumbrante com seu chapéu e seu livro, deixando o calor do sol porejar sua pele clara.

Estava ciente de que sua aparência loura inglesa chamava a atenção onde quer que fosse, e tomou o cuidado de cobrir a cabeça e os ombros enquanto visi-tava igrejas e catedrais, como o costume local exigia. Seus vestidos eram sempre até a altura dos

joelhos, e a maquiagem, quase inexistente.

Mas no dia que descobriu uma pequena gruta de-serta, não muito longe de onde estava hospedada, ren-deu-se ao que vinha almejando fazer. Tirou o vestido, revelando um maiô por baixo, e começou a brincar na água enquanto as tristezas dos últimos meses eram gradualmente deixadas para trás.

Depois, devia ter adormecido, porque acordou para ver uma sombra caindo sobre si e um homem de pé, olhando-a. Ele era moreno e musculoso, os cabelos escuros desmanchados pela brisa que soprava do mar. Mas ela já o notara antes... quem não notaria? Lem-brou-se de tê-lo visto durante seu café da manhã na praça, quando ele passara numa lambreta que todos os sicilianos pareciam dirigir.

De perto, era ainda mais deslumbrante... e ela estava estudando agora com atenção e sensualidade. Talvez ela devesse ter ficado amedrontada, e de certa forma talvez tenha ficado... mas por outro lado...

Algo nos olhos negros e nos lábios levemente cruéis mexeu com uma parte íntima sua que ela não sabia existir. Isso porque Emma era uma sonhadora, uma leitora voraz de romances... e nunca havia conhecido alguém que pudesse corresponder ao impacto romântico e físico dos personagens sobre os quais lia nos romances. Pelo menos não até agora.

Ele estava usando jeans e camiseta, ambos des-botados, os pés descalços enfiados na areia fofa e prateada.

— *Come si chiama?* — perguntou ele suavemente.

Ela achou que seria rude e indelicado não respon-der à pergunta, e impossível, também, quando aqueles olhos cor de ébano a fitavam com tanta intensidade, pedindo por uma resposta.

— Emma. Emma Shreve.

— Ah, você entende italiano?

Ela meneou a cabeça, dizendo para si mesma que não deveria estar conversando com um total estranho, mas sentindo-se feliz e livre pela primeira vez em muito tempo.

— Não realmente, mas eu tento... Não sou uma dessas pessoas que viajam esperando que todos falem o *meu* idioma. E italiano não é muito difícil. — Ela suspirou. — É o siciliano que mata.

Emma não sabia na ocasião, mas era exatamente a coisa certa a dizer para um siciliano orgulhoso.

— E qual é seu nome? — perguntou ela educa-damente.

— Vincenzo, Vincenzo Cardini — respondeu, observando-a cuidadosamente.

Não levou muito tempo para que Emma desco-brisse sobre a influência e poder da família Cardini. Naquele dia, pensou que ele fosse apenas um sujeito comum... apesar de possuir um carisma extraordinário, que parecia expandir-se de modo abrasador. Sen-tou-se ao seu lado e a fez rir. E quando o sol estava quente demais, levou-a para almoçar num restaurante delicioso e comprou-lhe *sarde a beccafico*... a comida mais deliciosa que já comera, e um prato que, ela sa-beria mais tarde, era caríssimo.

Vincenzo falou de sua ilha natal com uma paixão e um conhecimento que fez os guias turísticos de Emma parecerem paupérrimos em informação. Ele contou-lhe que estava ali somente de férias naqueles dias, e que seus negócios eram sediados principalmente em Roma. Ela fez diversas perguntas inteligentes sobre seu traba-lho, principalmente na tentativa de focalizar a atenção em algo mais do que na beleza rude do rosto másculo.

Mas quando ele tentou beijá-la antes de se separa-rem, Emma o impediu, meneando a cabeça e fazendo os cabelos louros balançarem.

— Desculpe, mas não costumo beijar estranhos... Ele deu um leve sorriso.

— E eu não aceito não como resposta.

— Desta vez você aceita — disse Emma, mas não seria humana se não se arrependesse quando ele colocou a ponta dos dedos dela em seus lábios, em vez do beijo, e capturou-lhe os olhos azuis num olhar que a fez sentir-se fraca.

Sem ser convidado, Vincenzo apareceu no simples hotel onde ela estava hospedada, e naturalmente Emma concordou em vê-lo.

Como poderia não concordar, quando os dois já estavam a meio caminho de apaixonar-se? "Um *colpo di fulmine* ", disse ele e, quando ela não entendeu, repetiu em inglês: "Um acontecimento fulminante, inesperado".

Durante o dia, ele mostrou-lhe sua casa na ilha... embora a mantivesse afastada de qualquer integrante da família. Seus pais eram falecidos, ele tinha sido criado pela avó, e havia centenas de primos Cardini que "não aprovavam o fato de estarmos nos vendo, *cara*" disse ele de modo pachorrento.

Mas ela pouco se importava com isso, quando cada noite ele a levava em direção a um prazer que jamais sonhara que pudesse existir. Emma questionara se Vincenzo poderia pensar nela como uma inocente de-sajeitada, mas ele parecia gostar de ser seu anfitrião na ilha, tanto como gostava do comedimento instintivo dela.

Disse que aquilo provava que Emma não era fácil, como muitas de suas compatriotas. Garotas que iam para a Sicília procurando um amante bronzeado, e que davam seus corpos tão casualmente como davam ordens nos bares.

Tudo parecia perfeito até a noite que ela finalmente permitiu-lhe compartilhar sua cama, e a gangorra de emoções terríveis que se seguiu ao ato de amor deles.

Dor, descrença, alegria... e então, finalmente, uma espécie de raiva calorosa quando ele sentou na cama e a olhou como se tivesse sido visitado por um espectro.

— Por que você não me contou? — Vincenzo exigiu saber, furioso.

Emma encolheu-se nos lençóis amarfanhados.

— Eu não sabia como!

— *Você não sabia como contar?* — repetiu ele, o tom de voz amargo. — E permitiu que isso acontecesse. — Vincenzo meneou a cabeça escura. — Eu roubei sua virgindade... a coisa mais preciosa que uma mulher possui.

Mas na manhã seguinte sua raiva havia esmaecido, e naqueles poucos dias seguintes ele ensinou-lhe como amar o próprio corpo... e o dele. Então, quando foi ao aeroporto para lhe dizer adeus, Emma chorou por tudo que tinha encontrado e agora perderia para sempre.

Não esperava ter notícias dele novamente, mas inesperadamente Vincenzo apareceu na Inglaterra... dizendo-lhe, com fúria, que não podia tirá-la da mente, como se ela tivesse cometido alguma espécie de crime por ser a causa de sua obsessão. Quando descobriu que Emma não tinha nenhum vínculo nem emprego permanente, levou-a de volta para Roma... onde ela percebeu que estava realmente namorando um homem fabulosamente rico.

Instalando-a em seu apartamento luxuoso como sua amante, ele comprou-lhe um guarda-roupa novinho em folha, vestindo-a da cabeça aos pés como se ela fosse uma boneca e transformando-a numa mulher que fazia cabeças voltarem-se. Emma floresceu debaixo de tais atenções, embora estivesse levemente chocada em descobrir que sua transformação havia despertado um tipo de ciúme terrível. Desconfiou que mesmo os amigos de Vincenzo a cobiçavam.

— Você sabe que eles a desejam?

— Posso lhe assegurar que o sentimento não é recíproco.

— Não posso suportar o pensamento de outro homem possuir você. Jamais.

Era devido a essa obsessão de ser seu dono que Vincenzo se casara com ela... ou simplesmente porque sentia que se comprometera ao roubar-lhe a inocência?

Mas casamento também implicava em aceitabilidade por parte da família dele na

Sicília, e também proporcionava uma arena respeitável para algo que Vincenzo queria mais do que toda a riqueza do universo.

— Um filho — disse ele na noite do casamento, enquanto batia na barriga nua e chata de Emma, e movia-se sobre ela com determinação.

— Porei meu filho dentro de seu corpo, Emma. Quem não ficaria excitada diante dessa declaração?

Certamente não uma mulher no rodopio do amor. Mas o teor do ato de amor deles começou a mudar desde aquele momento. Parecia haver um propósito para aquilo, que não estava ali antes. E a inevitável decepção. Um terrível desapontamento a cada mês, quando seu ansiado filho falhava em materializar-se, o que fez Emma começar a ficar nervosa e inquieta.

Em uma das periódicas visitas deles à Sicília, mesmo o primo favorito de Vincenzo, Salvatore, que claramente ainda desaprovava aquele casamento... mencionou bebês. Ou melhor, a falta deles. Emma sentiu-se tanto insultada quanto ferida.

Logo o assunto começou a dominar os pensamentos de ambos, se não suas conversas, pois Vincenzo finalmente se recusou a discutir aquilo. Levada ao desespero, Emma foi secretamente consultar um médico inglês em Roma.

O prognóstico foi arrasador. Amedrontada demais, Emma guardou a carta numa gaveta, supostamente para mostrar a Vincenzo na hora certa. Mas como encontraria palavras para dizer a um homem que seu maior desejo estava destinado a nunca se realizar?

Não precisou dizer, pois Vincenzo achou a carta. Estava esperando por Emma uma tarde com o papel amassado na mão, o rosto tenso, uma expressão fulminante nos olhos.

— Quando você ia me contar? — perguntou ele numa voz que soou incomum. — Ou talvez nem fosse me contar.

— Claro que eu ia!

— Quando?

— Quando chegasse a hora certa — respondeu Emma, sentindo-se infeliz.

— E quando seria essa hora? Existe uma hora certa para anunciar ao seu marido que você é incapaz de lhe dar um filho?

Emma mordeu o lábio.

— Podemos fazer um tratamento para fertilidade — aventurou ela, mas não houve sinal de esperança nos olhos negros. — Ou posso consultar outro especialista para uma segunda opinião.

— Você é quem sabe.

A infertilidade de Emma levantou um muro entre eles, isso era tão claro quanto as estrelas no céu noturno... mas Vincenzo preferiu focar na traição dela. O fato de ter ido ao médico em segredo, de ter mantido o diagnóstico também em segredo. Até Emma perceber que, independentemente do quanto tentasse explicar ou justificar suas razões, ele precisava de alguém para culpar, e quem melhor do que ela? Vincenzo havia nascido contra a maré casando-se com uma garota inglesa em vez de uma siciliana... mas tinha feito uma má escolha ao se encantar por uma que era estéril.

Aquilo se tomou uma situação de desgosto e sofrimento.

Ela iria permitir que o casamento deles desmoronasse completamente diante de seus olhos, destruindo até mesmo as poucas boas lembranças restantes... ou era forte e corajosa o suficiente para dar a Vincenzo sua liberdade, saindo de sua vida?

Ele não discutiu quando Emma anunciou que estava partindo... embora seu rosto tivesse se tornado rígido como pedra. Provavelmente nem sequer notaria quando ela fosse embora, pensou amargamente... pois estava passando dias cada vez mais longos no escritório, algumas vezes nem mesmo indo para casa na hora do jantar.

A frieza com que recebeu sua decisão durou até que ela alcançou a porta, pois, quando se virou para dizer adeus pela última vez, algo nos olhos dele a fez parar.

— Vincenzo — disse ela hesitantemente.

E então ele começou a beijá-la e toda a tristeza, amargura e amor perdido explodiram no momento que Vincenzo pressionou-a contra a parede perto da porta da frente.

Ele a fizera perder o avião e carregara-a para cima uma última vez, para uma longa noite de sexo delicio-samente sofrido.

Emma abriu os olhos quando ele estava se vestin-do, a expressão rígida e fria quando disse:

— Saia daqui, Emma, e não volte... porque você não é mais minha esposa.

Então, virou-se e saiu do quarto.

Mais tarde naquela manhã, o avião de Emma deco-lou, e ela ficara cega pelas lágrimas.

Ó, cerca de um mês depois, tinha descoberto que estava grávida.

— PRÓXIMA parada Waterloo! —A voz do motoris-ta quebrou o devaneio de Emma e ela percebeu que o ônibus estava parando na estação do metrô. E que nada havia sido resolvido.

Como uma mulher sonâmbula, desceu do ônibus e entrou no saguão da estação de metrô para achar uma cafeteria, quase não notando a multidão de pessoas à sua volta. Pareceu-lhe estranho estar fora de casa so-zinha, sem um bebezinho para cuidar. Quão peculiar era ser capaz de andar até uma mesa e sentar-se, sem ter que manejar um carrinho de bebê, ou preocupar-se que ele não queira ficar quieto.

Ela olhou para seu *cappuccino* enquanto o senti-mento sombrio de inquietação recusava-se a deixá-la... E agora era muito mais do que apenas a preocu-pação de como iria sobreviver.

Não, sua inquietação tinha sido provocada por ver Vincenzo novamente... e não mais ser capaz de negar a verdade gritante. Que Gino era a imagem viva do pai!

Tirou da bolsa a carteira com a foto de Gino, e olhar o rostinho maravilhoso fez com que seu coração se apertasse de dor e culpa. Estaria deliberadamente blo-queando o quanto ele se parecia com o pai? Como um mecanismo de defesa para proteger o próprio coração ferido, sem pensar nas necessidades de pai e filho?

Naquele momento, o telefone começou a tocar e ela o pegou. Um número desconhecido, todavia, Emma sabia exatamente de quem era.

Com o coração batendo descompassado, atendeu:

— Alô?

— Você pensou melhor na minha oferta, *cara*?

E de repente Emma soube que não podia continuar fugindo... porque tinha chegado a um beco sem saída e não havia lugar algum para correr. E também não podia esconder a verdade de seu marido por mais tem-po. Ele precisava saber sobre Gino.

— Sim — disse ela vagarosamente. — Não pensei em outra co-~~isa~~sa. Preciso vê-lo. — E por que não termi-nar com tudo aquilo de uma vez?

Qual seria o sentido de arranjar uma babá para ou-tro dia quando já estava ali na capital?

— Posso encontrar com você mais tarde, então.

ENTÃO ELA mudara de idéia, como ele sabia que aconteceria. Vincenzo experimentou triunfo e anteci-pação, no entanto aquilo também estava acompanhado de um amargo desapontamento, pois não tinha admi-rado a maneira irascível como Emma se revoltara com sua oferta insultante? Tal atitude não o fizera lembrar-se da mulher pela qual se apaixonara um dia? A única que havia mostrado reserva e comedimento, que se re-cusara a ir para sua cama apenas porque a desejava?

Mas não. Aparentemente, estivera certo, pensando que todos tinham seu preço, mesmo Emma. Ele com-primiu os lábios. *Especialmente* Emma.

— Estou comprometido com reuniões a tarde toda. Você conhece o Hotel Vinoly? — perguntou Vincenzo friamente.

— Já ouvi falar.

— Encontre-me às 6h, no Bar Bay Room.

Emma fechou os olhos com alívio. Um lugar público. Poderia lhe contar lá, e essa era a melhor opção possível, pois certamente Vincenzo não se atreveria a fazer um escândalo no meio de um hotel elegante.

— Estarei lá.

— *Ciao* — disse Vincenzo com voz sedosa quando desligou o telefone.

Emma enterrou as unhas nas palmas das mãos. Te-ria de telefonar para Joanna e dizer-lhe que chegaria mais tarde do que planejava, então teria de achar um modo de ocupar-se durante a tarde.

Elaborou mentalmente a melhor forma de contar-lhe que ele tinha um filho. Temeu pensar qual seria a reação de Vincenzo, mas não importava o que aconteceria, precisava encarar isso. Precisava ser forte para seu próprio bem, mas especialmente pelo bem de Gino.

CAPÍTULO CINCO

EMMA PASSOU a tarde caminhando sem destino em volta da cidade, e terminou vendo vitrines em uma loja de departamentos que encontrou, aproveitando um dos toaletes para lavar as mãos e a franja e passar um leve batom.

Os comentários de Vincenzo naquela manhã a fize-ram se sentir esquelética e pouco atraente... e isso era a última coisa que precisava, uma vez que estava pres-tes a entrar em um dos hotéis mais elegantes da capital e deixar detonar aquela bomba preparada para ele.

Seu coração estava disparado quando ela entrou no Bar Bay Room do hotel e pôde ver Vincenzo de pé conversando com um garçom... parecendo alto e magnífico em seu terno escuro, e totalmente à vontade naquele local sofisticado.

Nervosamente, ela olhou ao redor. Sentados a me-sas triangulares com suas distintas cadeiras estofadas em veludo azul-turquesa, estavam os badaladores da cidade.

Mulheres vestidas com sofisticação e elegância desfilavam no local.

A despeito da franja recém-lavada e da quantidade generosa da loção perfumada que usara no toailete, Emma nunca se sentira tão deslocada em um ambiente na sua vida. Sentia-se como uma daquelas personagens dos romances da era vitoriana... uma garota mal-trapilha e suja que parara por um momento de vender fósforos numa esquina da rua... E se pudesse escolher, daria meia-volta e fugiria dali.

Contudo, não tinha mais escolha.

Vincenzo observou-a entrar, seus olhos negros fixando-a com atenção. Então Emma não tinha passado a tarde comprando uma roupa nova para usar, obser-vou ele... como qualquer mulher que estava planejan-do dormir com um homem provavelmente faria.

O que devia significar que ela realmente estava quebrada financeiramente... ou que estava ainda mui-to segura sobre sua postura sexual sobre ele. Ou am-bas, pensou Vincenzo, torcendo a boca.

— *Ciao*, Emma — murmurou ele quando ela se aproximou.

— Olá — disse ela, sentindo-se ridiculamente cônica da situação bizarra, e do fato de que o garçom a olhava como se ela fosse uma extraterrestre.

— O *maitre* acabou de me dizer que, infelizmente, todas as mesas estão ocupadas, mas que providenciou drinks para nós no terraço.

— Achará a vista do terraço infinitamente superior, senhor — disse o *maitre* com o sorriso afável de um homem que tinha acabado de receber uma bela gorjeta. — Um de meus garçons os acompanhará até a cobertura. — Ele estalou os dedos e um garoto uniformizado apareceu e conduziu-os em direção aos elevadores.

Os olhos de Emma diziam a Vincenzo que ela não acreditava em nenhuma palavra dita por ele ou pelo *maitre*. Mas como poderia objetar com uma terceira pessoa presente?

O silêncio era sufocante enquanto o elevador subia, e pareceu ficar cada vez mais opressivo quando o mensageiro uniformizado mostrou-lhes o que era claramente uma suíte muito grande, dominada por uma vasta saleta de estar, decorada com belíssimos arranjos florais. Era verdade que a vista era magnífica... uma lareira do chão ao teto e uma visão, através das janelas, de estrelas brilhantes contra o céu azul anil e arranha-céus na linha do horizonte. Porém mais óbvio eram as portas duplas que levavam ao quarto, praticamente tomado pela maior cama que ela já vira. Emma mordeu o lábio. Aquilo era um insulto... um insulto, ostensivo e evidente.

— Algo mais, senhor?

— Não, tudo está perfeito. Obrigado.

Ela esperou até que o garoto tivesse fechado as portas antes de voltar-se para Vincenzo, que estava tirando seu paletó.

— Você disse um drink. Isto é uma suíte! — acusou ela.

Vincenzo sorriu enquanto afrouxava o nó da gravata. Então ela queria fazer um jogo, não queria?

— Drinks e suíte não são totalmente incompatíveis, certo? — Com um aceno, ele indicou um balde de gelo contendo uma garrafa de champanhe. — Beba o quanto quiser, *cara*.

— Você não vai dizer que uma mesa montada com champanhe e taças apareceu aqui num passo de mágica, como se não houvesse pedido? — perguntou Emma, querendo poder livrar-se do embrulho no estômago que começava a sentir.

— Posso ter pedido o drink — concordou ele —, mas você não pode negar que aqui é muito mais confortável... e muito mais privativo, é claro. — Ele serviu o champanhe nas duas taças de cristal, os olhos brilhando com desafio insolente... imaginando quanto tempo ela iria ficar fazendo papel de inocente.

— Tire seu casaco e pegue uma taça de champanhe para brindarmos. Você disse que tinha algo para me contar.

De repente, Emma sentiu um aperto na garganta, como se alguém estivesse lhe tirando todo o ar dos pulmões. Assentiu com um gesto de cabeça, tirou o casaco, pendurou-o no encosto do sofá e pegou o drink que ele lhe oferecia, embora notando que Vincenzo não pegara uma taça para ele mesmo.

Fazia muito tempo que ela não bebia champanhe, e subitamente lembrou-se que não tinha comido nada desde o café da manhã. Sentiu-se tonta. Fraquejada pela proximidade dele e pela maneira que a encarava com sensualidade.

Vamos, conte-lhe!

— Vincenzo... isso é muito difícil.

Ele sentou-se ao seu lado. Podia vê-la tremendo e seus lábios curvaram-se num sorriso arrogante. Teria o gosto de seus beijos pela manhã lembrado a Emma o que vinha sentindo falta? Ela realmente o queria.

— É? — perguntou ele de maneira prepotente. Retirando-lhe a taça com champanhe

ainda pela metade da mão e colocando-a sobre a mesa, Vincenzo passou um dedo ao longo da clavícula alva dela, sentindo-a tremer por baixo de seu toque.

— As coisas somente são difíceis se as deixamos ser difíceis. Por que simplesmente não admite que ainda nos sentimos fisicamente atraídos um pelo outro e que ambos queremos isso?

Emma o olhou com um horror que aumentava gradualmente. Ele pensava... realmente acreditava que ela voltara concordando com um rápido divórcio em troca de uma noite de sexo?

— Não foi isso o que eu quis dizer.

Mas Vincenzo não estava escutando. Estava sedento pelo corpo de Emma, encantado pela maneira que a respiração ofegante dela fazia os seios se movimentarem... e sentia-se mais excitado do que podia recordar, desde aquela última vez que a amara. Ou, melhor, que fizera sexo com ela. Não houvera amor envolvido no último clímax frenético que tinham alcançado juntos naquele dia em Roma.

Talvez amor nunca tivesse existido. Talvez tudo não passasse de laivos de luxúria.

— Não me importo — disse ele deliberadamente. — Na verdade, não me importo com nada... apenas com isso.

Então desceu a boca sobre a de Emma... num beijo vagaroso, com toda a paixão que mostrara pela manhã em seu escritório, mas desta vez era diferente. Desta vez, eles não estavam no território de Vincenzo, com a possibilidade de que a assistente entrasse a qualquer momento. E, desta vez, Emma sabia que estava vencida... de todas as maneiras. Em poucos minutos, iria lhe dizer algo que mudaria sua vida de maneira irrevogável.

Sabia que Vincenzo estava agindo assim naquele momento porque a queria.

E ela não o queria, também? Se fosse honesta, então nunca parará de querê-lo. Então, por que não podia ter aquilo essa última vez, antes que todas as recriminações comessem? Um último gosto de alegria antes que nuvens escuras descessem.

— Vincenzo... — Emma gemeu enquanto se apoiava nos ombros largos e sentia seu poder muscular. — Oh, Vincenzo.

Ele fechou a mente para as lembranças que as palavras ofegantes dela dizendo seu nome traziam. Em vez disso, puxou-a para mais perto, sentindo sua pequena estatura tremer por baixo de seu toque, e a textura macia e sedosa dos cabelos roçou seu rosto. O latejo feroz de sua masculinidade o deixava em brasas, e ele beijou-a mais completamente do que podia lembrar-se de ter beijado qualquer mulher... seus lábios explorando, como se não pudessem suportar afastar a boca. O que era aquilo que Emma lhe provocava?

— Toque-me! — Sua voz era rouca de desejo. — Toque-me da maneira que costumava me tocar, *cara*.

A leve sensação de vulnerabilidade na voz profunda de Vincenzo era quase impossível de suportar... ou ela estava apenas imaginando aquilo?

Ouvindo o que queria ouvir. De qualquer modo, sentia-se profundamente excitada para fazer outra coisa que não fosse o que desejava... e então correu as mãos pelo peito largo, sentindo a aspereza dos pelos por baixo da seda fina da camisa.

— Você gosta disso? — sussurrou ela.

— *Psiu!*

— Mais?

— *Si!* Muito mais.

Os dedos delicados desceram até o baixo ventre, onde Vincenzo estava absurdamente excitado, e ele murmurou em siciliano algo que ela não entendeu.

— Gosta disso?

— *Si, cara!* Exatamente desse jeito. Ah, Emma — sussurrou ele.

Mulher feiticeira. Experimentalmente, ele passou as mãos pelo corpo de Emma...

aquele corpo que conhecia tão bem... como se estivesse sentindo-o pela primeira vez. E talvez estivesse. Franziu o cenho. Parecia diferente. Não só mais magro, mas os seios pareciam ter um formato diferente, também... ou pelo menos enquanto ela estava ainda coberta pelas roupas. Ele apalpou um dos seios e deixou seu polegar roçar o mamilo.

— Tire esse bendito vestido — instruiu ele.

Mas mesmo em meio ao clamor ardente de seu corpo, Emma foi tomada pelos sentidos. Certamente ele não esperava que ela se levantasse e começasse a despir-se... como costumava fazer quando eram recém-casados? Considerando a situação deles, isso não seria possível. Porque Emma se sentiria como se estivesse sendo comprada. *E não estava?*, zombou a voz de sua consciência. *Não estava?*

Mas Emma fechou os ouvidos e a mente para o desconfortável escárnio e lambeu os lábios secos.

— Você... tire você.

— Se insiste — murmurou ele.

Vincenzo era bom nisso, é claro. Deveria ter removido milhões de vestidos em sua vida. E quantas mulheres ele despira desde a última vez que ela estivera em seus braços?, imaginou Emma dolorosamente enquanto ele removia a vestimenta barata de seu corpo, deixando-a cair no chão.

Quando Vincenzo se afastou, avaliou-a como um diabólico raio a laser.

— Deixe-me olhar para você.

Ela quis cobrir o corpo com os braços, para escondê-lo da inevitável crítica sobre seus seios e sua roupa de baixo comum.

— *Meia-calça!* — exclamou ele. — Desde quando você começou a usar meia-calça?

Desde que deixara de ser posse de um bilionário, pensou ela, mas não disse. Talvez seu marido alienado não soubesse que usar meias de seda e ligas não era exatamente compatível com levantar-se no raiar da aurora e alimentar um bebê.

O pensamento no bebê e no que estava fazendo para ter de contar a Vincenzo foi suficiente para fazer Emma gelar momentaneamente... querer parar e contar-lhe que aquilo era um exercício infrutífero. Mas ele estava deslizando a meia-calça por seus tornozelos e pés, e enterrando a cabeça no ápice de suas coxas... beijando-a lá, sobre sua calcinha simples de algodão, enquanto Emma se contorcia impientemente, querendo-o com um desejo feroz que era quase insuportável.

— Vincenzo — ofegou ela.

— Quer ir para a cama? — perguntou ele excitado.

E quebrar o encanto? Dar tempo a ela para repensar? Racionalizar e arruinar algo que a fazia se sentir mais viva do que nunca? Sua cabeça dizia que aquilo era provavelmente uma das coisas mais loucas que já fizera, mas seu corpo tinha outras idéias. E ele era ainda seu marido, afinal de contas, pensou Emma.

— Não — sussurrou ela, entrelaçando os dedos nas mechas cor-de-éban, da maneira que tinha feito inúmeras vezes antes. — Vamos continuar aqui.

Vincenzo gemeu diante da fácil capitulação dela... na sua transformação, sem esforço, de rainha do gelo para sereia sedutora. Mas sempre adorara a paixão feroz que havia por baixo do exterior de loura fria. Aquela camada de sensualidade não convencional que costumava extrair de Emma... pelo menos até aqueles últimos meses glaciais do casamento. Ele lhe ensinara tudo que ela sabia... por que não experimentar os frutos de seu trabalho uma vez mais, para ver se Emma tinha melhorado durante sua ausência da cama dela?

— Tire minha camisa — disse ele.

Emma fez isso, com dedos trêmulos. Então começou a acariciar-lhe os pelos sedosos, mas Vincenzo impediu com a própria mão.

— Mais tarde — disse ele sem muita firmeza. — Haverá tempo para isso mais tarde...

mas por agora...

Ele estava desfivelando o cinto e Emma pensou que *não haveria mais tarde...* Seu consciente lhe di-zia que precisava contar-lhe. *Conte-lhe agora.* Mas ela não atendeu ao consciente... não podia... pois um pequeno som escapou de sua garganta no momento que seus lábios tocaram avidamente os ombros largos. Depois, deslizou a boca para o pescoço e maxilar de Vincenzo, onde pelos ásperos despontavam, e ouviu um suspiro de prazer.

Como o sexo podia ser tão cruel, pensou com um certo tremor.

E não somente cruel, mas engenhoso também... porque podia fazer você sentir coisas que não eram reais. Sexo podia fazê-la acreditar que ainda amava alguém... e ela não amava Vincenzo... é claro que não. Como poderia amá-lo depois de tudo que tinha acontecido?

Observou-o se mover para tirar o resto das roupas, e então empurrá-la de volta contra o sofá e se apro-ximar... numa atitude sexual poderosa. Por um mo-mento, o tempo pareceu congelar, enquanto Vincenzo se posicionava sobre ela como uma escultura dourada colossal e deslizava sobre sua pele.

— Vincenzo! — Emma arfou quando ele a penetrou com uma longa e deliciosa investida, preenchendo-a completamente. Por um momento, ele ficou quieto e a estudou, os olhos negros opacos pelo desejo e uma pon-ta fugaz de algo mais... alguma coisa que parecia raiva.

Mas certamente não raiva numa hora como aquela?

— Vincenzo? — disse ela novamente, desta vez como pergunta.

Ele meneou a cabeça levemente enquanto começa-va a mover-se em seu interior, menosprezando a força sexual de Emma sobre ele, mesmo quando seus sen-tidos receberam uma sobrecarga de deleite sensual.

Olhou para baixo, notando-lhe os olhos fechados com força e o rosto delicado ruborizando no momento que ela ergueu aquelas pernas perfeitas e cruzou-as forte-mente em volta de suas costas.

E fazer aquilo com Emma não era o que vinha as-sombrando seus sonhos por tanto tempo? Certamente isso o livraria do feitiço penetrante dela de uma vez para sempre.

— Olhe para mim — ordenou Vincenzo suave-mente. — Olhe para mim, Emma.

Relutantemente, ela permitiu que seus olhos se abrissem.

Quando seus olhos estavam fechados, ela podia imaginar. Inventar. Fingir que aquilo estava acontecendo por nenhum outro motivo senão o de que duas pessoas se amavam. Quão longe isso estava da verdade... que motivos complexos haviam levado os dois para aquele lugar? Emma estudou-lhe o rosto tenso.

— Oh, Vincenzo! — sussurrou ela.

— Oh, Vincenzo! — zombou ele quando lhe apal-pou o traseiro nu. — Eu sou o melhor amante que já teve, Emma?

— Você... você sabe que é! — respondeu ela ofegante, ciente de que ele queria feri-la... Mas de re-pente não se importava, pois ele a levava para aquele ponto onde tudo iria acontecer, e mais breve do que havia pensando. Como se estivesse erguendo-a até as estrelas, e então a levando para baixo novamente num movimento vagaroso e delicioso.

— Vincenzo... Oh... Que delícia! Quero morrer!

Então Vincenzo observou-lhe o selvagem abandono enquanto a cabeça de Emma caía para trás e ela enter-rava as unhas nos ombros dele. Após alguns instantes, liberou o próprio prazer, e não podia lembrar-se de tamanho clímax tomar conta de seu corpo inteiro com tanto vigor... tornando-o fraco e impotente.

Seu orgasmo aconteceu em ondas de prazer tão in-tensas que Vincenzo pensou que os espasmos nunca mais iriam parar... e, mesmo depois que tudo termi-nou, permaneceu dentro dela por um momento, en-quanto os espasmos finais desvaneciam-se.

Olhou para o rosto afogueado de Emma, para a me-cha de cabelos caída sobre o rosto úmido. No passado, ele teria afastado aquela mecha e enrolado em volta do dedo, mas não agora... porque tal gesto implicaria em alguma espécie de ternura, e ternura era a última coisa que estava sentindo.

Vincenzo desvencilhou-se dela e afastou-se, des-cendo do sofá e caminhando pela suíte, a fim de se servir de um copo de água, e enquanto bebia seus olhos negros capturavam o olhar de Emma por sobre a borda do copo.

— Você percebe que nosso desejo era tão podero-so... que nos esquecemos completamente de um pre-servativo? — zombou ele. — Mas, como ambos sa-bemos, isso não é um assunto com o qual precisamos nos preocupar.

Mal podendo acreditar no que ouvia, Emma o fitou do outro lado do quarto, tremendo agora. Como ele era cruel. Teria deixado a farpa mais ferina para o final... para dizer algo tão confrontador como aquilo, depois de terem acabado de compartilhar a maior intimidade de to-das? Para tentar feri-la, como nada mais poderia ferir?

Bem, ele se enganava muito... como estava pres-tes a descobrir. Mas tal brutalidade da parte dele num momento como aquele não era bom para lembrá-la de que não deveria tecer qualquer tola fantasia sobre Vincenzo Cardini?

— Essa observação era completamente desneces-sária — disse ela com firmeza.

— Será? — zombou ele. — Mas é a verdade. Certamente ele não iria acreditar quando ela lhe contasse o quanto estava errado. Emma pegou seu sutiã e calcinha. Precisava fazer aquilo, mas preferia morrer a estar nua no momento da confissão.

Vincenzo a observou vestir-se, mas não fez nenhum gesto para impedi-la. Se a quisesse de novo, então a desnudaria rapidamente, mas naquele momento tudo que sentia era desgosto.

Quão rapidamente as necessidades do corpo po-diam mascarar a realidade da situação, pensou... e uma vez que a paixão fosse toda consumida, você era deixado diante da veracidade fria dos fatos.

Emma não significava nada para ele agora, nada mais que uma fraude de esposa, que tinha se subme-tido a fazer sexo a fim de assegurar um rápido acordo de divórcio.

Ele começou a vestir as próprias roupas, ávido por afastar-se dela.

— Vincenzo. — Emma acabou de colocar o vesti-do pela cabeça e puxou os cabelos desalinhados para trás, antes de voltar o rosto corado para ele.

— Lembra que falei que precisava lhe contar uma coisa?

Ele lhe lançou um olhar rápido enquanto terminava de abotoar a camisa e calçar os sapatos.

— Mal posso esperar para ouvir — disse Vincenzo sarcasticamente.

Ela deu um profundo suspiro. Quantas manei-ras existiam para dizer o que tinha a dizer? Somen-te uma... porque as palavras eram tão poderosas que nada jamais seria capaz de diminuir seu impacto irre-vogável. Mas como poderia contar-lhe?

— Vincenzo. Você tem... quero dizer... nós temos... — Emma pigarreou, consciente das batidas frenéticas e assustadoras de seu coração. — O que tenho a dizer é... nós temos um filho. Um filho, ouviu? Você tem um filho.

CAPÍTULO SEIS

POR UM momento Vincenzo pensou que ouvira mal, embora algo no tom de voz

estrangulado de Emma alertou-lhe os sentidos para alguma coisa muito mais complicada do que um mero mal-entendido. Franzindo o cenho, ele a encarou.

— O que foi que você disse? Emma engoliu em seco.

— Você tem... um filho, Vincenzo. Ou melhor, nós temos um filho. O nome dele é...

— Cale-se! Apenas cale-se! — gritou ele desgosta-do, cerrando os punhos num estado de raiva mais fe-roz do que qualquer coisa que podia recordar-se. Por um momento, quis atravessar a sala e sacudi-la, mas não confiou em si mesmo. Sua boca torceu-se num ricto cruel de desprezo.

— Você pode ter seu bendito divórcio, Emma... afi-nal de contas, acabou de ganhá-lo. O sexo foi risivelmente breve, mas como uma medida catártica, prova-velmente valeu a pena... Mas, por favor, poupe-me de suas mentiras deslavadas.

Emma meneou a cabeça, contendo seus insultos e tentando estabelecer a veracidade do que dissera.

— Mas não é mentira... juro que não é.

— Você jura? — Seus olhos eram como duas bra-sas acesas. — Como ousa alegar uma coisa dessas em vista de nossa história? — exigiu ele, a mente girando enquanto tentava arrancar fatos da declaração inacreditável.

E um fato evidenciou-se à frente de todos os outros.

— Você diz que tem um filho?

— Sim.

— Mas isso não é possível. — Vincenzo deu um passo imprudente para mais perto, sua voz embarga-da de fúria. — Você é infértil, Emma. Não pode ter filhos. O médico disse-lhe isso em uma de suas con-sultas. Ele lhe deu um documento, atestando sua infertilidade, da qual ainda estou de posse. Certamente você não se esqueceu disso?

— Claro que não esqueci...

— Então, pelo amor de Deus, como você pode ter um bebê e como eu posso ser o pai? — exclamou ele raivoso.

Emma engoliu em seco.

— Podemos, por favor, falar sobre isso calma-mente?

— *Calmamente?* — Sua voz era gelada. — Você está louca? Contou uma mentira...

— Não é mentira! — repetiu ela com desespero. — Por que cargas d'água eu lhe mentiria sobre uma coisa como essa?

— Não posso pensar numa boa razão — replicou ele amargamente. — Sentindo falta da minha rique-za e decidindo que você quer uma parte considerável dela pode ter sido suficiente para fazê-la armar algum tipo de cilada...

— *Cilada?* — repetiu Emma com horror. — Você acha que sou uma espécie de mercadoria barata?

Vincenzo deu de ombros, seu coração batendo fu-riosamente no peito.

— Você já provou isso, Emma. Enganou-me, fazendo-me acreditar que ainda estávamos tentando ter um bebê, quando o tempo todo sabia que isso era impossível.

Emma quase estremeceu diante da expressão de desdém que emanava dos olhos negros. Ela passou a língua pelos lábios subitamente secos.

— Nunca tive a intenção de enganar você — ela sussurrou.

— Não?

— Eu estava amedrontada que você soubesse dos resultados.

— Então você me tratou como um tolo — acusou ele. — Pensou que poderia manter-me no escuro so-bre uma coisa tão importante como essa?

— Não. É claro que não. Isso não era para ser como foi. Eu iria lhe contar...

— E o que precisamente você iria me contar, Emma?

Emma relaxou um pouco.

— Que eu não podia... não podia ter filhos.

— Agora está me dizendo que o médico se enganou? Que todos aqueles meses tentando, em vão, con-ceber foram uma ilusão... e que você podia conceber, afinal de contas?

— Sim! Meu obstetra disse que essas coisas acon-tecem às vezes.

— Milagre — comentou Vincenzo com sarcasmo. — E quando essa maravilha ocorreu? Quantos anos tem a criança?

Uma parte de Emma queria dizer-lhe que esqueces-se aquilo... pois não iria implorar-lhe para reconhecer seu filho, e possuía amor suficiente para se virar so-zinha.

Mas Emma reconhecia que deveria fazer isso pelo bem de Gino. E se um dia ele exigisse saber quem era o pai? Ela precisava ser capaz de fitar-lhe os olhos e lhe dizer a verdade, que tinha contado tudo a Vincenzo... todos os fatos... mesmo se os tivesse relatado um tanto tardiamente. Como Vincenzo interpretasse tais fatos dependia dele, mas sua consciência estaria limpa.

— Ele tem dez meses — disse ela, observando en-quanto os olhos de Vincenzo estreitaram-se num cál-culo silencioso, obviamente tentando analisar a possi-bilidade de ser o pai.

Aquilo era um insulto, mas seus sentimentos não estavam em jogo agora.

— E quando calcula que esta concepção realizou-se?

— Devo ter sido naquela última vez que estivemos juntos. Lembra?

Agora ele deu um sorriso de desdém.

— Se lembro? Eu estava prestes a esquecer — replicou Vincenzo amargamente.

Tinha sido a primeira vez que eles se amavam em semanas. O relacionamento havia gradualmente se desgastado, mas devido à notícia de que Emma não podia conceber um bebê, e toda a aparência enganosa do processo, eles tinham se tornado estranhos um para o outro.

O exame que ela escondera havia se tornado o sím-bolo de tudo que estava errado entre eles. Vincenzo começou a duvidar se *alguma coisa* entre os dois ti-nha sido verdadeira.

— Então você era realmente virgem quando a co-nheci, Emma — perguntara ele um dia, friamente, ao café da manhã. — Ou isso foi também uma ma-nipulação?

Ele lembrava-se do modo que Emma empalidecera, e sim, tinha sentido prazer nisso, também.

— Aonde você quer chegar, Vincenzo? — tinha sido a resposta sombria dela. — Se pode pensar de maneira tão horrível sobre mim, então não há sentido em continuar, há?

Ele lembrava-se do sentimento de alívio que o do-minara, dizendo a si mesmo que ficaria feliz em não ver mais o pequeno rosto mentiroso de Emma. Na ver-dade, teria de viver com a zombaria de seus primos, que sempre o haviam alertado contra o casamento... mas podia lidar com aquilo.

Todavia, a realidade da separação se provara mais árdua do que Vincenzo tinha antecipado. Ele sentira falta dos brilhantes cabelos louros, do sorriso ilumi-nado e da maneira que a delicada estatura de Emma costumava complementar seu próprio corpo poderoso com tanta perfeição. Mas recordava que aquelas eram as coisas externas facilmente substituíveis, e que, na verdade, não reconhecia a Emma com quem tinha casado. Sua confiança nela havia sido destruída, e para um homem siciliano confiança era tudo.

Vincenzo estava ciente da situação bizarra na qual se encontrava... ciente de Emma parada ali, de olhos arregalados, do lado oposto da suíte do hotel luxuoso, o rosto ainda corado pela reação ao sexo que tinham acabado de fazer e os cabelos desalinhados. Então o que iria fazer sobre a extraordinária revelação de que era pai de um filho dela?

Deu tempo a si mesmo para analisar a situação inesperada e inoportuna que se apresentava.

Vincenzo serviu-se de outro copo de água mineral e bebeu num gole só.

Seus olhos escuros a penetraram com a força de um raio laser.

— A questão é... se acredito em você ou não — pon-derou ele. — Ou se você está apenas me ludibriando, a fim de pôr as mãos em tanto dinheiro quanto possível.

Emma ofegou, sentindo dor e angústia com a agres-sividade dele.

— Acha que eu escolheria esse método especial como meio para extorquir um homem como você? Eu preferia esfregar o chão a fazer isso!

— Então por que não faz isso? — desafiou ele fria-mente.

Aquelas palavras foram a última gota... e toda a determinação de Emma para ficar calma subitamente evaporou. Toda a preocupação e luta dos meses ante-riores, a difícil decisão de contar a Vincenzo, e então sua própria fraqueza por ter feito sexo com ele... todos esses fatores agora explodiam numa raiva incontida.

— Porque tenho um bebê para cuidar e é verda-deiramente muito difícil, se quer saber! Pagarei mais numa creche do que ganho! Mas como você poderia saber disso, quando foi agraciado pela riqueza sua vida toda? Tudo que quis, sempre estive a seu alcan-ce. Dinheiro tornou sua vida mais fácil, Vincenzo, mas isso também o estragou e o cegou, porque você é incapaz de ver qualquer coisa que não seja através de um pensamento negativo. Cada vez que conhe-ce uma nova pessoa, levanta barreiras e pensa: *Essa pessoa quer me conhecer ou quer pôr as mãos nos meus milhões?*

— Chega! — gritou ele. — Não acho que você es-teja em posição de me dar sermão sobre a moralidade do dinheiro, quando sua própria moral está necessi-tando de uma inspeção radical. — Deliberadamente, ele deixou seu olhar cair sobre o vestido amassado e o rosto afogueado de Emma. — Diga-me, fez sexo comigo porque pensou que isso a colocaria numa po-sição de barganhar melhor... porque se eu fosse você, repensaria sua estratégia no futuro, *cara*. Seu valor seria aumentado enormemente se postergasse o sexo até depois de negociar o preço.

A raiva dela tão cega, a fúria, a frustração e sensa-ção de autopiedade eram tão exasperadas que Emma atravessou a suíte em passos rápidos e golpeou-lhe o peito sólido.

Mas Vincenzo meramente riu, segurando-lhe os pulsos pequenos com facilidade, e parando-a com uma curva desdenhosa de seus lábios quando levou a boca para perto da orelha de Emma.

— Já imaginou que sua ação tresloucada poderia fazer-me devorar sua mão? — sussurrou ele — Ou comer você?

— Vincenzo!

Vincenzo — zombou ele. E o desejo ardente e fe-roz não estava novamente atingindo seu baixo ventre? E não queria pressionar-se contra a feminilidade de Emma para liberar-se daquele desejo infernal? Mas sexo sem laços era uma coisa... ter sexo com ela de-pois do que acabara de saber era outra completamente diferente.

Deixando cair as mãos que a seguravam como se ela estivesse contaminada, ele dirigiu-se para o outro lado da sala, dando-lhe as costas. As pessoas sempre diziam que o semblante de Vincenzo era frio e inescrutável. Mas Emma era melhor em ler sua expressão que a maioria, porque o conhecia melhor do que nin-guém. E então ela precisava ser cuidadosa.

Olhando para a janela, Vincenzo examinava o bri-lho escuro do rio e as luzes brilhantes dos edifícios que eram refletidas na sua superfície ondulada. A ló-gica dizia-lhe que ela estava mentindo... e também lhe dizia que se Emma persistisse naquela loucura, então ele deveria contatar seus advogados. Não era exata-mente estranho que homens fabulosamente ricos re-cebessem reivindicações espúrias de paternidade por parte de mulheres... mas hoje em dia, felizmente, ha-via meios de estabelecer a verdade.

Deveria mandá-la embora da suíte agora... e di-zer-lhe que mandaria alguém

procurá-la pela manhã. Isso porque não precisava sequer revê-la novamente...

tudo aquilo podia ser posto nas mãos de advogados especializados.

Mas algum instinto o fez relutar em seguir a voz da lógica... e ele não estava certo da razão. Seria porque sexo entre eles tinha sido puro êxtase... como sempre fora com Emma? E porque aquilo lhe despertava um desejo que não tinha sentido por nenhuma outra mu-lher que já conheecera?

Não faria mais sentido continuar brincando com ela... de forma que pudesse aproveitar o corpo deleitoso por um pouco mais de tempo antes que se sepa-rassem para sempre?

Voltando-se para ela, ele surpreendeu-se ao vê-la mordendo o lábio inferior como uma candidata ner-vosa a um exame. Estaria realmente nervosa? É claro que estava.

— Onde você mora? — perguntou Vincenzo.

— Num pequeno lugar chamado Boisdale... cerca de uma hora de carro daqui.

— Você veio dirigindo hoje?

Ainda sofrendo — parte dela admitidamente auto-infringida —, Emma imaginou em que planeta ele vivia, até que lembrou. Vincenzo vivia no Planeta Ri-queza. Adivinhara que ela estava com problemas fi-nanceiros, mas alguém na posição dele não teria ideia o que isso significava em termos reais. Para ele, estar quebrada poderia significar ter não um carro de alto luxo, mas um carro popular. A ideia de ter de pagar impostos e gasolina, sem mencionar o custo da auto-escola, eram coisas que estavam completamente fora da mente de Emma.

— Não, ainda não tenho carta de motorista — disse ela apenas querendo ir embora o mais depressa pos-sível. Para longe daquele rosto desdenhoso e da lem-brança do que acabara de permitir que acontecesse. Tudo o que queria era apagar cada traço de Vincenzo. Estouraria a despesa, mas ligaria o aquecedor de imersão e submergiria num banho quente e profundo no minuto que chegasse em casa.

— Não, eu vim de trem.

Emma olhou para seu relógio, mas os números embaçados dançavam na frente de seus olhos. Pelo menos, contara-lhe tudo, mesmo que ele não tivesse acreditado.

Gino seria incapaz de culpá-la, e talvez aquilo fosse melhor. Ela jamais precisaria vê-lo novamente, e de algum modo conseguiria de virar.

— E na verdade, eu deveria estar voltando.

— Sim. Pedirei um carro — disse Vincenzo, tiran-do seu celular do bolso.

— Não é necessário, obrigada. Irei bem de trem.

— Talvez ache que esteja bancando o cavalheiro, *cara*? Você pode contentar-se em pegar transporte pú-blico, mas, com certeza, eu não.

Emma o olhou, a expressão confusa e intrigada.

— Não entendo o que você quer dizer.

— Não entende? — perguntou Vincenzo suave-mente. — Não percebeu que irei com você?

Emma o fitou, alarmada.

— Como assim? Para Boisdale? Mas pensei...

— O que você pensou? — perguntou ele enquanto o murmúrio de Emma desapareceu num olhar de des-crença e boca fechada.

— Que você não tivesse acreditado em mim.

— Não acreditei. — Vincenzo assumiu uma ex-pressão desgostosa enquanto digitava um número no celular e falava alguma coisa rapidamente em diale-to siciliano, antes de encontrar-lhe os olhos. — Mas o modo mais simples de impedir uma carga inteira de papelada desnecessária e tempo é ver o bebê por mim mesmo.

— Você acha que será capaz de aceitar sua paterni-dade apenas olhando para ele?

— É claro que acho. O gene Cardini é inequívoco — disse ele com voz rígida e fria. —

Sabe disso tanto quanto eu.

Emma engoliu em seco.

— Ele estará dormindo.

Então agora ela estava num beco sem saída.

— Muito melhor, pois não desejo perturbar a criança. O celular tocou um sinal de alerta e ele deu a Emma

um olhar depreciativo.

— Agora calce seus sapatos, *cara...* e vamos acabar logo com isso. O carro já chegou.

CAPÍTULO SETE

Foi a pior viagem do mundo.

A despeito da opulência luxuosa do carro de Vincenzo, dirigido por seu motorista particular, Emma sentou-se ereta e o mais longe possível de Vincenzo no assento traseiro de couro macio, como se estivesse enfrentando um pelotão de fuzilaria. Era exatamente assim que se sentia... mas era preferível enfrentar o metal frio de uma arma do que as armas letais das palavras dele.

Mas se ela parasse para pensar sobre aquilo... o que esperava realmente que acontecesse? Sabia que espécie de homem Vincenzo era... Realmente tinha imaginado que ele aceitaria a informação que lhe dera com toda calma do mundo? Achava que talvez ele sabiamente assentisse e lhe desse o divórcio, e então, de modo educado, perguntasse quando seria mais conveniente para ele visitar o filho?

Que tola ela fora por não ter previsto tudo aquilo.

Mas, pelo menos, dessa maneira logo tudo estaria terminado, e não haveria mais nada a suportar. Sem sentimentos ameaçadores enquanto esperava com ansiedade para ver o que ele faria em seguida. Vincenzo logo poria os olhos em Gino e saberia instantaneamente que o bebê era seu. Emma estalou os nós dos dedos.

E, é claro, aquilo traria problemas, mas pelo menos ela teria feito a coisa certa, e depois que a raiva inicial passasse certamente eles eram maduros o suficiente para elaborar alguma espécie de compromisso efetivo.

— Então quem ficou tomando conta dele hoje?

A pergunta a pegou de surpresa e, de algum modo, seu marido alienado tinha conseguido transformar a pergunta numa acusação.

— Minha amiga Joanna.

— Entendo. — Na luz difusa do carro, Vincenzo torceu a boca numa careta, mas Emma ficou sem saber qual era a intenção dele.

— Ela tem experiência em tomar conta de crianças?

— Joanna também tem um garotinho, aproximadamente da mesma idade — respondeu Emma irridada e de modo apressado, detestando o fato de sentir necessidade de defender-se e, além disso, querendo impressioná-lo mostrando que era uma boa mãe. — E ela é genial com ele. Esta noite deixou o próprio filho com o marido a fim de ficar com o meu, e colocá-lo na cama.

Ele tamborilou os dedos longos em uma das coxas tensas.

— Então, diga-me, Emma, com que frequência você deixa seu filho com outra pessoa enquanto vai para Londres para ter sexo casual?

Aquela era uma alegação amarga, e Emma sentiu seu corpo estremecer com a

injustiça palavras daque-las. Meneou a cabeça e estudou-lhe o rosto com lábios trêmulos.

— Como você ousa dizer uma coisa dessa?

— Você quer dizer que a maneira como se com-portou comigo hoje não é o modo que usualmente se comporta com outros homens?

— Você sabe muito bem que não é!

Sim, ele sabia. Tal fato fora evidente na forma ávi-da com a qual Emma tinha respondido a ele hoje... e no ar conflitante de "intocável" que ela sempre tinha. Não havia sido essa mesma qualidade que primeira-mente o seduzira e que o fizera perder o controle mais vezes do que gostaria de lembrar?

Mas Vincenzo era um siciliano... e se importava muito como as mulheres deveriam e não deveriam se comportar no que dizia respeito a sexo. De volta à suíte do hotel, Emma agira com o abandono selvagem de uma amante... não uma jovem mãe que havia deixado seu bebê por um dia com alguém que não era de sua família! E apesar de ter se deleitado na experiência que eles tinham acabado de compartilhar, uma parte dele sempre desprezara aquilo.

Vincenzo virou a cabeça e olhou, através da janela do carro, para a zona rural inglesa ao entardecer, observando enquanto o carro passava através de um portão de entrada surpreendentemente imponente, antes de percorrer um caminho largo, bordejado por árvores enfileiradas. No horizonte distante, podia ver uma casa majestosa que ficava numa posição elevada, toda iluminada e com brilho dourado.

— Você mora aqui? — perguntou ele.

Por um momento, Emma ficou tentada a lhe dizer que sim, morava. Que realmente estava fingindo en-contrar-se numa situação financeira precária, como uma espécie de diversão!

— Mais ou menos — respondeu ela. — Eu alugo um chalé dentro do terreno. Fica lá. Pode dizer ao motorista para virar a direita, e então ir direto ao longo do lago?

Vincenzo falou ao interfone para o motorista em italiano rápido, enquanto a limusine mudou de dire-ção, parando na frente de um chalé que fez os olhos dele se estreitarem em surpresa, pois aquilo não era o que estava esperando.

Era minúscula, uma dessas casas pequenas e engraça-dinhas, que sempre aparecia nos cartões postais... com suas paredes de pedra e alguma espécie de trepadeira em volta da porta da frente, sobre a qual ficava pendu-rada uma luminária em forma de lanterna antiga.

Embora uma rajada de vento frio os tivesse envol-vido quando saíram do carro, as palmas das mãos de Emma estavam úmidas de suor quando ela voltou-se para ele, perguntando-se o que estava acontecendo atrás daquele perfil repulsivo quando Vincenzo olhou para a frente do chalé.

— É melhor eu entrar primeiro e prevenir...

— Não. — A palavra silenciou-a tanto quanto a mão colocada levemente em seu braço, dedos fortes segurando seus pulsos delgados por um momento. Ele viu os olhos azuis de Emma escurecerem e se arregalarem. A voz tornou-se uma ameaça suave. — Você não tem de avisar ninguém, *cara mia*. Venha. Eu a acompanharei.

Emma sentiu como se estivesse caindo numa arma-dilha, mas, presumivelmente, aquilo era o que ele pre-tendia e, portanto, qual era a razão pela qual ela deveria se sentir pega numa armadilha? Aquele era seu território agora, não o de Vincenzo. Ele estava lá apenas porque queria se convencer de que o bebê não era dele.

Bem, você está no limiar do choque de uma vida inteira, *signor* Cardini, pensou ela ferozmente.

— Olá! — chamou Emma, abrindo a porta, e viu uma luz que vinha da sala de estar.

Joanna estava deitada no sofá, enrolada num co-bertor e assistindo TV... uma casca de banana e uma xícara de café vazia no chão ao seu lado.

— Estou morrendo de frio — reclamou ela quando Emma entrou, e então seu rosto congelou numa expressão de descrença no instante que viu o rosto severo do homem que a seguia.

Afastando o cobertor, sentou-se imediatamente.

— Oh! Bom Deus, você deve ser...

— Este é Vincenzo Cardini — disse Emma sem outra explicação, dando a Joanna um olhar que dizia que lhe contaria tudo mais tarde.

— Como está Gino?

Joanna pareceu entender a mensagem, embora Emma a visse atirando olhares curiosos para o homem alto e moreno que estava de pé, dominando o pequeno espaço com sua incrível estatura.

— Oh, ele não deu trabalho algum — disse Joanna. — Embora tenha demorado a aquietar-se, sentindo sua falta, claro. Mas bebeu uma enorme caneca de chá, e depois eu lhe dei um banho... embora você precise pedir a Andrew para instalar um aquecedor no banheiro, Emma.

— Andrew? — perguntou Vincenzo curioso. — Quem é Andrew?

— Andrew é meu senhorio — respondeu Emma rapidamente.

Olhos negros fitaram-na.

— Oh, ele é?

Ela quis dizer que a identidade de Andrew não era problema dele, mas tinha tornado o fato problema de Vincenzo, de alguma maneira, primeiro permitindo-se uma intimidade sexual em sua companhia, depois anunciando que ele era o pai de seu filho. Considerando o típico comportamento de Vincenzo em relação a ciúme e senso de posse, não era de se admirar que parecesse um vulcão prestes a estourar.

Joanna se levantou do sofá.

— Ouça, é melhor eu ir para casa.

Emma assentiu e deu à amiga um sorriso de gratidão.

— Obrigada, Jo... MUITÍSSIMO obrigada, e eu a vejo amanhã.

Houve um silêncio desconfortável enquanto Joanna apanhou seu casaco e bolsa e abaixou-se para pegar a casca de banana do chão.

— Oh, não se preocupe com isso — murmurou Emma.

— Então estou indo — disse Joanna.

Mas Emma quase não a viu ir embora. Sentia-se enraizada ao local... sem saber o que deveria fazer em seguida... Mas parecia que Vincenzo não tinha tal problema de indecisão.

— Onde ele está? — perguntou sem demora.

— Lá. — Emma apontou a porta do quarto, que estava semi-aberta, notando, quase de modo desapassionado, que o dedo que apontava tremia. — Por favor, não o acorde.

Vincenzo deu um pequeno sorriso zombeteiro.

— Não tenho intenção de acordá-lo. Acredite-me quando eu lhe disse que isso é simplesmente para dar um descanso à minha mente. Uma olhada e sairei daqui. Somente mostre-me a criança.

Era a mais bizarra das situações. Entrando no quarto de Gino, o coração dela gelou de medo e amor, tendo-o como Vincenzo estaria vendo-o... como se pela primeira vez, no brilho suave da luz do abajur.

E, não importava o que estivesse por vir, Emma sentiu o intenso orgulho maternal quando olhou para seu filho.

Ele estava deitado de costas com os pequenos braços estendidos acima da cabeça. Como usualmente fazia, tinha conseguido chutar as cobertas, e automaticamente Emma moveu-se para frente a fim de cobri-lo de novo.

— Não — a voz de Vincenzo a fez parar. — Deixe assim.

— Mas...

— Eu disse, *deixe assim*.

A respiração dela ficou presa na garganta. Emma observou quando Vincenzo caminhou vagarosamente para o lado do berço e inclinou sua cabeça morena, evitando o móvel de animais que estava girando loucamente acima do berço.

Por um momento, ele simplesmente ficou ali, olhando para baixo... tão imóvel quanto uma estátua feita de ébano escuro e frio.

Emma sentiu as unhas enterrarem-se nas palmas da mão, querendo quebrar o feitiço daquela situação incomum, mas, de algum modo, não ousando fazer isso. Afinal era um direito dele, concluiu, e Vincenzo poderia levar o tempo que quisesse.

Com o coração batendo acelerado, Vincenzo sub-meteu a cena à memória.

Os cachos escuros desordenados sobre o travesseiro e a curva quase petulante da boca sonolenta eram impressionantemente parecidos com a imagem que ele refletia no seu espelho cada manhã quando se barbeava. Embora a luz fosse difusa, nada podia disfarçar o inevitável brilho dourado da pele perfeita da criança... nem a insinuação de altura e força que jazia dormente na estrutura daquela criança.

Vincenzo deu um longo suspiro... o som áspero penetrando a quietude do quarto como um pneu cheio que tinha acabado de furar.

E então, sem qualquer aviso, virou-se e saiu do quarto.

Emma permaneceu ao lado do berço, estendendo as cobertas e passando as pontas dos dedos sobre os cabelos sedosos de Gino... quase como se quisesse que ele acordasse. Mas seu bebê estava profundamente adormecido... exausto, sem dúvida, e ela não podia continuar a esconder-se ali como uma espécie de fugitiva, só para escapar da raiva de Vincenzo.

E você não fez nada errado, pensou.

Ela voltou para a sala de estar, onde Vincenzo a esperava de pé, com a linguagem corporal de um exterminador, seus olhos cheios de uma aparência fria de raiva.

Vincenzo percorreu o rosto dela de uma forma venenosa e mortal que revelava o que ele estava pensando sobre ela. Emma sentiu-se ofendida com o olhar que dele expressava.

— Não sou uma vagabunda — disse ela calmamente. — E você sabe muito bem disso.

Ele respondeu de forma igualmente calma.

— Eu pensava que sabia, mas agora já não tenho tanta certeza...

Os olhos se encontraram no momento mais honesto de comunicação que tinham tido o dia todo, e Emma poderia ter chorado pela maneira que ele a estava ferindo. A cena inteira pretendia ser uma *solução*... todavia parecia ter se tornando num problema insolúvel.

Vincenzo desviara o olhar do rosto pálido dela e estava observando ao redor agora, como se fosse quase incapaz de acreditar no ambiente em que se encontrava. O sofá desbotado com pedaços de tecido rasgado por onde o estofamento estava escapando. A pintura descascada e os retângulos esbranquiçados na parede, onde quadros deviam ter estado pendurados.

Aquele parecia um lugar para perdedores na vida.

— Você... ousa criar meu filho num lugar como esse? — perguntou ele. — Para condená-lo a uma vida de pobreza?

Ele não tinha renegado a paternidade! Um alívio imenso tomou conta de Emma, mas rapidamente foi substituído por medo. E curiosidade.

— Então você aceita que ele é seu?

Vincenzo escolheu as palavras com cautela. Tinha esperado entrar num quarto de criança e ver um bebê... e sentir nada mais do que sentiria por qualquer bebê. E talvez

tivesse havido uma ponta de ciúmes, também... ao ser forçado a aceitar a evidência física de que a mulher com quem se casara fora íntima de outro homem.

Mas não foi assim. Na verdade, tudo aconteceu de maneira surpreendente. Porque ele soubera de imediato. Num nível subliminar tinha sido instantâneo como se houvesse sido programado para reconhecer o garotinho, e a similaridade entre si mesmo e aquela criança era inegável. Mas era mais do que isso. Alguma coisa desconhecida soprara nos seus ouvidos quando ele havia olhado para o pequeno infante adormecido.

— Qual é o nome dele? — perguntou Vincenzo quando tomou consciência de *que nem mesmo isso sabia*.

— Gino.

— Gino — repetiu ele suavemente. — Gino.

Ele falou o nome de maneira muito diferente do que Emma costumava pronunciar, como provavelmente deveria ser o correto. Mas a expressão no rosto desvirtuava a leve sensação de maravilhado no tom de sua voz. Havia alguma coisa não familiar na maneira como Vincenzo a fitava agora... algo gelado e crítico quando seu olhar caiu sobre ela. E Emma soube que precisava ser forte. Essa não tinha sido a primeira coisa que dissera a si mesma naquela manhã, no despertar do dia que parecia ter se estendido para a eternidade? Não poderia deixar que Vincenzo a intimidasse.

— Então, o que fazemos agora? — perguntou ela. Os olhos negros se estreitaram. Emma ainda estava usando casaco. E ele também... mas somente um tolo tiraria o casaco naquelas temperaturas abaixo de zero. Estaria seu filho suficientemente agasalhado?

Gino. Desta vez, ele saboreou o som do nome em sua mente e uma emoção nova e desconhecida começou a tomar conta de seu coração.

De repente, deu um passo à frente, estendeu uma das mãos, a fim de trazê-la para mais perto do calor de seu corpo, a fragilidade de Emma deixando seus sentidos aguçados ao máximo. Com a mão livre, ele apalpou-lhe o traseiro, sentindo a curva suave e sensual, abrindo os dedos ali quando seu coração começou a bater violentamente, sua excitação aumentando no momento que uniu sua virilidade contra o calor do corpo de Emma.

— Você sente quanto eu a quero?

— Vincenzo...

Havia uma expressão de determinação nos olhos negros antes que Vincenzo baixasse a boca sobre a dela, e desta vez o beijo foi feroz e punitivo. Se beijos deveriam ser demonstrações de amor, então aquele era a verdadeira antítese deles. Mas isso não a impediu de corresponder... Emma parecia não conseguir evitar, não importava o quanto a voz da razão gritasse nos seus ouvidos para tentar.

E não havia ali, no fundo de sua mente, o conhecimento de que o homem que a abraçava era o pai de seu filho?

O fato de Vincenzo ter visto Gino e o aceitado... não tinha criado, de algum modo, um tipo de laço indestrutível entre eles três? Alguma trindade antiga e abençoada que fora completada com o nascimento de Gino?

Oh, sua tola, disse Emma para si mesma. Inventando fantasias porque elas a farão se sentir melhor sobre fazer isso?

— Vincenzo. — Ela gemeu, abrindo a boca sob a dele... sentindo seu calor másculo e o cheiro de desejo. Ele havia começado a lhe desabotoar o casaco agora, e Emma estava deixando que Vincenzo deslizesse o tecido para o lado e passasse as palmas da mão sobre os seus quadris.

E agora ele estava lhe tirando o vestido, roçando negligentemente o vértice de suas coxas, enquanto Emma podia sentir o próprio corpo se contorcendo impacientemente, suas mãos arranhando os ombros largos, tentando lhe remover o casaco. Desejando que

todas as roupas deles pudessem desaparecer, como por mágica.

— Vincenzo — disse ela novamente, com mais urgência desta vez.

Ele a beijou com avidez, sentiu as batidas ferozes do próprio coração... o corpo tão rígido que achou que poderia morrer se não investisse fundo dentro da maciez úmida da feminilidade de Emma.

Por um segundo, Vincenzo respondeu a ela.

Movimentou os lábios contra os de Emma, numa exploração provocativa e tão primitiva quanto o tempo, fazendo-a aninhar-se mais e se derreter em seus braços, como se estivesse sendo atraída para ele através de uma força magnética e irresistível.

Vincenzo poderia remover-lhe a calcinha, como sabia que Emma gostava que ele fizesse. Poderia lhe abrir as pernas até que ela gritasse e se rendesse totalmente.

E então, de maneira tão abrupta quanto a tinha puxado para junto de si, deixando cair as mãos nas laterais do corpo, ele a soltou... não reagindo quando viu os joelhos dela dobrarem, a mão segurando o braço do sofá para se firmar.

— O que estou pensando, pelo amor de Deus? — questionou-se ele como se falasse consigo mesmo, a voz distorcida pelo desgosto.

Não tinha se sentido tentado a fazer isso com ela mais uma vez... a despeito do fato de que Emma mantivera seu filho escondido?

Para talvez dispensar o motorista e levá-la para a cama, para passar a noite lá e acordar pela manhã com o som de seu filho?

Mas se Emma consumisse seu apetite com a doce sexualidade naquela noite, isso não enfraqueceria a posição de barganha de Vincenzo?

E se ele a deixasse agora, ela ficaria sofrendo e se questionando. Porque Vincenzo sabia que surpresa era o elemento mais efetivo de todos quando você se empenhava numa barganha difícil por alguma coisa.

— Ah, Emma — murmurou ele com voz rouca. — Muitas vezes ouvi meu corpo no que diz respeito a você, *mia bella*. Muitas vezes você usou de magia negra para seduzir meu corpo e me tornar tão sedento de desejo ao ponto de não raciocinar com clareza, mas não agora. Porque isso é muito importante. Agora preciso pensar com minha cabeça em vez de com meu... Sua boca torceu-se quando um rápido olhar indicou a fonte de seu desconforto e ele viu o rubor no rosto de Emma. Como ela ainda podia corar como uma virgem inocente, mesmo quando tinha acabado de se contorcer e estremecer em seus braços? Ele deu um passo atrás, fugindo da tentação, o rosto tornando-se sério e desgostoso.

— Voltarei aqui amanhã cedo, às 9h.

Algo na voz de Vincenzo alertou-a para problema. Problema verdadeiro.

— Voltar para quê, exatamente? — perguntou Emma, tentando manter calma a própria voz.

Ele passou a mão nos cabelos negros despenteados. Ela não adoraria saber o que estava passando na sua mente?

— Apenas espere e verá — declarou Vincenzo com suavidade.

CAPÍTULO OITO

EMMA PASSOU uma longa noite sem dormir... perguntando-se como podia ter sido tão tola em deixar-se seduzir por Vincenzo e estar aberta para todas as espécies de

interpretações erradas. Sabia qual era a louca atitude siciliana em relação às mulheres.

Ele julgara seu comportamento como libertino... aquilo estava óbvio na maneira gelada como a tinha olhado, não estava?

Do jeito que soltara as mãos de seu corpo, como se estivesse segurando alguma coisa suja e contaminada. Claramente não sentia nada por ela, exceto desprezo, e se Emma continuasse a comportar-se de forma distante, o que somente aumentaria aquele ponto de vista, então estava apenas enfraquecendo a própria posição.

Porque não podia esquecer por um momento contra quem estava lutando: um homem que representava uma das famílias mais ricas e poderosas da Sicília. Ela vira a luz da batalha nos olhos negros de Vincenzo... e não era tola. Possuía algo que Vincenzo vinha ansiando por muito tempo — um filho e um herdeiro. E se eles não estavam mais juntos como marido e mulher, então ele não iria aos extremos para tentar ganhar a custódia?

Quando a luz pálida da aurora infiltrou-se pelas cortinas, ela puxou o edredom para cima do corpo trêmulo, imaginando como podia ter sido tão inocente não antecipando aquilo.

Quando primeiramente fora até Vincenzo, pensara que ele pudesse comportar-se como um ser humano civilizado... quando jamais se comportara daquela maneira? Porque tudo era preto no branco no mundo de Vincenzo. As mulheres eram devassas ou eram virgens. Amantes ou esposas. E ela jamais seria capaz de mudar isso.

Então o que ele faria em seguida?

Quando desceu da cama, Emma tentou colocar-se na mente de seu marido. Ele tentaria provar que ela era uma mãe inadequada? Que não tinha condições de criar o filho?

Vestindo um velho jeans e um suéter grosso, Emma lavou o rosto e as mãos, então foi para a cozinha fazer uma xícara de café antes que Gino acordasse.

Ele dormiu até mais tarde do que o normal. O que era absolutamente típico, pensou ela. Quando teve um tempo livre para si mesma, ficou perambulando em volta do chalé, seus nervos tensos demais, incapaz de fazer qualquer coisa, até que finalmente Gino acordou e ela pôde abraçar o corpo pequenino junto ao seu.

Estava amassando uma banana para dar a Gino quando a campainha tocou, e Emma de repente percebeu que não havia sequer escovado os cabelos.

Dando de ombros, foi abrir a porta, a expressão defensiva quando viu que era Andrew parado à soleira, com uma tigela de ovos na mão e uma expressão quase triste no rosto.

— Bom dia, Emma — disse ele, oferecendo a tigela. — Eu trouxe esses ovos para você. Um dos fazendeiros me mandou e pensei que você pudesse gostar.

Emma piscou.

— Oh, obrigada, Andrew... quanta gentileza. Usa-remos para o almoço.

Ele parecia um pouco rubro demais.

— Posso entrar por um minuto? Disfarçadamente, ela olhou para seu relógio. Eram quase 9h... Vincenzo provavelmente estava chegando. E mesmo se ele chegasse, eles estavam separados, não estavam? Emma tinha uma *vida*... e essa vida não o incluía, assim como a visão antiquada de Vincenzo sobre como ela deveria vivê-la.

— É claro — disse ela. — Eu estava prestes a dar comida para Gino... você quer colocar a chaleira para ferver, e aí podemos beber uma xícara de chá...

Ele encheu a chaleira, então se voltou para ela, parecendo desconfortável.

— O problema é que me sinto mal em comunicar um aumento do aluguel quando sei que você realmente não tem condições de pagá-lo. Então por que não esquecemos que já tivemos essa conversa?

Emma piscou.

— Esquecer a conversa sobre o aumento do aluguel?

— Claro. Afinal de contas — continuou ele com um dar de ombros —, você é uma boa inquilina e o lugar é muito precário. Pode continuar com o aluguel antigo, Emma... eu não me importo.

Emma transformou sua careta num sorriso enquanto enchia duas canecas de chá, entregava-lhe uma delas, e depois sentava para alimentar Gino. Se pelo menos ele tivesse lhe dito aquilo antes... então ela não teria precisado procurar Vincenzo, pedindo por algum tipo de acordo para o divórcio.

Mas aquilo não era realmente verdade, era? Ela teria precisado falar com Vincenzo mais cedo ou mais tarde, e o aumento do aluguel fora um bom pretexto. Não poderia continuar fugindo dele a o resto de sua vida, enterrando a cabeça na areia como faz o aves-truz, e evitando o inevitável... porque seria inevitável Gino conhecer o pai um dia.

Mas pelo menos as palavras de Andrew retiravam a urgência de sua situação. Havia removido aquela terrível sensação de pânico.

— É muita gentileza de sua parte, Andrew, e gostei muito.

— Não. Não agradeça — disse ele, olhando para sua caneca de chá por um momento antes de fitar Emma com olhos curiosos. — Um dos porteiros disse que viu um carro grande aqui na noite passada.

Emma parou de dar a banana amassada para Gino.

— Há alguma cláusula no meu contrato de aluguel que proíba isso? — perguntou ela, enquanto dava nova colherada para o filho.

— Claro que não. É que você não tem visitas com frequência.

Gino gritou de sua cadeirinha alta, como se avisas-se Emma que alguém batia à porta... e então ela quase não notou que Gino estava passando um punhado de banana amassada em seus cabelos.

— Há alguém batendo à porta — disse Andrew sem necessidade.

Ela quis mandá-lo embora, fazê-lo desaparecer ou camuflá-lo atrás da porta, até que teve consciência de que estava pensando como uma louca. Não tinha ju-rado ser forte? Pare de agir como se estivesse fazendo algo errado. Andrew era seu senhorio e tinha o direito de estar ali.

Emma abriu a porta e, quando olhou para Vincen-zo, seu coração saltou violentamente no peito. Pois aquele era um Vincenzo esportivo... uma criatura inteiramente diferente do bilionário executivo que a seduzira com tanta eficiência no dia anterior. Hoje usava jeans escuro e um blazer também escuro. Um Vincenzo totalmente simples no trajar e, de algum modo, muito mais perigoso por essa razão. Como uma serpente adormecida no sol que, se perturbada, ergue-ria a cabeça e a encararia com seus olhos letais.

— Bom dia — disse ela, pensando que o cumprimento era uma farsa completa, pois o que era bom naquela manhã em particular?

Ele não reconheceu as boas-vindas. Em vez disso, olhou por sobre o ombro de Emma para examinar a cena que estava por trás. O bebê sentado num cadeirão infantil, cercado de bagunça, a atenção voltada para o barulho à porta, e fitando Vincenzo diretamente, com seus enormes olhos castanho-escuros.

Vincenzo sentiu um aperto no coração quando de-volveu o olhar para o garotinho com o mesmo fascínio. Mas ficou inibido de fazer o que realmente queria, que era caminhar diretamente para lá e tirá-lo da cadeira alta, porque havia um homem, sim, *um homem*, sentado à mesa da cozinha de Emma, bebendo uma xícara de chá. E, ademais, não tinha se levantado como um dos empregados de Vincenzo faria.

— Quem é você? — perguntou ele de modo frio e abrupto.

— Como? — disse Andrew.

— Você me ouviu. Quem é você e o que está fazen-do aqui na cozinha da minha mulher?

— Sua mulher? — Andrew levantou-se num pulo e se voltou para Emma, com expressão de espanto e acusação. — Mas você me disse que não tinha mais contato com seu marido...

— Oh, ela disse isso? — veio a pergunta um tanto sarcástica do outro lado da sala.

Aquilo era um pesadelo, pensou Emma, engolindo seco.

— Acho que talvez seja melhor você ir agora, Andrew.

Andrew franziu o cenho.

— Você tem certeza de que ficará bem?

A pergunta era doce e gentil. Mas, com uma leve sensação de histeria, Emma imaginou que solução seu senhorio estava prestes a oferecer para ajudá-la a sair daquela situação. Atirar o beligerante siciliano para fora dali, talvez?

Emma forçou um sorriso.

— Ficarei bem.

Um desairoso silêncio tomou conta do ambiente enquanto Andrew saía pela porta da frente, e, no momento que ela se fechou, Vincenzo voltou-se para Emma com expressão de fúria reprimida no rosto.

— Você tem dormido com ele? — exigiu saber em voz baixa, ciente de que havia uma criança na sala.

Raivosamente, ela replicou:

— O que você acha?

— Acho que ele não parece homem suficiente para competir com seu apetite sexual voraz, *cara...* Embo-ra isso possa explicar a razão pela qual você estava tão inacreditavelmente excitada por mim. Mas não respondeu à minha pergunta.

— É claro que não dormi com ele — respondeu Emma, ferida, indignada e tremendo. Mas ele agora havia se afastado... como se não mais se importasse com a pergunta.

Como se questioná-la sobre aquilo tivesse sido nada mais que uma diversão destinada a embaraçá-la e humilhá-la.

Agora Vincenzo caminhava na direção de onde Gino estava sentado, ainda olhando para a criança com total atenção.

Ele permaneceu admirando Gino por um tempo longo e imensurável, enquanto seu coração batia com força total.

— *Miofiglio* — murmurou ele com voz distorcida pela emoção e alegria. — Meu filho.

Intimamente, Emma recuou diante da voz poses-siva, maravilhada porque Gino não estava se afastando de Vincenzo da maneira que costumava fazer com es-tranhos.

Mas Vincenzo não é um estranho, é? Ele é um pa-rente sanguíneo tão íntimo quanto você. E talvez Gino reconheça isso num nível subliminar.

— *Vene* — Vincenzo estava dizendo suavemente, segurando as mãos do bebê. — Venha.

Para espanto de Emma, o bebê piscou e pareceu tímido... inclinando-se para trás contra a cadeira de plástico e virando a cabeça de um lado para o outro, enquanto fixava Vincenzo com um olhar desconfiado. Mas Vincenzo não o forçou, apenas continuou a lhe falar num sotaque siciliano suave e distinto, até que finalmente Gino ergueu os bracinhos para o pai, a fim de ser tirado da cadeira.

Gino estava deixando alguém que acabara de co-nhecer pegá-lo e afagá-lo! O mundo de Emma ba-lançou. Sentiu-se prestes a desmaiar, e, sim... sentiu ciúme, pois Vincenzo ganhava sem esforço a afeição de quem queria.

— Ele... ele precisa de um banho — disse ela, pis-cando furiosamente contra a repentina vontade de chorar, quase incapaz de acreditar no que estava tes-temunhando.

Houve uma pausa quando Vincenzo lançou-lhe um olhar fulminante, fixando-o nos cabelos emaranhados e no rosto pálido... quebrado somente pelos pontos ru-borizados em cada uma das faces. Olhou também para o jeans desbotado e os pés descalços... para

o suéter enorme que tão habilmente escondia as curvas dimi-nutas do corpo delgado.

Vincenzo não conhecia outra mulher que ousaria aparecer na sua frente em estado tão descuidado e calamitoso, e quando a olhou objetivamente foi difícil acreditar que era sua esposa. Entretanto, aqueles grandes olhos azuis ainda tinham o poder de atin-gir seu baixo ventre de modo selvagem. De mexer com seu interior.

— E você também, pelo que me parece. Um banho duplo não faria mal a nenhum dos dois — disse ele com mordacidade.

Sabendo que estava prestes a chorar, Emma pra-ticamente voou para o banheiro, trancando a porta e ligando o chuveiro para diminuir o som abafado de sua respiração ofegante. Deixou a água cascadear so-bre seu rosto para misturar com as lágrimas, enquanto pensamentos agitados giravam na sua cabeça. O que tinha feito? Aberto as comportas para o envolvimento de Vincenzo... não apenas na sua vida, mas na vida de Gino também. E ele tinha vindo correndo como uma inundação de poder e posse.

Pelo menos havia bastante água quente na banheira antiga, e ela lavou os cabelos, tirando a banana gru-dada deles, e por uma vez não estava correndo contra o relógio. Normalmente tomava uma ducha enquanto Gino estava dormindo e freqüentemente a água era tépida.

É claro, no seu desgosto, não havia levado uma muda de roupa para o banheiro. Portanto, embrulhou-se na maior toalha que achou e amarrou uma menor em volta dos cabelos úmidos. Então, autoconfiante, voltou para seu quarto, aproveitando para ver Vincenzo na sua sala de estar. Mas ele nem sequer a notou entrar. Tinha outras coisas na mente. Coisas muito mais importantes.

Ainda com Gino no colo, estava caminhando em volta da pequena sala, parando para examinar peque-nos objetos... uma foto da mãe de Emma ali, um pe-queno relógio que ela herdara, acolá. E durante todo o tempo, falava suavemente em siciliano com Gino, e, imediatamente depois, em inglês. E Gino estava ouvindo fascinado... ocasionalmente levantando seu dedinho gorducho para tocar a sombra escura e áspera do queixo do pai.

Ele está lhe ensinando o siciliano, percebeu Emma, reconhecendo a repentina ponta de medo que a atingiu.

Mas ficar embrulhada numa toalha não era a ma-neira para mostrar-se a ele, mesmo se mostrar-se no-vamente fosse uma opção.

Olhos escuros se ergueram por cima da cabeça de Gino e encontraram os seus, e Vincenzo sentiu raiva e desejo ao mesmo tempo.

Mas havia um bebê em seu colo, uma criança que ficaria confusa e amedrontada por qualquer ação de raiva, e então Vincenzo esforçou-se a fazer-lhe uma pergunta simples:

— Bom banho?

— Adorável, obrigada.

Ele lhe prendeu o olhar enquanto era tomado pelo desejo.

— Posso imaginar—murmurou com suavidade, os olhos agora mudando para o volume suave dos seios de Emma, visivelmente curvos por baixo do tecido puído da toalha.

Tremendo com mais do que frio agora, Emma virou-se, dando-lhe as costas, detestando as mensagens mistas que Vincenzo lhe enviava, e o modo como a fa-ziam sentir-se. Era como se ele quisesse enfraquecê-la de todos os meios que pudesse... primeiro, fazendo Gino parecer propriedade dele, e depois pelo escrutí-nio sensual mudo.

Ela sentia-se numa completa confusão... como se a Emma de ontem houvesse desaparecido, e agora uma estranha tinha tomado seu lugar.

Vestiu-se rapidamente, escolhendo jeans limpo e um suéter diferente; seu uniforme normal, diário, prá-tico e apresentável, que nem em um milhão de anos poderia ser descrito como sedutor. Mas Emma esta-va alegre. Não queria "vestir-se em grande estilo"... dando a impressão de que estava se arrumando para ele. Para que então

Vincenzo a acusasse de bancar a sedutora outra vez.

Somente depois de secar os cabelos e penteá-los rapidamente, ela deu um profundo suspiro e voltou para a sala de estar, onde Vincenzo agora estava de pé e de costas, segurando Gino e olhando para o jardim do lado de fora, para um castanheiro frondoso, como a própria Emma havia feito um milhão de vezes.

Gino a ouviu primeiro, pois se virou nos braços do pai, e então balbuciou algo e começou a oscilar em direção a ela. Emma tomou o filho nos braços, enter-rando o rosto nos cachinhos macios para esconder a grande onda de emoção que ameaçava inundá-la.

Com os braços vazios, sem o peso e calor do bebê, Vincenzo voltou para a janela, seu coração batendo alto e forte, mais trêmulo do que ele havia antecipado. E quando se virou para ver Emma embalando a crian-ça no que considerou ser um modo completamente exagerado, sua boca se comprimiu.

Ela o estudou, tentando ler sua expressão, mas fa-lhando quando encontrou um olhar de pedra que não demonstrava absolutamente nada. Mas por que isso deveria surpreendê-la? Tirando aqueles primeiros poucos meses... quando eles tinham sido balançados pela força da atração sexual mascarada como amor, Emma nunca tinha sido capaz de dizer o que estava se passando naquela cabeça. Ele jamais lhe contava. Não fazia confidencias, Vincenzo lhe dissera uma vez. Como se falar de sentimentos fizesse um homem parecer fraco.

— Você tem café? — perguntou ele inesperada-mente.

Ela sentiu-se confusa.

— Provavelmente não do tipo que você está acostu-mado. Eu o mantenho no refrigerador — disse Emma e então apontou para um dos armários da cozinha. — Há uma cafeteira ali.

— Então você não adotou o hábito intragável de café instantâneo de seus compatriotas — observou ele com ironia, enquanto começou a preparar tudo para fazer o café, com ar de um homem para quem a cozi-nha era um território desconhecido.

Emma o observou, imaginando como ele fazia isso. Sabia que Vincenzo sempre tivera mulheres aos seus pés. Francamente, estava até surpresa que ele não ti-vesse exigido que ela lhe fizesse o café, exceto que nem mesmo Vincenzo provavelmente ousaria tentar aquilo. Mas com que rapidez ele se adaptava, pensou com relutância.

Vendo-o agora, você pensaria que ele estava muito acostumado a fazer café todos os dias.

Então por que não podia ter se adaptado a uma vida de casado tão facilmente, em vez de abraçar tal re-lacionamento antiquado e autocrático? Era como se, colocando uma aliança no dedo dela, ele tivesse retro-cedido algumas décadas.

Emma pôs Gino sobre o tapete de retalhos que con-feccionara nos últimos dias cansativos de gravidez e colocou a seu lado uma grande caixa de papelão, que continha brinquedos. Ela havia coberto a caixa com papel de presente e enchido-a com caixinhas de plás-tico de diferentes tamanhos... algumas delas cheias de feijão e arroz, que faziam sons variados.

Vincenzo parou no ato de encher duas xícaras de café, seus lábios torcidos numa careta.

— Por que ele está brincando com esse lixo?

— São brinquedos feitos em casa — respondeu Emma. — Ele me observou fazê-los... portanto é edu-cacional. Até mesmo transforma isso em tambores, batendo uma colher de pau contra eles. E crianças fre-qüentemente apreciam mais um brinquedo simples do que um caro.

— O qual, presumivelmente, você não tem con-dições de comprar, de qualquer maneira — desafiou ele.

Emma deu de ombros.

— Bem, não.

Vincenzo olhou ao redor, não se preocupando em esconder seu desgosto quando se sentou em uma das cadeiras duras em volta da mesa de jantar.

— Não tem condições, pela aparência das coisas — observou ele, e então colocou a xícara sobre a mesa, olhando-a com expressão gelada. — O que presumi-velmente foi o motivo que a fez voltar para mim.

Emma não sentiu que aquele era o momento certo de corrigi-lo. De dizer-lhe que nada a levava de volta para ele. Que aquilo era sobre o término legal do casamento infeliz deles. E não tinha nada a ver com sentimentos.

— Eu quis o melhor para Gino — disse ela em voz baixa.

— Realmente quis, Emma? — questionou ele do-cemente. — Ou você simplesmente pensou que ten-taria me extorquir um bom dinheiro? — Seus olhos brilharam. — Assim como me extorquir de outras maneiras.

As faces de Emma coraram vigorosamente.

— Não seja tão grosseiro — sussurrou ela, como se Gino pudesse ser capaz de entender a alusão crua do pai julgando sua mãe como moralmente corrupta.

E você não é?, disse a voz da consciência de Emma. — Foi um comportamento apropriado fazer o que fez com seu marido alienado na suíte do hotel ontem?

Vincenzo deu de ombros e continuou calado por um tempo, como se ela não houvesse dito nada. Quando falou, seu tom de voz era suave, presumivelmente para não alarmar Gino, mas isso não diminuiu o vene-no das palavras.

— Se você realmente quisesse o melhor para Gino, então teria me contatado há muito tempo.

— Mas eu tentei — protestou ela. — Tentei lhe te-lefonar, e você se recusou a atender minha ligação! Duas vezes!

— Então você não tentou o suficiente, tentou? Não com verdadeira determinação. Mas isso provavel-mente lhe serviu muito bem, não serviu, Emma, uma vez que tudo pareceu ter satisfeito suas necessidades, *cara...* e seus desejos?

Ela o fitou, chocada pela amargura na voz de Vincenzo.

— E é ainda sobre seus desejos, não é? — conti-nuou ele sem remorso. — Você veio até mim porque queria dinheiro e queria sexo... e já conseguiu uma das coisas.

— Não fui até você por sexo!

— Não? — Seus olhos brilharam. — Mas em lugar algum nos seus esquemas você parece ter considerado quais podiam ser as necessidades da criança.

— É claro que considerei.

— Mentirosa. — Ele inclinou-se para frente. — Você não pensou que poderia ter sido uma boa idéia contar-me sobre minha paternidade quando descobriu que es-tava grávida? Ou talvez quando entrou em trabalho de parto, que eu poderia gostar de ter sabido? — continuou Vincenzo, sem lhe dar a chance de se defender. — Ou quando deu à luz... que, como pai, eu tinha direito in-questionável de saber? Isso não lhe ocorreu, Emma?

— Já falamos sobre isso — disse ela irritada. — Mesmo que você tivesse tido a cortesia de atender os meus telefonemas, não teria acreditado em mim.

— Não no início, talvez. — concordou ele por en-tre os dentes. — Mas como estou fazendo agora, eu teria finalmente aparecido para descobrir que tinha-mos concebido uma criança... Mesmo que isso tenha acontecido nas circunstâncias mais desafortunadas possíveis.

Emma estremeceu, sentindo por Gino.

— Por favor, não fale nisso dessa maneira.

— Mas é verdade, *cara*. — Seus olhos zombaram dela. — Certamente você não nega que as circuns-tâncias que envolveram a concepção dele foram la-mentáveis?

Lamentável. Que palavra cruel e insensível para usar. E se ela lhe dissesse que seu

coração tinha es-tado aos pedaços naquele último dia em Roma? Que estivera sofrendo e vazia, ansiando pela volta daquele tempo doce, quando tudo que eles tinham desejado ou precisado era de amor. Que no dia que Vincenzo a tomara nos braços quando ela estava prestes a sair de sua vida para sempre, Emma fora consumida por uma paixão avassaladora?

Não, se ela lhe contasse qualquer coisa, ele sim-plesmente a acusaria de estar mentindo novamente, pois o olhar de raiva no rosto autocrático evidenciava isso. Emma podia ver que Vincenzo já estava decidido sobre o que faria naquela situação.

Não pôde evitar o tremor quando depositou sua xícara de café na mesa e o olhou, perguntando-se o que ele pretendia fazer com seu conhecimento recen-te dos fatos.

— Então... então o que vai acontecer agora? — per-guntou ela. — Estou achando que você vai querer vi-sitas regulares?

Ele deu uma risada curta.

— O que você acha? Emma mordeu o lábio.

— Não sei — sussurrou ela, mas, conhecendo Vincenzo como conhecia, ele ia querer todos os seus direitos. Iria querer férias na Sicília para Gino?, imaginou com dor antecipada. Uma entrada no mundo desagradável e bonito que gradualmente excluiria sua mãe inglesa pobre? Ela teria de ser madura sobre isso. Lidar com tudo de maneira calma e refletiva, e então talvez Vincenzo responderia da mesma maneira.

— Qual a melhor forma que você acha que deve-mos lidar com essa situação? — perguntou Emma tão educadamente como se estivesse perguntando as ho-ras um estranho.

Vincenzo tinha passado as últimas 12 horas pen-sando em nada mais do que naquilo. Havia apenas uma solução, e era uma que sentira com uma certeza poderosa.

— Você voltará comigo para a Sicília — respondeu ele simplesmente.

— Você deve estar louco — ofegou ela — se real-mente pensa eu que iria a algum lugar perto da Sicília novamente.

Vincenzo deu um sorriso cruel.

— Então não venha — replicou com calma aparente. — Mas nesse caso levarei Gino comigo.

— Levar Gino? — Seu coração disparou tão vio-lentamente que ela quase podia ouvir as batidas. — Você acha mesmo que eu o deixaria levar meu filho para um outro país, sem mim?

— *Nosso filho*. Pretendo levá-lo para a Sicília, Emma... e tentar me impedir será uma luta inglória para você. — Ele levantou, movendo-se tão silencio-samente como um gato selvagem, para parar diante dela. — Já tenho uma equipe de advogados traba-lhando no caso, e deixe-me dizer-lhe que eles estão impressionados pelos seus esforços em esconder meu filho de mim.

Vincenzo petrificou o coração contra a repentina palidez do rosto de Emma.

— Quanto mais racional for seu comportamento agora, mais empático eu provavelmente serei em rela-ção a você no futuro.

Emma engoliu em seco.

— Você está me ameaçando, Vincenzo?

— Em absoluto. Estou simplesmente lhe avisando para ser acessível.

— Você está me ameaçando... sabia que ameaçaria! Você não mudou nem um pouco! Não é de admirar que eu...

Mas as palavras foram impedidas pelos dedos de Vincenzo cravados nos seus braços quando ele a pu-xou para mais perto e a encarou.

— O passado é somente isso. Passado — declarou ele. — Agora é o presente que me importa e meu filho é o presente, assim como eu sou o futuro dele. Estou levando-o comigo, e se você pretende nos acompa-nhar, então interpretará o papel de minha esposa.

Ela o fitou. Era como se estivesse escorregando e caindo cada vez mais fundo num buraco escuro feito por Vincenzo.

— Sua esposa?

Os olhos cor de ébano queimaram-na.

— Por que não? Faz perfeito sentido. — Ele viu o olhar de confusão escurecendo os olhos azuis e viu a pulsação vibrar na têmpora de Emma.

— Vamos apenas dizer que isso acalmará a tensão de uma situação já difícil — continuou ele. — Podemos também aproveitar todos os prazeres que puder-mos enquanto temos a chance de fazer isso.

Emma sentiu-se fraca. Ele parecia tão sangue-frio... como se prazer fosse nada mais do que o subproduto de uma função corporal.

— Você não pode estar falando sério.

— Oh, mas estou — afirmou ele com amarga sa-tisfação. — E acho que poderia ser útil se você per-desse essa atitude raivosa, não acha? Em vista de sua resposta a mim, corre o risco de parecer um pouco hipócrita.

— Vincenzo...

— Não. Sem mais argumentos. Você jogou de acordo com suas regras por tempo suficiente, Emma, e agora é hora de jogar de acordo com as minhas. — Seu tom endureceu. — Então reúna o que for es-sencial e faça isso agora, porque estamos indo para Londres.

Pelo olhar obstinado no rosto de Vincenzo e pelo tom de voz, Emma sabia que seria inútil resistir. Como poderia resistir à fortaleza que era Vincenzo Cardini? Mas precisava tentar.

— Gino e eu não podemos esperar aqui até que es-tejamos prontos para ir?

— E correr o risco que você tente fugir de mim? — Vincenzo contorceu a boca numa imitação de um sorriso irônico quando passou a ponta do dedo leve-mente sobre o repentino tremor dos lábios dela.

— Acho que não, *cara*. Você tem passaporte? Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Gino tem?

— Não.

— Então preciso providenciar isso. Além do mais, vocês dois precisam de um guarda-roupa novo. Se vou levá-los de volta para a Sicília, então meu filho parecerá um Cardini, e não algum pequeno indigente. Quanto a você — seus olhos brilharam de um jeito que simultaneamente a amedrontava e a excitava —, irá se vestir para me agradar. Como uma esposa deve vestir-se.

CAPÍTULO NOVE

EMMA OLHOU em volta do imenso salão da suíte do hotel, não acreditando no que via.

Havia roupas por todo lugar.

Roupas que pareciam ser de seu exato tamanho e precisamente nas cores que a fizeram sorrir. Belas rou-pas. Vestidos e saias. Sapatos de salto alto. Sutiãs e calcinhas. Tudo nos tecidos mais finos e mais caros... sedas e linho, assim como *cashmere* legítima e macia.

— Pelo amor de Deus, de onde veio tudo isso? — perguntou em voz baixa, imaginando onde ele preten-dia que ela usasse aqueles sapatos extravagantes num lugar

como a Sicília.

Os olhos escuros de Vincenzo eram frios.

— Escolhi tudo, ou melhor, instruí alguém com mi-nhas especificações do o que você precisaria para sua viagem à Sicília. Eu lhe disse, Emma, você não pode e não aparecerá diante da minha família vestida como uma mendiga.

— Mas emagreci — sussurrou ela. — Perdi muito peso. Como pode saber qual o tamanho que uso?

Vincenzo sorriu, parecendo incrédulo pela pergun-ta tão sincera.

— Adivinhei, ou melhor, calculei. Não esqueça que você esteve nua nos meus braços não faz muito tempo.

— Descuidadamente, ele pegou um vestido de seda azul do cabide e entregou a ela.

— Tome. Vista este. Acho que você deveria arrumar-se para jantar, não é?

Emma sentiu o tecido macio nos dedos, lutando contra a tentação de vesti-lo, como Vincenzo queria. Ela adora-va roupas... que mulher não gostaria, quando tinha usado roupas de segunda-mão por tanto tempo? Mas a maneira rude como ele lhe falava parecia intencional, como se es-tivesse determinado que ela aceitasse sua generosidade, enquanto intimamente nunca esquecesse que era carida-de... e que tudo na vida sempre tinha um preço.

Mas ela possuía uma alternativa sensata, quando as palavras de Vincenzo tinham seu fundo de verda-de? Se voltasse à Sicília "parecendo uma mendiga", como ele mesmo declarara, não ganharia a aprovação de ninguém num país onde aparência era tudo. Poderia encarar o olhar crítico da família de Vincenzo se teimosamente insistisse em usar as poucas roupas que havia enfiado na mala antes da apressada saída deles do chalé pela manhã?

Especialmente quanto Gino já fora equipado com coisas adequadas a um filho de bilionário.

Na viagem de volta do chalé eles haviam parado numa das maiores lojas de departamento de Londres, e Vincenzo se lançara às compras como um caça-minas. As mais finas roupas? Todas compradas. O mais re-sistente além de mais luxuoso carrinho de bebê? Era deles. Cobertores de pura lã de carneiro e acolchoados de pena de ganso para bebê? Comprado.

Ela olhou do outro lado do quarto para o berço bo-nito que os esperara em seu retorno, e onde seu amado filhinho dormia tão pacificamente quanto um príncipe mimado, e sentiu culpa.

O *staff* do hotel tinha levado chá para o bebê, e de-pois Gino gritara de alegria e deleite quando Vincenzo tirou de uma caixa brinquedo após brinquedo, todos caríssimos, os quais Gino nunca vira antes. Apesar do protesto de Emma, alegando que bebês não precisavam de mais do que panelas e colher de pau para brincarem felizes, agora podia ver que não era bem assim.

Mesmo a hora do banho tinha sido sofisticada... o pato amarelo de borracha esquecido frente a um barquinho a motor que deslizava na superfície da água.

Depois, Gino estava tão exausto que adormecera nos braços do pai, e um nó se formara na garganta de Emma, ao vê-lo deitar o filho ternamente no berço.

Por um lado, era maravilhoso ver o seu bebê aprovei-tando o tipo de conforto que todas as mães desejariam para seu filho. Era uma bênção olhar para Gino vestido num pijama engraçadinho e aconchegante, em vez do macacãozinho simples que normalmente usava.

Mas mesmo enquanto deleitava-se no óbvio confor-to do filho, pensamentos perturbadores continuavam perseguindo-a, questionando-se como podia ter nega-do a Gino o que já era dele há tanto tempo por direito.

Sua mão alisou a seda azul do vestido.

— Tudo bem. Vou trocar de roupa — disse ela finalmente.

— E descarte-se daquele jeans enquanto há tempo — sugeriu Vincenzo com ironia. — Não quero vê-lo novamente.

Com tais palavras ressonando em seus ouvidos, Emma foi para o banheiro e começou a colocar as roupas novas, sentindo-se estranha quando o lingerie delicado entrou em contato com sua pele e com todos seus sentidos recentemente acordados.

Olhou-se no espelho e era como se estivesse olhando para uma estranha. Há quanto tempo não usava roupa de baixo novinha em folha e um sutiã decente? E o que dizer da calcinha de renda que a fazia sentir-se tanto tímida quanto sedutora ao mesmo tempo?

O jeans que Vincenzo tanto desprezava jazia num monte amassado no chão do banheiro, e um último arroubo de rebelião fez Emma querer agarrá-lo e vesti-lo de volta, assim como o velho suéter esfarrapado. Afinal, usando-os sentia-se salva do escrutínio sensual de Vincenzo...

Mas qual era a vantagem em adicionar combustível ao fogo descomunal de um homem já suficientemente zangado?

Em vez disso, Emma pôs o vestido sem mangas, e depois escovou os longos cabelos de maneira que caíssem em cascatas sobre seus ombros. A seda parecia manteiga derretida contra suas coxas, e a cor do vestido realçava o azul de seus olhos. Aquela era a maneira que a esposa de um homem rico deveria se vestir, concluiu.

Era o modo como sempre costumava vestir-se naqueles dias finais do casamento deles... quando seria mostrada como um bonito acessório em público, enquanto em casa a tensão entre eles crescia dia a dia.

Pelo menos desta vez Emma não tinha ilusões de que Vincenzo a amava... e certamente aquilo a capacitaria a adotar alguma estratégia para lidar com ele e, o mais importante, como conservar as emoções sob controle. Haveria perigo e problema pela frente para ela e Gino se permitisse cair sob o encanto carismático de Vincenzo uma vez mais. Então, faria o papel requerido, enquanto eles negociavam alguma espécie de acordo. Mas fariam isso no território dele e num lugar onde Emma sempre se sentira uma intrusa. Precisava de Vincenzo do seu lado, reconheceu com tristeza... mas precisava manter a distância emocional. Pelo menos aquelas roupas exorbitantes podiam agir como um tipo de armadura, permitindo-a caber no mundo de riqueza dele.

Saindo do banheiro, viu que Vincenzo tinha entrado no quarto e estava parado ao lado do berço de Gino; apesar de tudo, Emma sentiu o coração apertar. Algumas vezes o passado podia pregar terríveis artimanhas com sua mente e seu coração. Algumas vezes você podia sentir-se como se ainda estivesse apaixonada pelo homem com quem casou.

Vincenzo teria dormido com muitas mulheres desde que haviam se separado? O pensamento a fez cravar as unhas nos pulsos. Bem, mesmo se tivesse... aquilo não era da sua conta. A vida de Vincenzo não era a sua, não mais.

Os olhos escuros ergueram-se para encontrar os dela, e Emma pôde detectar as emoções mais sombrias que estavam por trás daquele olhar. Porque não era tola, nem cega. Sabia que por baixo daquele exterior urbano batia o coração de um homem siciliano primitivo, com toda paixão e posse que pareciam acompanhar aquilo.

E por causa disso, ela precisava ter muito cuidado.

Precisava mostrar-lhe que era uma boa mãe.

Precisava convencê-lo de que nunca mais tentaria manter Gino longe dele. Até mesmo se humilharia se isso fosse necessário para melhorar as coisas entre eles.

Os olhos escuros a percorreram da cabeça aos pés, enquanto ele andava pelo quarto, parecendo tão másculo e predatório que Emma sentiu-se de repente tímida.

Teria realmente vivido com aquele homem? Compartilhado sua cama todas as noites? Agora aquilo parecia tão distante que era como olhar para outro tempo de vida

que quase não se recordava mais.

Ela tentou um sorriso.

— Como estou? — disse Emma, dando os primeiros passos em direção a um relacionamento civilizado.

Como estava? Uma veia salientou-se na têmpora de Vincenzo. Quando Emma sorria daquele jeito, você quase esquecia que ela era uma feiticeira mentirosa e fraudulenta.

Poderia imaginar que ela era aquele mesmo anjo louro que o tinha cativado um dia?

— Aproxime-se mais para que eu possa vê-la me-lhor.

Sentindo-se um pouco como uma escrava que es-tava sendo comprada e deveria ficar na frente se seu dono, Emma andou um passo à frente e deu um novo sorriso, mais forçado desta vez.

— Que tal?

— Hum — Ele a examinou com a avaliação objeti-va de um homem comprando um carro novo. — Bem, você parece muito melhor do que dez minutos atrás.

Eu preferiria, é claro, que não estivesse usando ab-solutamente nada, mas haverá muito tempo para isso uma vez que tenhamos jantado.

Emma corou. Que maneira detestável de dizer as coisas. Como se ela fosse para ser servida a ele como um licor de menta pós-jantar.

— Eu concordei em acompanhá-lo à Sicília — dis-se ela com voz trêmula. — Não me recorde de ter concordado com nada mais.

— Ora, deixe disso, Emma — murmurou ele com escárnio. — Sem mais fingimentos... qual é o senti-do de fingir? Já experimentamos o gosto do proibido e tudo isso serviu para despertar nosso apetite ainda mais. Você me quer tanto quanto eu a quero. Posso ver isso nos seus olhos, na maneira que seus seios arfam quando olho para eles, no modo como seu corpo reage ao meu, mesmo que você esteja fazendo o possível para não demonstrar. Então por que não investir nisso?

As palavras zombavam dela, mas isso não parecia diminuir o efeito que lhe causavam. Ele estava certo. De repente Emma sentiu como se estivesse em brasas, quando ele a puxou para seus braços. Ela queria dizer-lhe que era mais do que um corpo receptivo, que era uma mulher com sentimentos. Que tinha um coração que fora partido uma vez, e que não achava que pode-ria suportar parti-lo novamente.

— Mas você disse...

— Hum? O que eu disse? — murmurou ele en-quanto a puxava para mais perto e começava a passar os lábios ao longo da curva de seu queixo.

— Eu... — A carícia dele era intoxicante demais, e Emma parou de falar. Agora as mãos másculas es-tavam sobre seus seios, brincando com eles através da seda do vestido, e ela sentiu a excitação despontar quase com dor. — Vincenzo — sussurrou.

— Você gosta disso, não gosta?

— Sim! —A palavra saiu de seus lábios como se ela tivesse perdido o controle da fala. Novamente, era como se ele tivesse lançado um poderoso feitiço sobre ela. Tudo que podia ouvir era o troar de seu coração e tudo que podia sentir era a suave e insistente dor do desejo.

— Ah, Emma — disse ele suavemente enquanto deslizava a mão por sobre a superfície escorregadia de suas nádegas coberta com o tecido macio. — Com que rapidez você fica excitada. Somente por você, pensou ela. Somente por você. Emma fechou os olhos. Mais um segundo e seria tarde demais, e ele lhe removeria o vestido. Nova-mente ela se tornaria um complacente objeto sexual. E Gino tinha acabado de ir dormir! Com esforço, Emma afastou-se, percebendo de repente que Vincen-zo nem sequer a beijara.

— Não — sussurrou ela.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Pensei que tivéssemos concordado em parar de jogar.

— Isso não é um jogo, Vincenzo. Gino está no quarto ao lado, caso você tenha esquecido.

— Eu dificilmente esqueceria, não acha?

De súbito, ele abaixou as mãos e afastou-se, enquanto lutava contra o desejo primitivo de jogá-la no chão e tomá-la ali mesmo. Todavia, inesperadamente, pegou-se avaliando Emma e aprovando-a. Pois não a teria desprezado se os gritos de prazer dela tivessem acordado o bebê? Se ela procurasse sua própria gratificação por conta do filho, então não teria diminuído seu valor como mulher, tanto quanto como mãe?

— Você precisa comer algo — disse ele de repente. — Não é de admirar que esteja tão magra... quase não tocou em nada o dia inteiro. Vamos descer para jantar. O hotel já providenciou uma babá qualificada para to-mar conta de Gino enquanto comemos.

Emma meneou a cabeça.

— Eu preferiria não deixá-lo, se você não se im-porta. Gino pode acordar e ficar com medo, e é um ambiente novo para ele, e eu detestaria se chorasse por não me encontrar aqui. — Ela olhou para o rosto impassível de Vincenzo, e deu de ombros. — Espero que você não ache isso ridículo.

Os olhos dele estreitaram-se.

— Na verdade, acho uma atitude admirável... e jus-tamente a coisa certa para impressionar o advogado do divórcio. Notas altas por diligência, Emma.

— Você honestamente pensa... que estou fazendo isso... para ganhar alguns pontos com o advogado?

Vincenzo tentou ignorar o olhar ferido que havia nublado aqueles olhos admiráveis. Como ela ousava parecer magoada quando tinha abandonado o casa-mento deles na primeira oportunidade?

No entanto, ele vira a evidência com seus próprios olhos, evidências que contradiziam alguns de seus jul-gamentos anteriores. Emma podia ter criado o filho em relativa pobreza e podia vestir-se como uma indi-gente, mas Gino obviamente tinha sido bem cuidado. Parecia ser um bebê muito alegre e todo o dinheiro do mundo não podia comprar isso.

— Não — disse ele. — Admito que você cuida muito bem da criança.

O elogio a tocou. Era uma rendição pela qual não esperava, e Emma piscou, pensando que a inespe-rada consideração era quase mais dolorida do que os insultos que ele lhe fizera. Porque consideração estava tão perto de bondade, e isso lembrava tempos passados, quando tinha sido o centro do universo de Vincenzo.

Ela quis agarrar-lhe os braços e exigir saber o que tinha acontecido com todos os sentimentos daquele tempo, mas sabia que seria completa perda de tempo.

— Nesse caso, por que você não pede alguma coisa ao serviço de quarto? — Ele dirigiu-lhe um sorriso breve antes de ir para o outro quarto. — Enquanto eu vou tomar uma ducha — acrescentou.

Emma procurou sobre a cômoda de mogno o menu, feliz por ter algo para distraí-la do pensamento de Vin-cenzo tirando a roupa no quarto próximo... embora o menu zombasse dela, também.

Com que rapidez esquecera como era viver como uma mulher rica. Parecia bizarro que um único prato daquela lista custava mais que seu orçamento inteiro de comida para uma semana. Num dia normal, a idéia que podia ter carta branca para escolher qualquer item do cardápio a teria deixado excitada, mas aquele não era um dia normal.

Ela pediu filé e batatas fritas, frutas frescas, pudim de sobremesa e meia garrafa de vinho tinto, e, quan-do o garçom chegou com o carrinho, Vincenzo estava saindo do quarto, vestido com calça escura e uma ca-misa de seda. Minúsculas gotas de água, que brilha-vam como prata nos cabelos escuros, davam-lhe um ar de intimidade. Para olhos estranhos, eles deveriam parecer o casal perfeito, pensou ela.

Eles se sentaram para comer em silêncio.

Depois que o garçom saiu e fechou a porta, Vincenzo franziu o cenho enquanto ela olhava para seu prato.

— Coma alguma coisa, Emma — disse ele impacientemente. — E pare de ficar sentada aí parecendo tão frágil.

Calmamente, ela pegou uma batata frita e comeu-a, o que deve ter despertado seu apetite, porque Emma começou a comer com genuína fome, terminando metade de seu filé antes de notar que Vincenzo a olhava com expressão zombeteira no rosto, sua própria refeição intocada.

— Melhor? — perguntou ele sardonicamente.

— Muito melhor — concordou ela. Mas mesmo que a comida tivesse restaurado suas forças, os pensamentos que giravam em sua cabeça continuavam a deixá-la inquieta.

Que estranho, todavia que familiar era a sensação de estar sentada, compartilhando uma refeição com Vincenzo novamente. E, por Deus, como seria voltar para a Sicília, para o lugar onde se apaixonara por ele?

Contudo, de certa maneira, era mais fácil empurrar as perguntas para o lado do que procurar por respostas. Fingir que eles eram realmente um casal feliz. Com, é claro, uma notável exceção. Porque se ela quisesse manter seu coração seguro, então precisava manter distância física entre os dois.

Com ostentação, Emma bocejou. Pelo menos havia uma porção de quartos naquela suíte luxuosa, e as camas eram confortáveis e convidativas, onde poderia puxar o edredom sobre a cabeça e despedir-se do mundo noite adentro.

— Acho que vou para cama — disse ela. — Foi um dia longo.

Vincenzo sorriu. Às vezes ela podia ser tão transparente.

— Adivinhou meus pensamentos, *cara* — murmurou ele suavemente. — Não posso pensar em nada melhor do que ir cedo para a cama.

— Mas... você quase não comeu nada.

— Não estou com fome. Bem, pelo menos... não de comida. Somente por você. — Ele tomou um gole do vinho tinto e colocou o cálice sobre a mesa antes de levantar para se aproximar.

O coração de Emma disparou de imediato.

— Não vou para a cama com você. Ele deu uma risada suave.

— Oh, sim, você vai.

Ele puxou-a para que ficasse de pé, como se ela fosse composta de penas, então ergueu-lhe o rosto em direção ao seu, encarando-a com intensidade.

— Vamos compartilhar a cama como qualquer pessoa casada que estivesse aqui esta noite faria... e é melhor você se acostumar com isso, Emma, porque é exatamente o que vamos fazer quando chegar-mos na Sicília.

— Para manter as aparências? — desafiou ela enquanto via o rosto de Vincenzo escurecer, e sabia que tinha atingido um ponto crítico.

— Talvez haja alguma verdade nisso — admitiu ele num raro momento de auto-exame, mas então sorriu.

— Mas principalmente porque você sempre me deu o melhor sexo que já tive e isso não mudou.

De algum modo ele conseguiu fazer tal declaração parecer um insulto.

— E se eu me recusar?

— Você não ousaria recusar, mesmo se quisesse... ou tivesse o poder de resistir a mim. Teria muito a perder.

De modo selvagem, Emma sacudiu a cabeça loura.

— Isso é chantagem sexual — protestou ela.

— Ao contrário, Emma — objetou ele enquanto a trouxe para mais perto do calor de

seu corpo e viu os olhos azuis arregalarem-se em descrença e desejo.

— Estou simplesmente dando-lhe a oportunidade de agir como se isso não tivesse nada a ver com você. Que isso... — e ele sentiu o tremor dela enquanto pas-sava um dedo ao redor de um dos mamilos excitados — não é o que você quer que eu faça.

Sem pressa, Vincenzo curvou-se e a ergueu nos braços, carregando-a para o quarto principal, onde lhe removeu o vestido de seda azul, o qual usara apenas por poucas horas.

CAPÍTULO DEZ

— OLHE, GINO, olhe! Grave este momento na sua memória para sempre, *figlio mio...* pois esta é a terra de seu pai.

Emma observou Vincenzo carregando o filho de-graus abaixo do avião particular, segurando-o cuida-dosamente nos braços como se ele estivesse de posse de um precioso troféu. E a despeito das palavras pode-rosas que provavelmente tinham a intenção de excluí-la, ela sentiu um misto de emoções conflitantes por estar de volta na ilha que sempre amara.

Na primeira vez que tinha visto a Sicília, pensara estar no paraíso, cujo povo era apaixonadamente orgu-lhoso de sua terra. Mas Vincenzo estivera baseado no escritório central da Empresa Cardini em Roma, e era onde eles haviam permanecido depois do casamento.

Todavia, sempre iam para a Sicília nas férias e fe-riados, portanto Emma conhecera o local em todos seus aspectos.

E aprendera que a Sicília era uma terra com muitas faces diferentes.

Ao longo do litoral, resplandeciam pomares de li-mão e laranja, que contrastavam tão belamente com as florestas verdes da parte nordeste. No centro da ilha, havia colinas, com amendoeiras, oliveiras e infindáveis campos de trigo. E durante a primavera, as flores silvestres formavam um brilhante arco-íris contra o verde dos campos.

A família Cardini tinha propriedades localizadas por toda parte... incluindo um alojamento para esquis, onde uma vez Emma gritara de excitação ao ver pal-meiras cobertas de neve.

Estava frio agora, mas o céu era azul e o sol esta-va brilhando, e Emma puxou sua *pashmina* um pouco mais junto ao corpo quando viu um carro esperando por eles na pista.

— Há uma cadeirinha para Gino? — perguntou ela.

Olhos negros penetrantes encontraram os seus.

— É claro que há. Instruí que todas as preparações deveriam ser feitas para a chegada dele.

Vincenzo a observou colocar o bebê na cadeirinha infantil, e familiarizou-se com as tiras, seu pensamen-to por uma vez não focalizado no traseiro dela, mas na mudança dramática que Emma e o bebê tinham trazi-do para sua vida. Começava a perceber que, com fi-lhos em volta, você podia operar em dois níveis com-pletamente diferentes. Havia todos os movimentos de cuidar de um bebê e a tagarelice que isso envolvia... conversas que usualmente não continham nenhuma semelhança com os pensamentos que abundavam sua cabeça.

Quando ela acomodou-se no assento traseiro, Gino deu uma risadinha, e a boca do pai automaticamente abriu-se num sorriso. Era impossível que seu coração não se alegrasse na presença de um bebê tão encantador, pensou... e isso o fez perceber quão

forte já era seu vínculo com o filho.

Ele voltou-se para a mulher ao seu lado, os cabelos louros presos num rabo de cavalo, os imensos olhos azuis no rosto alvo. Num *cashmere* creme, ela parecia bela e sofisticada, muito diferente da mulher maltrapi-lha que irrompera no seu escritório dias atrás.

— E como você está se sentindo esta manhã? — perguntou ele suavemente.

Emma estava desorientada. Esta seria a resposta certa. E ainda tonta pela velocidade como as coisas pareciam ter acontecido.

Sentindo-se deslocada em mais de uma maneira, viu-se lutando contra seus próprios instintos. Queria tocar os lábios de Vincenzo, como se para assegurar-se de que eram os mesmo lábios que tinham roçado seu corpo na noite anterior no hotel. Que haviam sus-surrado palavras sicilianas doces e sensuais.

Que tinham dado um grito selvagem durante o clí-max, fazendo-a, por um minuto, sentir uma grande intimidade entre os dois.

Mas aparentemente, assim que o sol nascera, eles tinham se tornado estranhos formais de novo, unido apenas pelo filho.

Lembrando-a de que aquilo não passava de um ar-ranjo com conseqüências incertas.

Então pare de enterrar sua cabeça na areia, Emma. Comece a confrontar a realidade, em vez de entregar-se à mágica temporária de fazer amor com ele.

— Vincenzo, precisamos conversar.

— Então fale.

— Precisamos discutir o que vai acontecer uma vez que Gino conhecer sua família — disse ela e fez uma pausa. — Sobre o que vamos fazer em seguida.

Vincenzo virou-se para fitá-la, para ver a expressão cautelosa que havia nublado os olhos azuis. O que ela esperava que ele dissesse na atual circunstância?

— Agora não é a hora, Emma. Não decidi ainda. Emma meneou a cabeça, frustrada. Aquele não era Vincenzo por inteiro. Aquele era seu modo autocrático de fechar os canais de comunicação e esperar que ela se conformasse. Bem, talvez um dia ela tivesse se conformado, porém não mais.

— Mas não cabe somente a você decidir, certo? Te-nho tanto a ver com o futuro de Gino quanto você.

Os olhos negros a examinaram.

— E como você vê esse futuro?

Por um momento, a voz de Vincenzo pareceu quase razoável.

Ela ousaria arriscar-se a contar-lhe a verdade?

Havia em algum canto do coração impenetrável dele que ouvisse à razão?

— Não sei — admitiu Emma com voz sufocada. — Quero dizer, sei que você vai querer ver Gino e não estou realmente em posição de tentar impedi-lo...

— Não, você não está — interrompeu ele suave-mente. — Mesmo que dê tudo de si para tentar.

Emma não se deixaria intimidar por aquele olhar dominador.

— Simplesmente não posso suportar a idéia de que ele ficará um tempo longe de mim. Pensar que meu bebê crescerá e perderei parte desse processo. Uma palavra. Um sorriso. Um passo. Ou o fato que ele possa ter um pesadelo e gritar por mim. — Sua boca contorceu-se de dor. — E não estarei lá — completou ela com voz rouca.

Vincenzo inclinou-se para frente então, a expressão fria e ameaçadora.

— Não acha que é o mesmo para mim? — exclamou ele. — Não acha que meu coração não se partirá em deixá-lo ir, agora que finalmente o encontrei?

Emma quis dizer, *mas eu sou a mãe!* Todavia, mes-mo na sua tormenta, sabia que era a coisa errada a dizer, e não apenas porque Vincenzo poderia acabar com ela

verbalmente. Mas porque reconhecia com exatidão que ele renunciaria à própria vida pela vida do filho.

Uma vez, Vincenzo lhe declarara seu amor por ela com paixão similar, mas entre mulher e homem era completamente diferente. Você amava seu filho in-condicionalmente, enquanto o amor maduro podia nascer e morrer.

E de repente uma onda de remorso a invadiu, e Emma se viu querendo o impossível. Que ele ainda a amasse e que eles pudessem fazer aquilo funcionar.

— Não vamos brigar — sussurrou ela. — Gino não gosta disso.

Os olhos deles se sustentaram por um longo mo-mento de silenciosa batalha antes que Vincenzo des-viasse os seus dos lábios de Emma, a fim de afastar o desejo premente de beijá-la. Em vez disso, virou a ca-beça e olhou para o lado de fora da janela, para a pai-sagem familiar que conduzia em direção à área rural viçosa onde a família Cardini tinha plantado vinhas e fabricado óleos por mais de um século.

Como sempre, a vista de sua bem-amada ilha deixava seus sentidos aguçados, mas hoje pareciam ainda mais aguçados do que o normal. Era a paternidade, era chegar em casa... eram ambas as coisas, mas era Emma também, percebeu amargamente. A despeito da espantosa descoberta e frenesi da paternidade, Emma ainda o intoxicava como ninguém. Como sempre fi-zera.

Entretanto, o caso deles nunca teria futuro.

Inúmeras vezes, Vincenzo repetira isso para si mes-mo. Ela deveria ter sido apenas outra garota inglesa com quem ele tivera uma aventura, a qual nunca deve-ria ter durado além do período das férias de Emma.

Porém, ela o cativara e o surpreendera durante o namoro estranho e fragmentado. Pela primeira vez na vida, Vincenzo tinha se visto à mercê de sentimentos que não podia confiar, e no final, seu julgamento se provou falho. Porque Emma havia sido uma amante perfeita, mas uma péssima esposa. E agora?

Agora caía numa estranha categoria de não ser ne-nhuma das duas coisas.

— Pelo menos, conte-me sobre onde vamos nos hospedar? No vinhedo, suponho?

Vincenzo meneou a cabeça, forçando sua mente de volta à praticidade.

— Não, não fico mais lá. No ano passado comprei uma propriedade a uma pequena distância.

Ela não percebeu que estivera prendendo a respira-ção até que a soltou num silvo de alívio.

— Oh.

— Está satisfeita?

Emma deu de ombros. A situação era bastante difí-cil sem uma audiência observando e analisando todos os movimentos deles. E que platéia crítica ela era. O vinhedo dos Cardini era um lugar poderoso, com pri-mos espalhados por todos os lados, entrando e saindo o tempo todo.

— Sinto-me um pouco aliviada — admitiu Emma. — Eu estava com medo de viver em íntima proximi-dade a todos os seus parentes, como deve saber. Eles nunca me aprovaram.

— Foi em relação ao nosso casamento que eles tive-ram reservas. É fortemente enraizado na nossa cultura que eu deveria ter casado com uma garota siciliana.

— Então devem ter ficado encantados por saber que estavam certos?

— Não acho que ninguém jamais considerou o fra-casso de um casamento como causa para celebração. De qualquer forma, a maioria de meus primos está fa-zendo negócios na América do Norte. Mesmo Salvatore não estará de volta até a próxima semana.

Emma olhou para cima.

— Vamos ficar tanto tempo assim?

— Você parece ansiosa, Emma — murmurou ele sardonicamente.

Ela não se importaria se nunca mais pusesse os olhos naqueles primos exigentes... e Salvatore, o mais velho, era o mais exigente de todos.

— Não estou ansiosa. Apenas não estava certa de quanto tempo ficaríamos na Sicília.

— Bem, deixe-me assegurá-la de que não estou planejando uma visita por uma noite, *cara*.

Os dedos de Emma começaram a puxar a *pashmina* em volta do pescoço, ciente da demonstração de auto-ridade de Vincenzo.

— O que você disse a todos sobre Gino?

— Apenas que eu estaria levando meu filho para conhecer a família dele.

Ela estudou-lhe o rosto.

— E como eles aceitaram isso? Não fizeram perguntas?

— Eles não ousariam — replicou Vincenzo calmamente. — Seria intromissão se fizessem. E não estou pedindo a aprovação ou julgamento de ninguém sobre o que aconteceu, Emma. Assim é, e permanece assunto privativo, apenas entre nós dois. — Ele inclinou-se para frente e falou rapidamente com o motorista enquanto o carro margeava um promontório medieval que Emma reconheceu como Trapani. — Olhe ali, Emma, e verá as ilhas Egadi.

Ignorando todos os imprevistos que a esperavam, Emma permitiu que seu olhar avistasse um mar cor de safira.

— É maravilhoso.

— Você se recorda do dia que saímos de barco?

— E ficamos à deriva por horas... — disse ela, de repente percebendo para onde tudo aquilo a estava conduzindo. Para águas perigosas, esse era o fato. \

Eles se entreolharam. Vincenzo estaria recordando como a tinha tomado em uma das cabines e feito amor com ela, e quando eles voltaram para o convés, o sol brilhava no poente como uma bola de fogo? Mas, na ocasião, aquilo tinha sido mais do que apenas uma química espantosa entre eles, uma química que ine-gavelmente ainda existia. Eles também haviam ficado flutuando ao longo de uma bolha de amor, e o fato de aquela bolha ter estourado não a impedia de sofrer quando se permitia lembrar-se disso.

— Fale-me sobre sua casa — disse ela, mantendo o tremor longe de sua voz somente com muito esforço.

Um sorriso estranho curvou os cantos dos lábios de Vincenzo.

— Por que não dá uma olhada e vê por si mesma? É ali em cima.

Uma casa era obviamente o modo errado de des-crevê-la, porque a construção que se delineou no cam-po de visão de Emma era de fato um velho castelo, completo com torres, portões imensos, e dominava o campo em volta.

O carro chegou mais perto e ela pôde ver os mu-ros de pedra, e quando eles entraram num pátio antigo e delicioso, pontilhado com palmeiras e folhagens, Emma engoliu seco.

— Há uma torre — disse ela com incredulidade.

— Há quatro torres na verdade. E uma capela.

— Humm... humm! — gorgolejou Gino.

A voz do bebê a fez entrar em ação, e Emma saiu do carro cambaleando. Com os sentidos abalados pela beleza e pela emoção, circulou o veículo para a outra porta, a fim de retirar Gino da cadeirinha. Ele emitiu ruídos incompreensíveis de bebê, e ela apertou os bra-ços carinhosamente ao redor do filho.

— Vê onde estamos, querido? — perguntou ela. — Não é bonito? É um castelo, um verdadeiro castelo vivo!

— Venha e dê uma olhada para o panorama visto daqui — disse Vincenzo.

Tentando se convencer de que não estava adormecida e que aquilo não era alguma espécie de sonho espantoso do qual poderia acordar em breve, Emma seguiu-o através da pedra gasta e olhou para a vista de colinas verdes e para as fileiras esmeradas do vinhedo. Podia-se ver realmente as ilhas Egadi no horizonte.

Logo adiante, estava a deslumbrante praia San Vito, onde uma vez ela tinha nadado e caminhado sobre as areias douradas e macias com Vincenzo, muito tempo atrás.

Quantos momentos felizes ela parecia ter contem-plado. Teria enterrado aqueles tempos de tal forma que não mais teriam o poder de feri-la, tão profundamente que, de algum modo, esquecera que existiram?

Talvez aquilo fosse o que as pessoas chamavam de memória seletiva.

Mas certamente era muito mais seguro daquela maneira do que recordar os píncaros de felicidade que havia alcançado como recém-casada.

O que aquilo faria a não ser causar dor e lamento?

Rapidamente, Emma caminhou para o outro lado do pátio onde podia ver abaixo uma piscina retangu-lar, localizada no meio de um bosque e rodeada por muros de pedra cinzenta. E quando seus olhos absorveram tudo isso, ela ouviu o badalar alto de um sino na torre.

Era simplesmente empolgante... e quando se virou para trás, seus olhos estavam brilhando.

— Oh, Vincenzo, eu tinha esquecido do quanto isso podia ser bonito.

Vincenzo a examinou por entre os cílios semicerrados. E ele havia esquecido quão brilhante, loura e bo-nita ela podia ser... com os mesmos olhos azuis e pele cor de pêssego tornando sua aparência tão jovem e tão inocente como quando ele a conhecera.

— Venha e veja lá dentro — murmurou ele, dizen-do para si mesmo que ignorasse as feições suaves de Emma e o lindo brilho dos olhos. O repentino entu-siasmo dela tinha acontecido por uma razão, e ele des-confiava que sabia qual era.

Teria o contraste entre o estilo de vida que Emma tinha na Inglaterra atingido-a de modo tão feroz agora que ela a comparava com o estilo de vida dele?

Estava se dando conta, somente agora, da enormi-dade do que desistira quando partira?

— Siga-me — disse ele.

Emma sentiu-se estupefata quando seguiu Vincenzo através do castelo. O interior era frio, com assoalhos de mármore e tetos com vigas escuras... e uma série de quartos, cada um mais elegante que o outro. Finalmen-te, eles alcançaram o menos formal de dois salões im-ponentes, onde havia uma mulher de meia-idade vesti-da inteiramente de preto, cujo rosto parecia familiar.

— Você se lembra de Carmela? — perguntou Vincenzo.

A mulher que tinha ajudado a avó de Vincenzo a criá-lo. Que fora boa para Emma quando ela voltara da Inglaterra como noiva de Vincenzo.

— Sim, é claro que lembro. *Buon giorno, Carmela. Come sta?* — Valia a pena usar seu italiano muito bá-sico somente para ver o olhar de surpresa de Vincenzo, e a mulher de preto sorrir com prazer.

— *Bene, bene, signora Emma.* — Falando num rá-pido dialeto siciliano, Carmela correu em direção de Gino, que a fitava com extrema cautela.

Cada face gorducha do bebê foi apertada pelo polegar e indicador de Carmela, enquanto ela exclamava mais coisas em siciliano, para a quais Vincenzo deu uma resposta murmurada, e Emma viu-se rindo quan-do olhou para ele.

— O que ela está dizendo?

— Que temos o filho mais bonito do mundo, e eu a agradei. E ela disse também que sua filha, Rosalia, virá mais tarde. Ela tem um menino um pouco mais velho que Gino e ficaria honrada em trabalhar para nós como babá a qualquer momento que precisarmos.

— Não vou deixá-lo com ninguém que ele não co-nhece — disse Emma rapidamente. Vincenzo examinou-a por um momento.

— Então Gino terá que conhecê-los e logo — repli-cou ele, dando-lhe um olhar impenetrável. — Porque pretendo que tantas pessoas quanto possível fiquem conhecidas de meu filho e herdeiro.

As palavras eram possessivas ao extremo e uma pon-ta de pressentimento logo a desestabilizou, mas Emma tentou bani-la... dizendo a si mesma que obviamente Vincenzo fizera a declaração parecer quase tribal, por-que aquela era a maneira usada ali, naquela família fe-rozmente orgulhosa.

E por que deveria Vincenzo exhibir seu filho para os outros?

Porque isso me exclui. Deixa-me na periferia, perguntando-me qual é meu lugar em tudo isso e perce-bendo que não tenho um.

Mas certamente aqueles eram pensamentos egoís-tas, e não eram para o melhor de seu filho?

— Preciso trocar a fralda do bebê — disse ela. Vincenzo assentiu. Ela podia ser teimosa, mas pelo menos ninguém poderia acusá-la de não ser uma mãe participativa.

Porque certamente aquela teria sido a pior cena... ter uma esposa alienada que simplesmente não se im-portava. Mesmo alguns de seus amigos casados em Roma tinham aquela espécie de esposas... que pare-ciam felizes em delegar os cuidados para com o filho para outras pessoas, enquanto as mães estavam mais interessadas em fazer compras ou voar para Milão para assistir desfiles de moda.

— Deixe-me mostrá-la os quartos — murmurou Vincenzo. — Roberto levará a bagagem para os apo-sentos. Acho que a suíte no fim do castelo seria me-lhor... então pelo menos você não teria de carregar Gino para cima e para baixo naquela escadaria.

Era muito delicado da parte dele, ela não podia ne-gar isso. A escadaria parecia precária.

— E onde ficam os seus aposentos? — perguntou Emma.

Ele deu um sorriso malicioso.

— Por favor, não seja ingênua, Emma — murmu-rou ele. — Como discutimos em Londres, estaremos compartilhando um quarto, é claro.

Uma batida de seu coração vacilou.

— De modo que você possa ficar perto de seu filho?

— Sim, mas também — sussurrou ele — para me dar ampla oportunidade de deliciar-me do seu belo corpo.

Ela sentiu-se dividida entre desespero diante de tal arrogância e uma violenta alegria só de pensar em passar a noite nos braços de Vincenzo. Quase como se não pudesse esperar para arranhar a pele sedosa e azeitonada daquele corpo musculoso. Um tempo onde as hostilidades podiam ser esquecidas, apagadas em troca de êxtase.

Mas sexo não era uma panaceia, lembrou-se feroz-mente. Era um perigo e uma distração que podia cegar você de enxergar a verdade.

Todavia, Emma não disse nada quando o seguiu através do que parecia um infundável labirinto de cor-redores para uma suntuosa suíte que dava para luxuo-sos jardins tropicais.

O que adiantava criar outra objeção se ele simples-mente venceria?

Todas suas malas já estavam lá e Emma dedicou-se a desfazer a mala de Gino, ainda desacostumada com a grande quantidade de roupas novas luxuosas à escolha. Trocou a fralda de Gino e vestiu-o com um macacão quente azul-marinho com a mais encantado-ra gola de marinheiro. E minúsculas botas forradas com pele de carneiro! Vincenzo estava de pé, inclina-do contra a soleira da janela, simplesmente fitando-a, sem dizer nada.

Emma olhou para o chão, onde tapetes antigos, sem dúvida persas, estavam

atirados sobre as lajotas de pedra.

— Ele estará bem se eu o deitar ali? — perguntou ela. — Ou você gostaria de segurá-lo enquanto eu me refresco um pouco?

Vincenzo teve vontade de dizer sarcasticamente que não precisava da permissão dela para pegar seu filho, mas estava começando a perceber o quanto Emma era ligada ao bebê, por criá-lo inteiramente sozinha. Lembrou-se de sua própria infância cercada pelos primos Cardini entrando e saindo no lar de sua avó.

Sempre houvera um constante mecanismo de apoio de seus tios e tias, lembrou-se. Mas, para Emma, nada disso existira.

— O que acontece quando ele começar a engatinhar? — perguntou ele.

Emma caminhou para um maravilhoso banheiro de azulejos azuis, ciente de que ele a estava seguindo com Gino nos braços.

Ela encheu uma bacia com água quente e começou a lavar as mãos com sabonete cheirando a lima, sentindo a espuma suave e sensual.

Falou com seu reflexo no espelho.

— Engatinhar é quando toda diversão começa, dizem. Ele ainda não engatinha, mas o pediatra que o visitou disse-me para praticar, de modo que não seja um choque quando ele começar.

— Você nunca deve deixar bebês fora da vista, uma vez que são imprevisíveis — murmurou Vincenzo vagarosamente.

— Não. — Emma enxugou as mãos na toalha mais macia que ela já usara há séculos, pensando que eles pareciam duas pessoas racionais conversando, em vez de Emma e Vincenzo com sua paixão e sua fúria. — A menos que você os ponha num chiqueirinho, é claro.

— Mas você parece não gostar da idéia.

— Definitivamente não. Eles lembram-me de jaulas e bebês não são animais. Precisam de liberdade para explorar... Mas, algumas vezes, você precisa mantê-los em segurança enquanto faz alguma coisa. Mesmo se for algo como ir ao banheiro. — Tola-mente, ela viu-se corar. Não era engraçado que algumas coisas pareciam ainda mais íntimas do que sexo? No passado, ela não teria ousado dizer tais coisas para Vincenzo. — Desculpe, não sei por que falei isso.

Mas Vincenzo meneou a cabeça, de repente tomado de estranha raiva... se bem que mais contra si mesmo do que contra qualquer pessoa.

— Sou tão tirano que você não ousaria falar tais coisas? De modo desajeitado, Emma deu de ombros.

— Diga-me — exigiu ele. Ela fitou-lhe os olhos negros.

— Você não encorajou exatamente a comunicação quando éramos casados, mas talvez tenha sido melhor assim. É uma idéia antiquada, não é... que uma mulher deveria ser envolvida em misticismo? — Ele notou o uso do verbo no tempo passado. Mas ela estava certa, não estava? O casamento *estava* no passado.

— E eu estava muito insegura em saber o que lhe dizer — admitiu Emma. Havia se tornado ciente de que conseguira casar com um dos homens mais desejados e qualificados da Sicília, e essa descoberta diminuía sua autoconfiança consideravelmente.

Tinha se sentido muito desajeitada e inexperiente para viver seu novo papel. Na verdade, sentira-se como um peixe fora d'água. Em vez de deleitar-se em todos os novos prazeres e alegrias da vida de casada, havia se fechado, com medo. Talvez essa fosse a razão pela qual não conseguira engravidar.

— Você era infeliz em Roma — disse ele repentinamente.

Aquilo soou mais como uma observação do que uma pergunta, mas Vincenzo a estava olhando como se exigisse uma resposta.

— Bem, eu estava um pouco solitária — admitiu Emma. — Ou melhor, estava isolada.

Tinha minhas aulas de italiano, mas você passava o dia inteiro no trabalho. E era contra a idéia que eu trabalhasse.

Vincenzo meneou a cabeça impacientemente, enquanto respondia à queixa.

— Mas você não tinha uma profissão, Emma — replicou ele. — Tinha desistido da faculdade de culinária. Então o que teria sugerido? Que eu ti-vesse uma mulher... uma esposa Cardini... fazendo docinhos?

As palavras agora continham o cunho familiar de sarcasmo, e Emma o encarou fixamente.

Por que pensara que ele de repente havia se transformado num homem razoável? Porque isso requeria uma mudança de personalidade tão radical que ele simplesmente não seria reconhecível como Vincenzo.

— Oh, esqueça. Isso não importa. E agora, se você me der licença... preciso alimentar Gino — disse ela, o tom de voz neutro.

CAPÍTULO ONZE

EMMA ESTAVA de volta nos braços de Vincenzo e na cama dele, e, para o mundo externo, ela era mais uma vez a *signora* Cardini.

Exceto que não era. Não de verdade. A maioria das vezes, aquilo era apenas um ato que eles estavam in-terpretando, onde ocasionalmente sentimentos reais conseguiam transpor a fachada e torná-los cientes da realidade. Sentimentos que tinham a ver principal-mente com o filho deles, e Emma agarrou-se a aquele fato como uma mulher afogada escalando uma pedra escorregadia. O amor feroz deles por Gino era a única coisa verdadeira que a sustentava, porque o resto era puro perigo sedutor.

Como podia ser tão fácil concentrar-se na magia de suas noites com Vincenzo, quando se juntava a ele na cama larga que dominava a suíte principal do castelo? Onde inibições eram banidas, e ela deslizava entre os lençóis de algodão amarfanhados para colidir com o poder quente do corpo nu quando Vincenzo a envol-via em seu calor selvagem.

Era como se ele estivesse procurando obliterar a lembrança daqueles últimos áridos meses em Roma, onde o relacionamento deles se deteriorara a tal exten-são que eles haviam se tornado estranhos um para o outro. Agora Vincenzo parecia determinado a levá-la às alturas da paixão, uma paixão que depois a deixa-va tremendo e confusa. Perguntando-se como podia deixar-se ser levada pela insensível demonstração da experiência sexual dele.

E imaginando também quanto sentiria a falta de Vincenzo quando ela voltasse para a Inglaterra.

Durante o dia, Vincenzo mostrava a um confuso e fascinado Gino sua ilha adorada, enquanto Emma reintegrava-se a uma beleza que tinha esquecido... seu prazer temperado pela dor da lembrança dos momen-tos que pareciam surgir dos cantos de sua mente quan-do menos esperava.

Uma vista estupenda da minúscula ilha de Ustica, com seus rochedos e paisagem árida emergia com a lembrança de Vincenzo beijando-a, dizendo-lhe que seus cabelos eram como fios de ouro, porém muito mais preciosos.

Por que aquilo havia mudado? Por que o relaciona-mento se deteriorara com tanta força a ponto de eles se tornarem irreconhecíveis? E por que você nunca percebe a importância da ternura, até que ela desapareça?

Mas pelo menos Gino estava florescendo, estabelecendo-se na vida na Sicília como se tivesse nascido ali. E talvez tivesse... pois aquilo era certamente o que Vincenzo parecia pensar.

— Todos os sicilianos são ligados pelo coração a esta ilha — disse-lhe ele, naquela maneira arrogante que não dava espaço para argumento.

Alguns dias, a filha de Carmela, Rosália, trazia seu próprio filhinho, Enrico, para brincar, e os dois bebês robustos se sentavam num tapete grande, alternadamente entreolhando-se e rindo um para o outro.

— Já pensou como será quando eles estiverem an-dando! — comentou Rosália, cujo inglês era bom.

Emma deu a Vincenzo um rápido olhar. Aquele não era um arranjo permanente. Ele sabia disso e ela tam-bém... portanto, certamente ele não estava permitindo que ninguém mais pensasse de outra maneira?

Mas não teve a chance de perguntar-lhe... porque Salvatore e o resto dos primos Cardini tinham apare-cido inesperadamente, e uma grande festa estava sen-do preparada no vinhedo, a fim de que eles e o resto da família pudessem conhecer Gino de modo formal.

— Por Deus, o que vou usar? — perguntou Emma, os nervos à flor da pele. Gino usaria uma roupa de lã branca que ela separara desde que Rosália lhe havia dito que as crianças sempre usavam branco nas cele-brações. Era a coisa mais impraticável que já ouvira.

— Para uma mulher que fica linda nua, isso é um problema — murmurou Vincenzo.

Emma o estudou, pensando no quanto ele parecia satisfeito. Como um leão na selva que acabou de co-mer uma vasta refeição, sua natureza predatória acal-mada por alguns momentos.

Gino tinha passado a manhã brincando na casa de Enrico, e Vincenzo a levava direto para a cama, ale-gando que deveriam aproveitar ao máximo o tempo de folga. O que explicava o rubor no rosto de Emma, que não parecia desaparecer, ou o fato de que seu co-ração ainda estava ainda batendo fortemente com as lembranças de todas as coisas que ele fizera com o seu corpo...

Ela olhou para cima para perceber que ele estava lhe falando.

— O quê?

— Perguntei se você quer que eu me encarregue de vestir Gino enquanto troca de roupa?

Emma assentiu.

— Sim, por favor.

Ela foi para o quarto de vestir e começou a procu-rar uma roupa adequada entre os cabides. O que usar numa situação como aquela, que iria ser inevitavel-mente um campo minado pela presença crítica dos homens chauvinistas da família Cardini?

Correu os dedos entre a fileira de roupas. Nada curto demais, aderente demais ou insinuante demais. Como era uma festa no fim de tarde para acomodar todas as crianças Cardini que estariam lá, então não poderia ser nada muito extravagante, também.

Finalmente, escolheu um vestido de *cashmere* cre-me, com um cinto de couro em volta da cintura e cal-çou um par de botas que combinavam.

Entrou na sala de estar onde eles a esperavam, e, por um momento, o coração de Emma pareceu parar de bater. Gino estava lindo, e tão perfeitamente feliz no colo do pai, dando pequenos socos no queixo autocrático dele. Pai e filho podiam ser usados numa campanha publicitária para representar o elo familiar masculino. E nada é realmente como parece ser, lembrou-se ela condoída. A vida, como anúncios de propaganda, podia não

passar de uma ilusão.

— Você está ensinando Gino a brigar? — pergun-tou ela de forma reprovadora.

Os olhos negros fitaram-na, desde a suave intumescência dos seios até a cintura pequena e a delgada cur-va dos quadris, que estavam acentuados pela lã fina.

— Uau!

Emma desejou que ele não a olhasse daquela ma-neira. Aquilo fazia seu coração palpitar. Fazia seu cor-po doer. E a fazia ansiar por o que nunca poderia ser.

— Eu perguntei se você está ensinando Gino a lutar?

Ele sorriu quando desviou de outro golpe do peque-nino pulso de Gino.

— *Si, cara mia* — murmurou. — Todos os homens precisam saber lutar.

Ela sabia que não adiantaria protestar, dizendo que Gino não tinha ainda um ano, assim como sabia que não adiantaria pedir-lhe para remover aquele olhar zombeteiro do rosto. Como se estivesse determinado a zombar dela com tal expressão penetrante.

Seus dedos apalpam ansiosamente a fivela do cinto.

— Estou bem?

— Você sabe que parece totalmente deleitável. O espelho não mente, Emma.

Ela suspirou e pegou sua bolsa.

— Você não entende, não é, Vincenzo? As mulhe-res não estão procurando afirmação quando fazem perguntas como essa... estão procurando segurança, e, em geral, é porque estão nervosas. Somente quero saber se você acha que estou vestida adequadamente para uma grande aglomeração Cardini.

Ele deu-lhe um sorriso leve.

— *Indubbiamente.*

— O que significa isso?

— Sem dúvida alguma.

— Palavra útil no vocabulário. Eu a usarei na pró-xima vez que estiver numa loja — disse ela.

— Ou use esta noite na cama, quando eu perguntar se eu lhe agradei — murmurou ele.

— Como se você precisasse perguntar!

— Gostei da resposta — admitiu ele, com arrogân-cia desavergonhada e Emma teve de se afastar rapi-damente.

Isto está ficando complicado demais, pensou ela quando as palavras trocadas arremedavam uma inti-midade fácil. Está começando a parecer alguma coisa que nunca poderá ser, e você vai ficar ferida se não for cuidadosa.

Vincenzo viu o repentino enrijecer do corpo de Emma, e viu-a se afastar. Por que tinha se permitido esquecer que ela estava simplesmente ali na superfí-cie? Porque sua beleza o cegara, essa era a razão.

Ele pegou Gino e falou de modo ríspido:

— Vamos.

Enquanto o carro percorria o caminho empoeirado que levava ao vinhedo, a boca de Emma estava seca de tanto nervosismo. Fazia muito tempo desde que estivera lá... na bela propriedade que era o centro das Indústrias Cardini.

Uma vez perguntara a Vincenzo por que a estrada para o lar pródigo e exuberante era tão simples e bási-ca, e nunca se esqueceu da resposta.

— Porque nós, sicilianos, não exibimos nossa ri-queza. Não precisamos, porque isso é irrelevante. Um homem é ainda um homem se ele possui uma cabana ou um castelo.

De algum modo, aquilo explicava a complexidade que jazia no coração do povo siciliano, e Emma ti-nha ficado intrigada por isso. E havia desejado aprender mais. Para começar a entender as pessoas, assim como o complicado homem com o qual tinha casado. Mas Vincenzo frustrara todos os seus esforços para investigar por baixo da superfície. Ela acabara des-cobrando que, sob o exterior pétreo dele, jazia ainda mais

pedras.

Emma olhou agora para o perfil sério de Vincenzo quando ele tirou o pé do acelerador e eles entraram no imenso pátio, onde carros estavam agrupados, lado a lado.

— Oh, meu Deus... é imenso! — exclamou Emma. — Um agrupamento familiar total.

— Mas é claro — concordou Vincenzo. — Todos estão aqui para conhecer Gino, meu filho e meu her-deiro universal, ou você não sabe disso? — Ele foi propositadamente sardônico.

Gino. Silenciosamente Emma percebeu o que esta-va em oferta ali. Era muito mais do que o filho jamais teria na Inglaterra.

E não era somente riqueza, ela reconhecia.

Ali havia família. Pessoas que se importavam e que o amariam com um vínculo familiar feroz e inquebrantável. Se acontecesse alguma coisa a ela, Gino estaria seguro.

— Por que não começamos nosso casamento aqui na Sicília? — perguntou Emma de repente.

Ele franziu o cenho.

— Porque meu trabalho era em Roma.

— Mas...

— Sim, eu sei. Eu poderia ter trabalhado em qual-quer lugar. — Vincenzo pôs as mãos no volante como se ainda estivesse dirigindo, mesmo que o motor já estivesse desligado.

Ele não achou fácil expressar seus sentimentos, nunca achou. Quando criança não havia mãe para re-mover-lhe as ansiedades e os medos, e embora sua bem-amada avó o tivesse amado muito, ela fora um membro da velha escola. Onde homens eram fortes e nunca se rendiam, e somente mulheres mostravam suas emoções.

Vincenzo não estava achando aquilo particularmen-te fácil agora, mas Emma o olhava com expectativa.

— Na ocasião, imaginei que você acharia a ilha pequena demais e muito claustrofóbica — disse ele vagarosamente. — Que Roma pudesse ser um estilo de vida mais compatível para uma jovem mulher dei-xando a Inglaterra.

Mas Roma tinha parecido grande demais. Muito movimento. O falar rápido e sofisticado dos romanos a havia confundido, portanto Emma se recolhera den-tro de si mesma, sentindo-se isolada de todos os lados e afastando-se do marido.

Ela olhou diretamente em frente.

— De qualquer modo, nada disso importa agora, importa? Não realmente. É com o presente que temos de lidar.

Houve uma breve de pausa.

— Vamos entrar — disse ele, sua voz distorcida com algo como arrependimento quando tirou Gino da cadeirinha e entregou-o a ela.

Mas Emma ergueu o rosto para ele e, por uma vez, permitiu que sua postura escorregasse.

— Vincenzo, estou com medo — sussurrou ela. Ele a estudou com o bebê aninhado junto ao seio e sua respiração ficou presa na garganta. Naquele momento queria... queria...

— Não há necessidade de ter medo — disse ele. — Eles são família.

Sim, sua família, pensou ela com um leve senti-mento de desespero. E de Gino. Mas não a minha. Certamente não a minha.

Um murmúrio de excitação surgiu quando eles en-traram no hall, e parecia a Emma que cerca de cem garotinhas de várias idades, todas usando vestidos brancos imaculados com diferentes faixas coloridas, vieram gritando, seguidas de perto por uma porção de meninos morenos, com roupas formais.

— Oh, meu Deus — murmurou Emma enquanto Gino pendurou-se em seu pescoço como uma ser-pente e gritou com deleite de toda atenção que estava recebendo.

Houve um mundo de apresentações a Bellas e Rosas e Marias e Sergios, Tomassos e Pietros. Depois de cumprimentar todos eles, Emma seguiu Vincenzo para o salão formal... ciente de que algumas mulheres a fitavam com desconfiança. E se fosse totalmente honesta, poderia culpá-las? Não teria se sentido exatamente da mesma forma se as posições fossem invertidas?

Elas não sabiam os motivos do rompimento do casamento ou da concepção de Gino, porque Vincenzo não lhes contara.

Teria sido tão fácil ter difamado seu nome, seu caráter e sua moral, mas ele não tinha feito isso, e Emma sabia por quê. Porque Vincenzo era um homem orgulhoso, e orgulho não o deixava agir assim, mas tal orgulho a protegera, também.

Ela pensou em como ele era lindo enquanto lhe apresentava pessoas novas.

— Mas aqui está alguém que não precisa de apresentação.

Emma manteve uma mão firme em volta das costas de Gino quando se virou para cumprimentar o homem que estava de pé atrás deles.

Salvatore Cardini. Somente um ano mais velho do que Vincenzo. Dois homens que eram mais íntimos do que irmãos, todavia mais distantes do que irmãos poderiam ser. Emma lembrou-se que alguém lhe contara que a mãe de Salvatore desejara adotar Vincenzo quando ele ficara órfão, e criá-lo como seu próprio filho. Mas a avó do menino tinha ficado com o coração tão partido pela morte da filha que cuidar do filho infante havia sido a única luz em seu inconsolável horizonte.

Então Vincenzo morava com Norma, mas passara muito tempo na casa de Salvatore. Eles tinham ido para a escola juntos. Aprendido a dirigir e atirar juntos. A nadar e pescar, e então... quando chegaram à virilidade, cativado todas as mulheres que se aproximavam e seduzido qualquer mulher que se permitisse ser seduzida.

Eram espantosamente parecidos, com suas feições duras e orgulhosas, assim como em suas condutas travessas... mas Emma nunca tinha visto o lado suave de Salvatore.

Sempre pensou que talvez ele não tivesse tal lado, mas naquele momento seu rosto era mais meditativo do que ela se recordava.

— *Ciao*, Emma — murmurou ele com suavidade. — Você parece ótima.

Emma imaginou o que Salvatore teria dito se ela estivesse usando peças de seu guarda-roupa normal, em vez de ter sido embonecada pelo seu marido. Se teria sido tão lisonjeador, então. Mas inclinou-se para frente e aceitou um beijo em cada face, ciente de que Vincenzo caminhava pela sala, tendo deixado os dois sozinhos. Como se a atirando aos leões, pensou.

— *Ciao*, Salvatore — ecoou ela. — Você também está ótimo.

Ele permitiu-se um raro sorriso, mas estava focado em Gino agora, fixando-o com um olhar penetrante, como se estivesse estampando a imagem do bebê na sua mente. E então assentiu.

— Mas ele é a imagem perfeita de Vincenzo — concluiu perplexo.

— Sim. — Ele teria duvidado que Vincenzo era o pai? Claro que sim... e quem podia culpá-lo por duvidar? — Sim, ele é.

Salvatore a encarou agora.

— Então, como você tem passado?

— Oh, você sabe. Nós sobrevivemos.

— Sim, posso ver isso. Mas a vida deveria ser mais do que sobrevivência. — Houve uma pausa. — Vincenzo contou-me que você é uma boa mãe.

Para alguém desacostumada aos modos dos homens sicilianos, aquilo podia parecer paternalista, mas Emma aceitou como grande elogio. Assentiu com a cabeça, ciente de uma repentina onda de tristeza.

— Espero que sim. Não é difícil... ele é um garotinho maravilhoso.

— Mas ele gosta da Sicília. Está em casa aqui — disse Salvatore.

Houve uma intenção oculta naquelas palavras. A ameaça implícita que jazia atrás das amenidades sociais.

— Quem não gostaria? — perguntou Emma, mas por dentro seu coração estava batendo furiosamente com medo. Ele considerava Gino como um peão num jogo de xadrez... que pudesse ser movido para qual-quer lado de acordo com as regras dos Cardini?

Vincenzo voltou, então ela foi levada para se sentar com algumas das velhas senhoras, onde foram ser-vidas de café e alguns do minúsculos bolos cobertos com *frutta martorana*... marzipã colorido elaborado para parecer miniaturas de frutas. Mas as palavras de Salvatore continuavam ecoando na sua cabeça e Emma não podia concentrar-se na comida. Esmigalhou a maior parte dos delicados bolinhos no seu pra-to... e na verdade, sentindo gosto de papelão na boca.

Eles não deixaram a festa antes das 7h da noite, com todos os Cardini aglomerados na porta acenando-lhes, e Emma sabia que a tarde havia sido julgada um sucesso.

Mas, por dentro, sentia-se inquieta... como se fos-se uma carta fora do baralho. Não conhecia mais seu lugar.

Nada daquilo era real. Só havia uma razão para que estivesse ali: Gino. Tire um bebê não planejado e miraculoso fora da equação e tudo que lhe restava era um homem que estava enamorado de seu corpo, e uma mulher...

Na obscuridade do carro, Emma deu-lhe um olhar.

Uma mulher que permaneceu completamente vul-nerável ao amor que sentira por ele um dia. Então o que iria fazer a esse respeito?

Na escuridão, Vincenzo leu a inequívoca tensão no corpo de Emma, e comprimiu os lábios, sabendo que não podia mais prorrogar o inevitável.

Esperou até que Gino adormecesse e que eles es-tivessem sentados na mesa da sala de jantar, com a refeição de Emma jazendo intocável, assim como ela se recusara a comer na festa.

Uma veia de raiva pulsou na têmpora de Vincenzo. Emma estava esperando que ele lesse os sinais envia-dos, sem ter de falar nada? Pensava que ele estava cego? Que era impenetrável ao desassossego e desejo dela de ir para casa? E não percebia que ele não per-mitiria que isso acontecesse?

— Emma. Acredito que há assuntos que precisa-mos discutir, não acha?

Ela levantou a cabeça vagarosamente, esperando ler alguma coisa no rosto dele, mas as feições perma-neceram tão fechadas como sempre.

— Sobre o quê?

Contra o linho branco da toalha de mesa, os dedos bronzeados de Vincenzo se flexionaram. Então eles estavam jogando de novo, não estavam? Talvez de-vessem falar sobre isso quando ela estivesse nua sob seu corpo, implorando que ele continuasse com aqui-lo. Emma era muito mais acessível então, não era?

— Sobre o futuro, é claro.

— O futuro de Gino?

— Não, não apenas o de Gino. O seu futuro e o meu.

Se os olhos de Vincenzo não fossem tão ameaça-dores quanto a voz, tais palavras poderiam quase ter sido mascarados como alguma espécie de proposta romântica. Mas do jeito que era, o coração de Emma descompassou.

— Continue — disse ela, seu peito apertado de medo pelo que poderia vir em seguida.

— Estou pre-sumindo que você teve algumas idéias de como deseja proceder.

Como ela parecia fria!, pensou ele. Menos como uma mulher e mais como um robô mal-humorado!

Bem, era melhor que soubesse que todo o mau hu-mor do mundo não mudaria a decisão dele.

Vincenzo a encarou com olhos furiosos.

— Quero que Gino viva aqui na Sicília, Emma. Você tem de entender que, sob nenhuma circunstância, permitirei que ele volte para a Inglaterra com você. E mais do que isso... eu não lhe darei o divórcio que deseja.

CAPITULO DOZE

EMMA OLHOU para Vincenzo, seus lábios tremendo de horror pelas palavras dele, pelo tom de voz rude e pelo brilho frio nos olhos negros.

— Mas você disse... ou melhor, insinuou que esta seria apenas uma viagem curta para apresentar Gino à Sicília e a seus parentes!

Ele deu uma risada curta.

— E você foi tola suficiente para acreditar nisso? — zombou Vincenzo. — Realmente pensa que uma vez que eu tivesse dado ao meu filho um gosto do que é ver-dadeiramente dele... sua herança e seu futuro... permitiria que ele voltasse para a espécie de vida que você tinha?

Emma encolheu-se como tivesse sido esbofeteada.

— Então você... preparou uma armadilha para mim — acusou ela. — Deu a impressão de que seriam umas férias temporárias, e agora está efetivamente dizendo-me que sou uma prisioneira aqui na ilha? Bem, você pode ser rico e poderoso, Vincenzo... mas estamos no século XXI e a vida não funciona desse jeito. Não pode manter-me aqui contra minha vontade.

— Apenas tente — desafiou ele.

Algun sinal de alarme soou no subconsciente dela, avisando-a de que aquele não era o caminho certo. Era melhor agir com calma. Tentou simular um sorriso.

— Ouça, Vincenzo, sejamos razoáveis. Você não pode fazer isso...

— Oh, posso e farei, Emma — interrompeu ele implacavelmente. — A não ser que você esteja prepara-da para considerar a alternativa.

— Alternativa? — Ela o olhou desconfiada. — Que alternativa?

Sem paixão alguma, ele examinou-lhe o rosto oval e a beleza azul brilhante dos olhos.

— Que nós permaneçamos aqui, juntos, como um casal de verdade, criando Gino e quaisquer outros fi-lhos que possamos ter.

Aquilo soava como uma brincadeira cruel, mas ela podia ver no rosto arrogante que ele estava sendo mais sério do que nunca. Todavia suas palavras pareciam totalmente frias...

— Por que você iria querer fazer isso? — sussur-rou ela.

— Não é óbvio? Deveria saber que eu nunca ficaria satisfeito fazendo o papel de pai pela metade. Assim como deve saber que eu nunca toleraria a idéia de outro homem criar meu filho, ou ter qualquer influência na vida dele.

Ele viu a linda boca de Emma comprimir-se, mas rebelou-se contra seu suave apelo, lembrando-se das conseqüências naturais da beleza dela.

— E, sim, antes que você me diga que não há ne-nhum outro homem, talvez não haja. Pelo menos não no momento — continuou ele quando uma ponta de ciúme o assolou. — Mas um dia haverá, e isso é tão claro como a noite depois do dia. Uma mulher bonita como você não está destinada a permanecer sozinha por muito tempo, Emma.

Estranhamente, aquilo doeu muito. Emma queria dizer-lhe que ele era um tolo se

pensava que ela se-ria capaz de olhar para outro homem depois dele. Mas aquilo somente alimentaria o ego masculino. E Vincenzo não estava em estado de espírito de acreditar nisso.

— Você é um bárbaro — exclamou ela raivosa, ar-rastando a cadeira no chão quando ficou de pé para encará-lo.

— Sou? — Ele sorriu, então se levantou e deu a volta na mesa, aproximando-se. — Mas isso parece ser o que a excita, não é, Emma? Talvez seja hora de você aprender a abraçar o barbarismo, em vez de fin-gir que isso a aterroriza.

Ela ofegava fortemente quando o olhou, devastada pelas coisas que ele tinha dito.

— Fique longe de mim!

— Você diz isso como se fosse verdade e eu pudes-se ouvir — murmurou Vincenzo enquanto a puxava para seus braços. — Portanto, pensando melhor...

Emma lutou, mas somente por um momento, por-que o toque dele era como acender um fósforo num monte de palha. Ela parecia não ser capaz de contro-lar sua reação, mesmo assim deu um pequeno gemido de protesto quando ele curvou a cabeça para roçar os lábios nos seus.

A respiração quente contra sua boca era intoxicante.

— Por que não pensa na minha sugestão, Emma? Seria tão mau assim viver dessa maneira?

De que maneira? Com nada mais do que uma atra-ção química selvagem e insuportável?

Emma fechou os olhos, não querendo que ele lesse o desejo que devia estar estampado neles. Contudo, não era forte bastante para afastá-lo, apesar de estar sendo tratada como um objeto. Uma posse.

Mesmo se ela protestasse... de que adiantaria? Por-que Vincenzo somente usaria seu poder sexual para beijá-la numa espécie de submissão irrelevante.

— Vincenzo...

— Pense a respeito. Somos bons juntos. Nem todos os casais têm compatibilidade!

— Compatibilidade existe quando não estamos tentando ganhar pontos um do outro.

E outros casais têm amor, é claro. Mas ela não po-dia esperar por isso, não agora.

— Tenho uma escolha? — sussurrou Emma, abrindo os olhos finalmente para encará-lo. — Não, é claro que não tenho. Você não tem consideração por nin-guém, Vincenzo. Nunca teve.

— Sim, você tem uma opção sobre como escolher levar sua vida — discordou ele. — Pode agir como se estivesse aqui sob coação, bancando a prisioneira. — Ele cocou o queixo, pensativo. — Ou pode apro-veitar melhor o que temos. Gino. Riqueza. Família. E bastante dinheiro para que a vida não seja uma luta. Não precisará matar um leão por dia para sobreviver, como na Inglaterra.

Aquela era uma maneira imodesta de descrever a vasta fortuna dos Cardini e a perspectiva de um ca-samento sem amor... porque Emma não teria outra opção. Como poderia, sem dinheiro e sem nenhuma perspectiva de uma profissão, lutar contra o poder de Vincenzo Cardini?

E mesmo se resolvesse partir... Gino a perdoaria se ela tentasse levá-lo para longe de tudo aquilo? Olharia para trás um dia e a desprezaria por ter posto desejos egoístas na frente do bem-estar do filho?

Emma afastou-se... fugindo da tentação física.

— Não posso pensar sobre isso esta noite — disse ela com determinação. — Foi um dia exaustivo.

— Então vamos para a cama.

— Não quero ir para cama com você.

Os lábios dele curvaram-se num sorriso zombeteiro.

— Oh, eu acho que você quer.

Nas circunstâncias, ela não deveria desejá-lo. Não deveria ter feito sexo com Vincenzo depois de tal ultimato. Mas fez. Deus que a perdoasse, mas ela fez.

Depois de um ato de amor sedento e apaixonado, Emma não conseguiu dormir. Permaneceu acordada até o amanhecer, sentindo o coração bater contra o peito enquanto Vincenzo dormia a seu lado.

Deliberadamente, afastou-se o máximo possível na cama. A proximidade dele era perigosa... o calor de Vincenzo a acalmava, fazendo-a pensar, falsamente, que estava segura ali.

Emocionalmente, não poderia estar em um lugar mais perigoso do que trancada naquele casamento sem amor pelo bem do filho deles.

Na quietude da noite, sentiu uma lágrima escorrer por seus olhos fortemente cerrados, e Emma saiu da cama antes que seu marido acordasse, vestindo-se com rápida determinação, de modo que ele não a visse vulnerável. Vincenzo podia tê-la ludibriado fazendo-a ir para lá, e podia agora estar usando toda sua força e seu poder a fim de obrigá-la a permanecer ali como sua esposa, mas ela se protegeria. Deixaria claro que seu coração não se partiria novamente, maltratado por um homem que não a amava.

Quando Vincenzo acordou bocejando e estendendo os braços como um gato bem alimentado, Emma já estava pronta no salão, brincando com Gino.

O siciliano alto e poderoso parou à porta, e Emma viu seus olhos negros estreitarem-se de maneira interrogativa no momento que ele a avistou sentada à mesa, com uma xícara vazia de café ao lado.

— *Buon giorno, bella* — murmurou ele.

— Olá.

Vincenzo fixou os olhos no rosto dela, tão pálido naquela manhã, e com olheiras profundas sombreando os lindos olhos. Viu a queda sedosa dos cabelos louros e sentiu o clamor da luxúria no baixo ventre. !

— Você acordou cedo — observou ele suavemente. Emma fitou-lhe o rosto rudemente bonito, mas não pôde esquecer do ultimato da noite anterior, da insistência para que ela ficasse ali como sua esposa cativa.

— Talvez eu devesse ter lhe perguntado o horário certo de levantar? — perguntou ela friamente. — Você terá que me dizer esse tipo de coisa... o que espera e o que não espera de mim... uma vez que não estou exatamente certa de quais são suas regras, Vincenzo.

A boca de Vincenzo endureceu. Então ela achava que quebraria sua resolução, adotando a aparência de uma donzela fria? Comportando-se como se tivesse gelo nas veias?

— Você não está na prisão — declarou Vincenzo.

— Não, é claro que não estou! — Ela lhe deu um sorriso sereno. — Estou aqui inteiramente de livre e espontânea vontade.

— E agora você está deliberadamente torcendo tudo.

Emma meneou a cabeça e colocou um dedo silencioso sobre os lábios, certa de que Gino os estava observando, os olhos escuros da criança mudando de um pai para o outro enquanto cada um falava, como um espectador mirim num jogo de tênis.

— Ao contrário, Vincenzo... estou dizendo isso da maneira que é. Ambos sabemos por que estou aqui... por causa do nosso filho... E, portanto, nada disso fará sentido se nós estragarmos tudo, discutindo na frente dele. Se você está determinado a fazer deste um lar familiar para Gino, então pelo menos vamos fazer o possível para não nos confrontarmos. Se não podemos ter amor, então certamente podemos aprender a apreciar um tipo de harmonia.

— Emma.

— Ouça, segure Gino. — Afivelando um sorriso brilhante nos lábios, ela levantou-se e, dando um rápido beijo no pescoço gorducho do filho, entregou-o a Vincenzo. — Vou tomar uma ducha e mudar de roupa. Você tem algum plano especial para hoje? Não? Então pensei que poderíamos ir até Trapani. — As palavras saíram aos trambolhões, como se ela as estivesse usando para tentar encher o espaço do-lorido que existia entre eles. — Levar Gino no seu carrinho em volta da cidade e talvez almoçar olhan-do o mar. E então talvez você possa me dar algumas aulas ao volante.

— Aulas ao volante?

Emma adotou o olhar de um professor que acabou de descobrir que o aluno premiado tinha falhado no mais elementar teste de soletração.

— Sim, é claro, vou precisar aprender a dirigir, não vou? Para ser capaz de percorrer a ilha quando você não estiver aqui.

— Mas contratarei um motorista para você! Al-guém com experiência que estará disponível sempre que você quiser. Sabe disso.

Emma meneou a cabeça.

— Quero alguma independência, Vincenzo — Ela virou-se e deu-lhe um olhar firme. — Pelo menos me permita isso.

Vincenzo cerrou o cenho. Não podia contestar a ló-gica de Emma, todavia tal lógica o deixava inquieto. Ele estava acostumado à paixão quando lidava com mulheres... e com Emma mais do que com a maio-ria. Ela fora apaixonada na noite anterior quando ele a tomara nos braços e a levava ao topo. Mas naquela manhã era tudo diferente. Ele sentia como se estivesse lidando com um manequim, em vez de uma mulher de carne e osso que tinha ganhado vida tão belamente em seus braços.

Mas como poderia expressar seu desprazer diante de uma situação tão insatisfatória? Estava restrito pela presença física de seu filho e pelas palavras de sua esposa, de que não deveriam discutir na frente do bebê. E ela estava certa. É claro que estava certa. Vincenzo nunca se sentira tão confuso na vida.

— Muito bem. Falarei com alguém sobre ensiná-la a dirigir.

Ela inclinou a cabeça num gesto de subordinação.

— *Grazie!* Ele assentiu.

— *Prego.*

Mas, de alguma maneira, Emma descobriu que sua determinação de não baixar suas defesas tinha se tor-nado seu salvador. Porque era quase mais fácil fazer o papel de esposa adequada do que simplesmente ser ela mesma... a mulher fraca que ainda o amava. Pelo menos agora, tinha um papel bem definido e poderia agir com independência.

De algum modo, era mais fácil manter seus senti-mentos por Vincenzo em cheque quando ela não se permitia extravasá-los em absoluto. Era como se os tivesse enterrado bem fundo dentro de si, trancado-os de tal maneira que não lhe causariam problemas, e não a fariam ansiar por coisas que não poderia ter.

Não era mais fácil retroceder, fechar-se e compor-tar-se com a mesma educação que teria com um for-midável colega de moradia, do que encarar o fato de que você não tinha nada além de um casamento som-brio e sem significado?

Somente na cama sua fachada escorregava. Somen-te então podia render-se ao que mais queria fazer... que era cobrir todo o corpo de Vincenzo com beiji-nhos que o faziam gemer.

De algum modo, Emma conseguia suprimir seus próprios gritos de anseio e amor e substituí-los pelos suspiros de prazer que escapavam de seus lábios.

E pela manhã, sempre acordava cedo, saindo em silêncio da cama antes que Vincenzo acordasse, cien-te de que era mais difícil esconder emoções na luz matutina enquanto corria para ver Gino. Algumas ve-zes, apertava o menino junto a si, fechando os olhos contra os cachos sedosos dele enquanto imaginava como aquele relacionamento

estranho iria afetar o filho deles.

Então o novo dia chegava e a charada recomeça-va. Aparentemente perfeito, mas interiormente per-turbador.

De certa forma, era muito fácil se colocar no lu-gar dos outros e entender como eles eram vistos. Dois pais que amavam o seu garotinho, mas cujos pólos eram separados.

Mas ninguém sabia a verdadeira dinâmica do rela-cionamento deles, e, mesmo que soubesse, ninguém teria tentado interferir. As garotas locais não teriam sonhado em tentar armar uma cilada para laçar um homem casado, e todos davam valor à ligação Cardini para querer balançar o barco matrimonial.

Convites começaram a chegar... com pessoas ávi-das em conhecer a esposa de Vincenzo... e Emma sa-bia que teria de aprender o idioma italiano se quisesse integrar-se devidamente.

Certa manhã, conversou com Vincenzo sobre isso. Eles estavam tomando café da manhã sozinhos, uma vez que Gino ainda dormia... e quando o filho não estava presente, a tensão entre os dois era geralmen-te muito mais tangível. Ele era a razão para estarem juntos... Com Gino fora de cena, parecia restar apenas um vácuo.

Emma observou Vincenzo partir uma pera ao meio e começar a descascá-la. Aqueles mesmos dedos ha-viam deslizado deliciosamente sobre sua pele durante a noite, mas, na fria luz do dia, tais intimidades pare-ciam ter acontecido com outra pessoa.

O semblante dele estava fechado e ela achou que a boca orgulhosa estava curvada numa leve aparência de desdém.

Talvez Vincenzo estivesse cansado daquele acor-do, agora que tivera a chance de viver a experiência por um tempo, e talvez estivesse pensando melhor sobre manter a esposa não amada ali. Mas Emma vinha tentando encontrar meios de tornar a situação mais tolerável.

— Tenho de aprender o dialeto siciliano — disse ela inesperadamente.

Vincenzo ergueu a cabeça.

— Tem? — perguntou ele, enfatizando a palavra que significava obrigatoriedade como se fosse um in-sulto ao seu idioma.

Emma deu de ombros. Algumas vezes, tinha a sen-sação de que estava apenas levando a vida de maneira mecânica, e desconfiava que hoje iria ser um daqueles dias...

— Será um desafio — disse ela. — Tanto necessá-rio como gratificante.

174

SHARON KENDRICK

SONHOS REALIZADOS

175

As palavras submissas de Emma caíram como gol-pes em sua cabeça, e de repente Vincenzo sentiu-se como um homem saindo de um sonho... ou de uma espécie de coma induzido. Piscou freneticamente quando olhou para a mulher que estava sentada à sua frente, os belos olhos azuis sombrios, a boca larga não mostrando o menor indício de um sorriso, e a pele formigando pela percepção. Ele não poderia mais su-portar aquilo, nem o fato de que era responsável pelo que Emma havia se tornado.

A faca de prata com a qual descascava a pera caiu com estrépitoem seu prato e a fruta foi esquecida.

— Você não tem de aprender a dirigir, Emma — disse ele. — Nem a falar o dialeto, a menos, é claro, que isso seja em benefício de Gino, porque obviamen-te pretendo que ele seja fluente no meu dialeto.

Emma o olhou, tolamente ciente de que a pera esta-va ficando marrom.

— Eu não sei sobre o que você está falando.

—Não sabe? — Ele lhe deu um sorriso melancólico. — Você pode partir, Emma. A qualquer hora que qui-ser. Você venceu. Pode ir tão logo queira.

— Ir embora? Você quer dizer...

— Deixar a Sicília.

Ela cobriu a boca com uma das mãos.

— Não vou deixar Gino para trás! O rosto de Vincenzo petrificou-se.

— Não estou lhe pedindo que faça isso — disse ele, mesmo sentindo que seu coração iria se despe-daçar só de pensar em ter de dizer adeus ao seu ama-do garotinho.

— Você pode levar Gino — continuou friamente. — Tudo que peço é que me permita vê-lo com a maior frequência possível. Que o deixe vir aqui para conhecer, não somente o pai, mas o modo de vida siciliano. Os olhos de Emma estreitaram-se.

— Você está tentando me enganar, não está? — sussurrou ela.

— Enganá-la?

Ela assentiu, seu coração batendo fortemente com medo.

— Sei o que acontecerá. Deixarei Gino voltar nas férias e você o seqüestrará. Manterá seu filho aqui e serei impotente para tê-lo de volta... incapaz de lutar contra o poder da família Cardini. Isso é o que está planejando, não é, Vincenzo?

Houve uma longa pausa e, quando Vincenzo falou, sentiu como se todas as palavras fossem de pedra.

— Você realmente acha que eu seria capaz de uma barbaridade dessa?

Emma abriu a boca, mas alguma coisa a fez fe-chá-la novamente, sabendo que a pergunta era muito importante para uma resposta instintiva. Pensou no quanto Vincenzo adorava seu garotinho, com aque-le amor paternal feroz e terno que jazia no coração do siciliano mais másculo que existia. E pensou em quanto amor Gino tinha para dar... para ambos os pais. Imaginou as lágrimas e confusão do pequeno infante se lhe negassem acesso à sua mãe, e bem no íntimo, sabia que Vincenzo jamais seria capaz de ferir o filho de tal maneira.

Ela meneou a cabeça.

— Não. Não acho. Falei sem pensar, porque eu es-tava com raiva. Sinto muito.

De alguma maneira, o doce arrependimento de Emma tornava as coisas ainda piores, se isso fosse possível, e Vincenzo sentia como se alguém estivesse golpeando seu coração com uma navalha.

— Por favor, não se desculpe, Emma — disse ele com amargura. — Apenas me diga quando desejar partir e farei todos os arranjos.

Ela o estudou por um momento. Quando *e/la* de-sejasse partir? Vincenzo pensava nela como alguma garotinha, com sua fada madrinha para realizar seus desejos? Lembrando-se de seu voto de não mostrar vulnerabilidade, de ser capaz de pelo menos ir embora com seu orgulho intacto, Emma levantou-se da mesa e foi para a janela.

Através de uma nuvem de lágrimas, olhou para fora e para a beleza da paisagem verde e engoliu seco.

— Acho que é melhor eu ir o mais rápido pos-sível. — Porque certamente aquilo minimizaria a terrível dor? Uma partida curta e rápida devia ser mais fácil para eles todos do que uma despedida prolongada? — Se é isso que você quer — acres-centou ela.

Por um momento Vincenzo sentiu a selvagem re-alidade das emoções... sentimentos que tinha passa-do uma vida inteira escondendo, da maneira que ele aprendera esconder-se da dor da morte de seus pais. E, por um instante, pensou no meio mais fácil e suave que estava ali, à sua disposição, para que ele o agarras-se. Dizer a ela sim, sim... vá e vá agora. Pedir-lhe que saísse de sua vida e o deixasse em paz... libertando-o daquela dor insuportável e daqueles sentimentos.

Mas alguma coisa nos ombros estreitos de Emma o fez recuar. Ele podia ver o tremor que ela estava tentando conter, e de repente algo muito mais forte do que um desejo de fugir começou a sobrepujá-lo. Era como uma fogueira que se apagava aos poucos... como se os sentimentos que ele tinha abafado por tan-to tempo estivessem de súbito irrompendo novamente numa chama viva e ardorosa.

— Não, é claro que não é isso que quero! Realmen-te acha que eu quero que você vá,

Emma?

— Sei que você não quer que Gino vá. — Ela falou as palavras com muita cautela, de modo que não houvesse mal-entendido.

— Você — disse ele com pressa e, pela primeira vez na vida, sua voz ameaçou falhar.

— *Che Dio mi aiuti!* Eu não quero que *você* vá!

Emma virou-se para ele e o olhou, agarrando o peitoril da janela, temendo que seus joelhos dobrassem e que pudesse cair a seus pés, e tudo porque o entendera errado. Vincenzo só podia estar falando sobre Gino. Sobre o filho deles.

— Não negarei meu acesso a Gino — sussurrou ela. Mas Vincenzo estava tomado pela emoção agora, por um calor e desejo de dizer-lhe as coisas que há muito tempo estavam diante de seu rosto, todavia estivera cego para enxergá-las. Atravessou a sala e to-mou-a nos braços, mas Emma era uma marionete sem vida quando o fitou, toda a luz desaparecida de seus olhos.

— Isso não tem nada a ver com Gino! — declarou ele. — Não mais. Tem a ver com você. E comigo. Tem a ver com meu amor por você, Emma... porque eu a amo.

Emma meneou a cabeça quando lágrimas começa-ram a marejar seus olhos. Ele estava zombando dela.

— Não...

— *Sì!* Deus me perdoe por levar tanto tempo para perceber isso... mas eu a amo. A mulher com quem me casei. Que capturou meu coração. Que deu a luz ao meu filho e provou ser a mãe mais dedicada do mundo. A mulher que não quero perder jamais. A mulher que não perderei! — acrescentou ele ferozmente. — Por quanto tempo houver ar nos meus pulmões e um coração que bate! — Vincenzo a olhou. — Mas você pode me amar também? Ou é tarde demais, Emma?

A pausa que seguiu sua pergunta pareceu se esten-der infinitamente antes que ela respondesse:

— Eu nunca deixei de amá-lo, Vincenzo... Só Deus sabe que tentei muitas vezes.

As lágrimas estavam correndo por seu rosto agora, ameaçando sufocá-la, e Emma estendeu a mão, pre-cisando tocar-lhe o rosto com os dedos, como se ele não fosse real. Como se Vincenzo não pudesse dizer aquelas coisas, ou fitá-la de uma maneira que ela qua-se esquecera.

Mas ele era real. Tudo que ela sempre desejara es-tava ali, escrito nas feições bonitas do homem que amava.

— *Cenzo!* — soluçou ela.

— Quietinha! — Ele a envolveu em seus braços e aninhou-a junto ao coração até que as lágrimas parassem.

Aquele era possivelmente o abraço mais inocente que Vincenzo Cardini já dera em uma mulher, toda-via, sem sombra de dúvida, era o mais significativo de todos... enquanto a intensidade de suas emoções parecia balançar seu mundo.

Eles permaneceram ali por um longo tempo, até que ambos se acalmassem, e então Emma deu um sus-piro suave contra o pescoço dele. E quando Vincenzo segurou-lhe o queixo, levantando seu rosto, enxugou cada uma das lágrimas com os dedos e jurou que ja-mais a faria chorar novamente.

Ela mordeu o lábio, sabendo que ainda havia coisas que precisava dizer a ele a fim de apagar o passado.

— Eu nunca deveria ter fugido de Roma — sus-surrou Emma. — Quando as coisas começaram a dar errado no nosso casamento, eu deveria ter ficado e tentado salvar a nossa relação. Deveria ter falado com você sobre isso. Fui uma esposa terrível.

Ele tocou os lábios no nariz dela, no mais terno dos beijos.

— E talvez você não tivesse feito o que fez se eu tivesse sido um bom marido, Emma. Portanto, você vê, *cara mia*... somos iguais.

Aquilo era algo que Emma nunca imaginara ouvir de seu magnífico siciliano.

— Isso significa que você espera que eu jamais me submeta à sua vontade? — perguntou ela inocente-mente.

Vincenzo leu a expressão nos olhos azuis e sorriu, entrelaçando os dedos com os de Emma quando co-meçou a conduzi-la em direção ao quarto.

— Pergunta interessante — murmurou ele, seu polegar fazendo um círculo provocativo na palma da mão dela. — Por que não vamos para a cama antes que nosso filho acorde e então discutiremos isso devi-damente, *bella*?

EPÍLOGO

No TOCANTE a festas, deveria ser um grande almoço familiar para dizer adeus a Salvatore.

Mas para Emma era importante e significativo... porque era a primeira festa que ela e Vincenzo estavam dando como realmente casados. Ela havia se ocupado na semana anterior... certificando-se de que o menu sa-tisfaria a todos e que haveria bastante flores naturais para decorar as longas mesas sob cavaletes que estavam colocadas do lado de fora da casa debaixo das árvores.

Salvatore estava deixando o vinhedo e Vincenzo estava assumindo a posição dele. A Sicília era para ser a família deles de agora em diante. Onde Gino viceja-ria e, se Deus quisesse, eles encheriam o castelo com irmãos e irmãs para ele.

— Por que exatamente Salvatore está indo embora? — perguntou ela para Vincenzo, dando um giro final em frente ao espelho e esperando que o vestido de seda verde não parecesse tão extravagante para um almoço festivo.

Vincenzo deu de ombros e lhe ofereceu um leve sorriso enquanto a observava calçando um par de sa-patos de camurça.

— Ele é incansável, *cara*. Agora que nos viu estabe-lecidos, acho que percebeu as muitas vantagens da vida de casado, e acredito que pretenda aproveitar a vida de solteiro antes de encontrar uma noiva siciliana. — Pelo que Emma tinha ouvido através de sussurros entre algu-mas mulheres da família, Salvatore já havia aproveitado muito!

Ela ergueu as sobancelhas enquanto levantava am-bas as mãos para os ombros de Vincenzo e fazia um ajuste desnecessário no paletó elegante, pois adora-va tocá-lo. Amava conversar com ele, assim como o recíproco era verdadeiro. O amor os tinha libertado, tornando-os espontâneos para demonstrar o quanto se importavam um com outro sem limites ou restrições.

— Você deve ir lá em cima — disse ela com relu-tância. — Os convidados estarão chegando dentro de aproximadamente uma hora, e ainda há muita coisa para fazer, e quero pegar Gino, que está com Carmela.

— Mas tudo está pronto, você sabe disso, e Car-mela ficaria muito feliz de levar nosso filho para casa dela se lhe déssemos a menor chance. Além do mais, há uma coisa que quero lhe mostrar.

— Oh! — exclamou ela com um leve franzir de testa quando ele a puxou para seus braços. — E o que pode ser isso?

— Primeiro preciso dizer à minha esposa o quanto ela é *bella* e o quanto eu a amo, depois...

— Depois o quê?

Vincenzo sorriu, o sorriso cheio de amor e sensua-lidade que Emma conhecia tão bem.

— E depois eu dou a ela... isto.

Emma olhou para baixo e viu que ele tinha tirado uma pequena caixa de couro do bolso, e dentro havia um anel que Vincenzo agora estava colocando na mão esquerda dela.

Rapidamente, Emma piscou, e não somente porque o anel era deslumbrantemente bonito — um chuveiro de diamantes que brilhava como luz do sol sobre o mar —, mas por causa das lágrimas que inundaram seus olhos, ameaçando pôr em teste um rimei à prova d'água.

— Oh, Vincenzo — suspirou ela, tremendo.

— Gostou?

— Adorei. Como não poderia adorar? Mas por que você comprou isso? E por que agora?

Ele sorriu, os olhos suaves e indulgentes.

— Porque eu a amo, de todas as maneiras. Porque você é a minha esposa, a minha alma gêmea e a mãe do meu filho. Não é razão suficiente, *cara mia*, ou devo dar-lhe mais algumas? Por que tenho mil razões nas pontas dos dedos, depois mais um milhão.

Por um momento, Emma sentiu-se sufocada para dizer qualquer coisa, então atirou os braços em volta do pescoço dele, segurando-o apertado, como se não pudesse jamais suportar deixá-lo ir... e nunca deixa-ria, sabendo que o amor que ela compartilhava com Vincenzo Cardini era mais brilhante do que todas as estrelas incandescentes que apareciam todas as noites como lanternas no céu claro da Sicília.